

 HARLEQUIN®

MINISSÉRIE

Bianca®



Barbara McMahon

Amor em chamas



MINISSÉRIE
Bianca®

Barbara McMahon
Amor em chamas



Editado por Harlequin Ibérica.

Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.

Núñez de Balboa, 56

28001 Madrid

© 2010 Harlequin Books S.A.

© 2015 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.

Amor em chamas, n.º 44 - Agosto 2015

Título original: Firefighter's Doorstep Baby

Publicado originalmente por Mills & Boon®, Ltd., Londres.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Bianca e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-687-7115-1

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S. L.

Sumário

[Página de título](#)
[Créditos](#)
[Sumário](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Mariella Holmes observou o lago, do pequeno pátio empedrado. Uma mota de água sulcava a superfície do lago a toda a velocidade mas, instantes depois, o barulho suave do motor apagou-se, ao longe. Olhou para a cabana. Dante ainda estava a dormir. Se o barulho tivesse acordado o bebé, ter-se-ia zangado. Fora muito difícil adormecê-lo.

De todos os modos, o que é que aquele louco estava a fazer? Se caísse à água, ia congelar numa questão de segundos. Contudo, sentiu inveja. Aquele homem parecia não se importar com nada e, se estava de férias, devia estar a aproveitá-las ao máximo.

Mariella olhou para as colinas cobertas de árvores, que se erguiam atrás do lago. Aquele lugar devia ser lindo, no verão. Conseguia imaginar as crianças a nadar, as canoas e os barcos a remos espalhados pela superfície. E homens temerários, como aquele, em motas de água. Olhou novamente para o homem e esperou que não tivesse um acidente.

Fechou um pouco mais o casaco e inalou o ar puro da montanha. Era a primeira vez que ia ali e não soubera o que ia encontrar. As colinas estavam cobertas de árvores, havia lagos e pequenas povoações. Era um lugar encantador. Desejou poder explorar tudo, mas não poderiam ficar muito tempo. Fossem como fossem as coisas, seria uma visita relativamente curta. Decidira tirar uns dias, para ir conhecer o lugar de onde procedia o pai de Dante.

Ouviu um barulho forte no lago e voltou a concentrar a sua atenção no homem. Àquela distância, só conseguia distinguir que era moreno, com ombros largos. Parecia não temer nada. Imaginou-se a voar ao lado dele, com o vento a levar todas as suas preocupações.

Tremeu e voltou a entrar na cabana. Aquela teria sido a oportunidade perfeita para ligar a Ariana, contar-lhe como estava a

gostar do lago Clarissa e que vira um homem que despertara a sua imaginação. Ainda lhe custava acreditar que a melhor amiga não voltaria a ligar, para lhe contar, falando a toda a velocidade, como estava a correr a sua vida. Que nunca mais pegaria no filho ao colo, não veria como aprendia a andar e como começava a ir à escola. Mariella limpou as lágrimas do rosto. Ariana estivera ao seu lado quando os pais tinham falhado, mas já não estava presente. Agora, tinha de ser forte.

O tempo sarava tudo e sabia isso. Quase superara a morte dos pais, quando estava em Nova Iorque, no seu primeiro ano da universidade. A dor pela morte de Ariana também seria atenuada. Tinha a certeza de que, com o passar dos anos, recordaria a amiga com carinho. Mas, às vezes, sentia uma dor insuportável. Ariana deixara-a com apenas vinte e dois anos de idade. A vida devia ter-se prolongado até ambas serem velhas, mas acabara prematuramente.

Abanou a cabeça para se tentar livrar daqueles pensamentos e pensou no futuro. Tinha Dante. Tinha trabalho. Tinha um objetivo. Viver a vida, um dia de cada vez. Até esse momento, funcionara bem. Não havia problema se se sentisse incomodada em alguns dias. Era difícil cuidar de um bebé. Pelo menos, tinham saúde, comida e uma vida confortável. E estava a aprender, pouco a pouco, a ser mãe.

Atravessou a sala de estar e aproximou-se para ver o menino, que estava a dormir no carrinho. Depois, olhou para o relógio e soube que depressa acordaria, para beber o biberão. Ainda tinha uns minutos para guardar a comida que comprara e preparar a do menino, antes de ele acordar.

Arrendara a cabana por uma semana, pensando que teria tempo suficiente para conhecer a zona e ver se alguém reconhecia a fotografia de Ariana. Se ninguém a reconhecesse, teriam de se ir embora para Monta Correnti. Não tinha nenhuma pista fiável, nem sabia se estava no lugar adequado. Só sabia que aquele era o lugar de que Ariana lhe falara. A única pista que lhe dera sobre o pai de Dante.

Ariana estivera muito doente e preocupada, durante as últimas semanas de vida. Oxalá a tivesse avisado antes, mas esperara até depois da graduação e até estar em Roma, para partilhar com ela o diagnóstico da sua doença. E apesar de lhe ter suplicado, não quisera dar-lhe o nome do pai de Dante. Só lhe dissera que era daquela zona e que tinham passado um fim de semana fantástico, no lago Clarissa.

Mariella era filha única, ficara sozinha no mundo e a cargo daquele menino. Sempre desejara ter tido muitos irmãos, tios e primos. E desejava que Dante também os tivesse. Talvez pudesse encontrar o pai, contar-lhe que tinha um filho e descobrir que procedia de uma família numerosa e carinhosa, que aceitasse e desse amor ao bebé.

Voltou a olhar para ele e sentiu um aperto no coração. Amava aquele menino, mas era muito difícil ser mãe solteira. Se encontrasse o pai, seria capaz de lho entregar? Uma família numerosa seria o melhor para ele? Ainda não tinha a certeza. Porém, ainda não tinha de tomar nenhuma decisão pois, primeiro, teria de encontrar o pai. Depois disso, decidiria o que fazer.

Cristiano acelerou a mota de água ao máximo. O ar era gelado, mas a emoção da velocidade, o desafio de controlar a máquina e o sol a brilhar na água, fizeram-no sentir mais vivo do que estivera em muitos meses. Os outros pensamentos e preocupações desapareceram. Se a mota pudesse andar ainda mais depressa, teria acelerado mais.

O tornozelo já sarara. Não pudera usar a mota no verão, mas ia fazê-lo no outono. Tinha o lago todo para ele. Sentia-se invencível. Já escapara à morte uma vez, nesse ano. E aquele também não seria o seu dia.

Pensou que daria mais uma volta. Estava tanto frio que os dedos dos pés estavam a começar a intumescer, mas ainda restavam alguns dias de sol, naquela época do ano. Desfrutaria do lago o máximo que pudesse.

Momentos depois, desenhou um oito na água, perto da margem, antes de travar e se dirigir para o cais. O lago Clarissa estava vazio e a praia deserta. Os turistas já se tinham ido embora e ainda não

tinham começado a chegar as poucas pessoas que apareciam no inverno. Tinha tudo aquilo só para ele.

Passou à frente das cabanas que os Bertatali arrendavam e apercebeu-se de que a última estava ocupada. No lago Clarissa, não havia a vida noturna que Monta Correnti oferecia. Quase ninguém se atrevia a entrar no lago, naquela época do ano. Ninguém era tão insensato como ele. Devia tratar-se de um casal de idosos, que fora passear e ver como as folhas das árvores mudavam de cor. E como o lugar ficava perto de Monta Correnti, sempre podiam ir jantar lá.

Chegou ao cais e, pouco depois, tinha a moto na pequena rampa flutuante que arrendara. Prendeu-a bem e foi para terra. Ao dirigir-se para a outra moto, os pés molhados deixaram rasto no cais de madeira. Secou-se, vestiu as calças de ganga e calçou as botas que deixara em cima do selim, assim como uma camisola grossa. Sentia-se bem. Pôs o capacete, sentou-se na moto e pô-la a trabalhar. Ainda se surpreendia que houvesse tão pouco trânsito, em comparação com Roma. Ir de férias para o lago Clarissa sempre fora fugir de tudo. Quando era criança, sempre houvera muito trabalho em casa. E, quando crescera, preferira viajar pelo mundo a passar muito tempo naquela vila pequena e tranquila.

Até os atentados terem mudado tudo.

Um pouco depois da uma, Cristiano desmontou a moto, junto do restaurante Pietro. Assim, não teria de cozinhar. O pai ficaria horrorizado, se descobrisse que não gostava de cozinhar. Não era que não gostasse, mas pensava que, para uma pessoa sozinha, não valia a pena o esforço.

O restaurante tinha uma vasta esplanada, mas estava vazia, naquela época do ano. Não estava muito frio, mas o vento era fresco. Entrou no restaurante. No Pietro, cheirava como em casa. O restaurante onde trabalhara quando era criança, que continuava a pertencer ao pai, tinha a mesma decoração rústica. O Bella Rosa tinha mais clientes e mais agitação do que o Pietro mas, ali, sentia-se menos preso ao passado.

Havia vários casais e alguns grupos a almoçar, mais pessoas do que imaginara, e cumprimentou algumas delas. Emeliano saiu da

cozinha, com um avental branco atado à cintura e uma bandeja pesada nas mãos. Os braços de Cristiano quase doeram também, ao recordar como se sentia, depois de trabalhar um dia inteiro no Rosa. Há anos que não trabalhava lá, mas ainda tinha muitas lembranças. Embora gostasse de as apagar.

– Cristiano, senta-te onde quiseses. Já vou ter contigo – disse Emeliano, enquanto servia uma mesa.

Dirigiu-se para a sua mesa favorita, à frente da grande janela que dava para a praça. Estava ocupada.

Passou por ela e sentou-se na próxima. Depois, observou a mulher que ocupara a sua mesa preferida.

Tinha cabelo loiro, com madeixas acobreadas. Estava com um bebé ao colo e parecia alheia a tudo aquilo que a rodeava. Cristiano pensou que não a conhecia. Devia ser uma turista.

A desconhecida levantou o olhar e os seus olhares encontraram-se. Ela sorriu e desviou o olhar.

Ficou a observá-la. O sorriso dela fizera com que sentisse um aperto no coração. Naquele breve espaço de tempo, apercebera-se de que tinha olhos cinzentos e faces rosadas. Olhou à sua volta e pensou onde estaria o marido.

– *Rigatoni*? – perguntou Emeliano, que acabara de se aproximar da mesa de Cristiano.

– Claro – confirmou, pois comia quase sempre o mesmo.

– Não são tão bons como no restaurante Rosa – admitiu Emeliano.

– Não estou no Rosa – replicou, com naturalidade.

Não teria demorado muito a chegar a Monta Correnti, mas ainda não estava preparado para ver a família. Por vezes, questionava-se se um dia seria capaz de voltar para casa.

– Vi-te no lago. Podias ter morrido.

Cristiano brincara muito no lago quando era criança, com o irmão Valentino e com Emeliano. Sorriu.

– Sim, mas não morri.

– Tens de pensar no futuro, Cristiano. Porque é que Valentino e tu não trabalham no negócio do teu pai? Se Pietro não tivesse três filhos, pedir-lhe-ia para me aceitar como sócio.

– Vai para Roma, procura um apartamento e trabalho – sugeriu Cristiano.

Apercebeu-se de que a mulher que estava na mesa do lado estava a ouvir, mas não se importou pois não tinha segredos.

Bom, só um.

– E a minha mãe? Achas que é tudo muito fácil, Cristiano.

Sorriu, mas era um sorriso falso. Se Emeliano soubesse a verdade, toda a verdade, teria olhado para ele com desprezo.

– Como está a tua mãe?

– Muito mal. A artrite é horrível – Emeliano mexeu as mãos. – Espero nunca a ter.

– Eu também.

Quando Emeliano se foi embora, Cristiano voltou a olhar para a mulher. Ela corou e olhou para o bebé, sorrindo. Segurou na mão dele e inclinou-se para lhe dar um beijo. Depois, voltou a levantar o olhar.

– Vi-te na moto – disse a Cristiano.

Ele assentiu.

– Parece ser muito divertido.

– E é. Quanto tempo tem o teu bebé? – perguntou, olhando para o menino e interrogando-se se era mais pequeno do que o que tivera ao colo, em maio. Não sabia muito sobre bebés.

Ela voltou a sorrir. Tinha uns olhos muito bonitos e Cristiano voltou a interrogar-se sobre quem seria e o que faria no lago Clarissa.

– Tem quase cinco meses.

Era um menino. O pai tinha dois filhos e uma filha. Bom, quatro filhos e uma filha. Cristiano ainda não conseguia acreditar que tinha dois meios-irmãos nos Estados Unidos. Era surreal. Mais um motivo para se manter afastado da família. Não sabia o que pensar do facto de o pai ter guardado aquele segredo durante toda a vida.

O menino tinha cabelo e olhos escuros. Não se parecia em nada com ela.

– É parecido com o pai? – perguntou.

– Não sei, mas a mãe tinha cabelo e olhos escuros. Quando for mais velho, talvez se pareça mais com o pai mas, neste momento, é parecido com a mãe.

– Não é teu?

Ela abanou a cabeça.

– És a ama? – Cristiano pensou que talvez fosse solteira. Parecia amar muito o menino.

– Sou a tutora. A mãe faleceu – revelou, contendo as lágrimas.

Cristiano sentiu-se incomodado e esperou que não começasse a chorar. Nunca sabia como tratar as mulheres, quando choravam. Infelizmente, eram muitas as ocasiões em que tinha de o fazer. Empenhava-se sempre e nunca lhe parecia ser suficiente.

Emeliano chegou com a bandeja dos *rigatoni*, uma salada e uma cesta com pão de alho quente. Olhou para a mulher e depois para Cristiano.

– Querem sentar-se na mesma mesa? – perguntou.

– Não – respondeu Cristiano.

– Seria fantástico – aceitou ela, ao mesmo tempo. – Desculpa! Suponho que não te importas. Não demorarei a ir-me embora.

Cristiano sentiu-se um cretino. Não quisera envergonhá-la.

– Tudo bem, senta-te aqui comigo – convidou, tentando resolver as coisas. – Preciso de um pouco de companhia enquanto como.

– Não, obrigada. De todos os modos, tenho de me ir embora. O bebé gosta de passear.

Procurou o porta-moedas e deixou o dinheiro da refeição em cima da mesa.

Emeliano serviu Cristiano, olhou para ele de lado e foi-se embora, para ir atender outro cliente.

Cristiano apercebeu-se de que a mulher estava corada e envergonhada, e desejou ter pensado um pouco antes de falar.

Levantou-se, pegou na mala e no saco do bebé e dirigiu-se para a porta, sem olhar para ele. Uns segundos depois, desaparecera.

Cristiano pensou que a irmã o teria repreendido por ter sido tão mal-educado. E o pai teria olhado para ele com tristeza. Embora o pai parecesse sempre triste desde a morte da mãe, que já fora há muito tempo. Nunca mais voltara a partilhar a vida com outra mulher.

Cristiano começou a comer. A comida era boa. Ao ver o bebé, lembrara-se da filha do seu melhor amigo, Stephano, que falecera

na segunda explosão.

Comeu devagar e voltou a lamentar por não ter aceitado a companhia da desconhecida e do bebê. Se o tivesse feito, não teria pensado no amigo, nem no resto das suas preocupações.

Mariella pôs Dante no carrinho. Saía o mais depressa possível do restaurante. Aquele homem devia ter muitas mulheres desejosas de ganhar a sua atenção. Era moreno, muito alto, com ombros largos e um aspeto muito masculino. E dotado de uma grande vitalidade.

No fim, até se esquecera de perguntar ao empregado se alguma vez vira Ariana.

E então, passou-lhe pela cabeça que o homem do restaurante podia ser o pai de Dante. Também tinha cabelo e olhos escuros.

– Quem é o teu papá, querido? Vive aqui ou trouxe a tua mãe de visita? – perguntou ao bebê, enquanto passeava.

Sentiu-se tentada a entrar numa loja, mas os corredores eram demasiado estreitos para o carrinho. Teria de pensar noutro plano, que não fosse andar por ali a mostrar a fotografia de Ariana a todos.

Parou perto da igreja e sentou-se num dos bancos de madeira que davam para a praça. Estava abrigada, portanto, sentia-se bem ao sol, apesar de estar frio. Olhou para Dante, que também estava quentinho e parecia contente, olhando para cima.

– Árvore – indicou, embora soubesse que Dante não queria saber como se chamava aquilo.

Apesar de ter lido muitos livros a respeito de recém-nascidos e de ter pedido ajuda às amigas que tinham filhos, ainda não sabia bem como tomar conta do bebê.

A maioria das mães tinha meses para se habituar à ideia. No entanto, ela descobrira que ia ter de tomar conta dele há um mês. Não conseguira preparar-se, nem tinha com quem partilhar a tarefa.

Dante ficou ensonado e achou melhor voltar para a cabana, pensando que o bebê dormiria melhor no berço. Iam passar ali uma semana, portanto, seria boa ideia organizar tudo o melhor possível.

– Não tencionava assustar-te.

Mariella olhou para a esquerda e viu o homem do restaurante, que parara ao seu lado. O sol fazia o cabelo escuro brilhar. Estava a

olhar para ela nos olhos e o coração acelerou. Por um instante, deixou de respirar. Sentiu atração e uma espécie de atordoamento.

– Já me ia embora – declarou, desviando o olhar.

Era muito bonito, alto, moreno e forte. Estaria de férias? Ou viveria ali e teria um trabalho que lhe permitia ter tempo livre a meio da amanhã? Queria saber mais sobre ele.

Sentou-se no banco, junto dela, com o olhar fixo na fonte que havia no meio da praça. Depois, virou-se para ela e estendeu-lhe a mão.

– O meu nome é Cristiano Casali – apresentou-se. – A sugestão de Emeliano apanhou-me desprevenido. Tens um bebé e pensei que seria melhor... Tanto faz. Desculpa por ter sido tão grosseiro.

Deu-lhe um aperto de mão e sentiu um formigueiro. Pigarreou e tentou concentrar-se novamente.

– Não faz mal. Sou Mariella Holmes – apresentou-se, sem olhar para ele. Não podia fazê-lo, até voltar a ter as emoções sob controlo.

– Intriga-me a história do bebé. E, ultimamente, aconteceram-me muitas coisas surpreendentes. Como é que o tens? Pareces ser muito jovem para ser tutora de um bebé.

– Tenho vinte e dois anos, idade suficiente. E tenho amigas que não foram para a universidade, casaram jovens e já têm dois filhos – indicou, recusando-se a contar ao estranho que não estava preparada para ser mãe.

– Está bem, tens idade suficiente. Mas, como aconteceu?

– A mãe faleceu. Quando ainda era viva, acedi a ficar com o menino. Ariana não tinha família.

Sentiu-se orgulhosa por conseguir dizer o nome da amiga sem chorar. E, ao mesmo tempo, reparou que aquele homem parecia não reconhecer o nome.

– E o pai não achou mal? – perguntou.

– Não sei quem é o pai.

Perguntara a todas as amigas de Ariana que conhecia, mas ninguém sabia a identidade dele. Era um segredo que a amiga levava com ela.

Cristiano franziu o sobrolho.

– Ariana, a mãe de Dante, era a minha melhor amiga. Conheceu um tipo e apaixonou-se. Segundo parece, quando lhe disse que estava grávida, abandonou-a. Embora eu não tenha presenciado nada disso. Estava em Nova Iorque, mas a minha amiga ligou-me um pouco antes de Dante nascer. Estava doente e pediu-me para voltar para Itália. Portanto, fi-lo. Quando me pediu para ficar com Dante, não pude recusar. Éramos como irmãs, mas não quis dizer-me como se chamava o pai do bebé.

– O que aconteceu à tua amiga? – perguntou Cristiano, num tom amável.

Mariella demorou um momento a recompor-se. Ainda era difícil falar da morte da sua querida amiga.

– Sofria de leucemia. Descobriu que a tinha quando estava grávida e recuou-se a receber tratamento até o bebé nascer. Dante nasceu saudável e forte, embora umas semanas antes do previsto. E ela morreu quando o bebé tinha duas semanas.

Mariella tentou não recordar a imagem da amiga durante essas últimas semanas. As faces cavadas, o cabelo sem brilho e os olhos muito, muito tristes. Ariana sabia que não veria o filho a crescer. E fizera-a prometer que o criaria. Pouco depois de assinar os papéis necessários para ficar com a guarda de Dante, Ariana entrara em coma e um pouco depois falecera.

– Mesmo assim, pareces ser muito jovem para estar presa a um menino. Não devias estar a desfrutar da vida?

– Obrigada, mas gosto de ser a tutora de Dante.

Não precisava que um estranho questionasse a sua capacidade para cuidar do bebé, pois já passava muitas noites em branco a pensar no assunto. Mariella considerava ser uma honra ter sido escolhida para criar ao filho da amiga.

Não era necessário que ninguém soubesse que se sentia emocionada e que, apesar de amar Dante, não sentia o amor materno que as mães experimentavam. Amava aquele bebé, mas não conseguia evitar pensar que, se Ariana não estivesse grávida, quando descobrira que tinha leucemia, ainda poderia estar viva. Também se sentia mais sozinha do que nunca, isolada, devido às necessidades do bebé.

No entanto, nunca diria isso a ninguém. Amava muito o menino.

– Tenho de me ir embora – declarou, de repente, levantando-se.

Tinha de escapar dos seus pensamentos. Podia criar Dante ou encontrar o pai e assegurar-se de que o menino teria uma família que o amava.

– Tenho a sensação de que te assusto – comentou Cristiano.

Começou a andar, empurrando o carrinho, mas Cristiano seguiu-a e manteve-se ao seu lado.

– Porque vieste para aqui, nesta época do ano? Quase todos os turistas vêm no verão, para desfrutar do lago – declarou. Depois, olhou para bebé e acrescentou: – E vêm com filhos mais velhos, para que possam brincar na água. Não tardará a chover. E está muito mais frio do que há duas semanas. Não dá vontade de estar perto do lago.

– Pensei que talvez pudesse descobrir alguma coisa sobre o pai de Dante. Mas, agora que estou aqui, já não tenho assim tanta certeza disso.

– O que sabes dele? – perguntou Cristiano.

– Nada. Arianne nunca me falou dele.

Chegaram à zona das cabanas do lago. Havia pouco trânsito naquela rua e só se ouvia os pássaros a cantar.

– Estás na última cabana, não é?

– Como sabes? – estranhou Mariella, pensando que seria bom se lhe fizesse companhia por um momento, sobretudo, tratando-se de um homem assim.

– Vi que estava ocupada.

– Vives aqui durante todo o ano? – perguntou.

– Não – respondeu ele.

A expressão mudou, mas Mariella não foi capaz de a decifrar. Só soube que, de repente, se fechara em copas. O que dissera?

– Estás de visita? – sugeriu.

– Vou estar aqui durante alguns dias – foi a única coisa que respondeu.

Sentia cada vez mais curiosidade, mas pensou que não o conhecia o suficiente para fazer muitas perguntas.

O caminho para a cabana estava cheio de pedras escorregadias. Mariella achou difícil empurrar o carrinho, mas Dante parecia estar contente com tanto movimento.

– Deixa-me ajudar-te – ofereceu-se Cristiano, agarrando no carrinho.

Mariella sentiu-se protegida e muito feminina, caminhando ao lado dele. Era assim que devia ser uma família. Um pai, uma mãe e um bebé. Repreendeu-se por sonhar acordada.

– Obrigada – agradeceu, ao chegar à quinta cabana.

No pequeno terraço, com vista para o lago, havia duas cadeiras e uma mesa. Levantara-se um pouco de vento e estava mais frio.

– A partir daqui, já posso ir sozinha – comentou, sorrindo. – Espero voltar a ver-te na vila.

Afastou-se do carrinho e olhou para ela. Mariella teve a sensação de que queria dizer alguma coisa. O olhar parecia atormentado, mas ele limitou-se a assentir e disse:

– Talvez. Costumo ir bastantes vezes à vila. Adeus.

E foi-se embora, caminhando rapidamente. Um minuto depois, desaparecera e levava parte da luminosidade do dia com ele.

Mariella pensou que devia ter mostrado a fotografia. Talvez tivesse conhecido Arianne. Onde vivia? Porque mudara de atitude, quando lhe fizera uma pergunta? Não era um assunto dela, mas sentia curiosidade. Seria casado? Separado ou divorciado?

Em qualquer caso, esperava voltar a vê-lo antes de se ir embora.

Cristiano voltou para a praça, questionando-se se perdera a cabeça. Há meses que nada lhe chamava tanto a atenção como Mariella Holmes. Era bonita, claro, mas tinha algo mais.

Tinha cabelo brilhante, que captava e refletia a luz, que parecia ser forte e sedoso. Desejou ter tocado nele. E um olhar limpo e sincero, que expressava os seus sentimentos.

Tentou ignorar a imagem que tinha na sua mente, dela a acariciar o bebé e a sorrir. De como afastara o cabelo quando o vento lho empurrara para a cara. Estava pronto para se arriscar a ter uma vida normal? As coisas iam começar a correr bem? Vivera demasiadas coisas, para pensar em comprometer-se.

Mas ela também já vivera muito e tinha um bebé.

Nunca se imaginara a ser pai. Nem sequer a ser marido. Gostava de velocidade, de desafios, de atividades que o faziam libertar adrenalina, que lhe confirmavam que estava vivo. O seu trabalho como bombeiro era emocionante, mas perigoso. Tinha colegas casados, mas nunca lhe parecera justo arriscar a vida, quando tinha alguém que dependia dele.

Deteve-se na calçada e observou a água. Talvez não voltasse a lutar contra o fogo com os colegas ou talvez estivesse em forma para voltar na semana seguinte. Ninguém sabia aquilo que o futuro lhe proporcionaria. No dele, talvez houvesse uma mulher bonita, de olhos cinzentos. Mas sabia que seria melhor afastar-se dela.

Mariella Holmes tinha a palavra «compromisso» escrita na testa. O melhor, para os dois, seria manter-se afastado dela.

Aproximou-se da moto, sentou-se e observou as pessoas da vila. Teriam segredos que seriam capazes de mudar as suas vidas? Teriam família com segredos? Teriam preocupações como as que apagavam o sorriso de Mariella?

Aquelas perguntas eram muito filosóficas. Pôs o capacete preto e a moto a trabalhar. Não estava longe da casa da sua família. Quando era criança, gostava de ir a pé até ao lago. Os tempos felizes da sua família pareciam ter ficado para trás. Acelerou, como se assim pudesse fugir das lembranças.

Já era de noite quando estacionou nas traseiras de casa. Entrou na cozinha, sem olhar para os pratos que havia na bancada e no lava-loiça e foi direto ao armário que havia ao lado dos fogões, de onde tirou uma garrafa de conhaque. Pesava muito menos do que na noite anterior. Sentou-se na bancada, pegou num copo e ficou a olhar fixamente para a garrafa. Com um movimento violento da mão, fê-la cair no chão de pedra, partindo-a em pedaços. E o cheiro do conhaque impregnou o ambiente.

Não precisava de se embriagar. Entrou no quarto e foi tomar um duche, pensando no sorriso de Mariella Holmes e no amor que ela mostrara ter pelo menino. Era o que queria, sentir-se unido a alguém. Sentir paixão e carinho, ter esperança no futuro. Amar. Atrever-se-ia a arriscar, a voltar a vê-la?

Capítulo 2

Mariella levantou-se às cinco da manhã para dar o biberão a Dante. Quando adormeceu novamente, pegou no computador e pôs-se em contacto com os clientes. Ser assistente virtual tinha as suas vantagens. Podia trabalhar em casa e adaptar-se aos horários de Dante. Contudo, não tinha nada a ver com o trabalho que sonhara fazer, ao acabar os estudos.

Em Nova Iorque, falara muitas vezes com os amigos sobre montar a sua própria empresa de marketing. No entanto, sentia-se sortuda por ter encontrado um trabalho com o qual pudesse pagar a renda e todas as suas despesas. Era caro sustentar um bebé.

Quando Dante voltou a acordar, a meio da manhã, já acabara de trabalhar. Portanto, fechou o computador. Dois dos seus clientes mais importantes estavam fora nessa semana, o que lhe deixava tempo livre para começar a procurar o pai de Dante. Aquela era uma maneira pouco coerente de o fazer, mas era um começo. Contratar um detetive privado teria sido muito caro.

Deu banho ao bebé e deu-lhe de comer. Depois, também tomou banho e preparou a comida. Como Dante ainda estava acordado e estava um dia lindo, levou-o para o pátio, no carrinho. Desejou que houvesse uma cadeira de baloiço. Comprara uma assim que descobrira que ia ter Dante em sua casa. O balançar tranquilizava o bebé, enquanto bebia o biberão. Contudo, só ficariam ali uma semana.

Reparou que naquela tarde não havia motas de água e tentou não se sentir dececionada. Observou o azul intenso da água, que contrastava com o azul-claro do céu e com o verde das árvores, e sentiu-se melhor.

Depois, pegou no bebé ao colo e deu-lhe um beijo na bochecha.

– Não achas que é um lugar lindo? – perguntou. – Oh, Dante, o que vamos fazer? – sussurrou. – Amo-te muito, mas cada vez que

te vejo desejo que a tua mãe pudesse ver-te também. Amava-te tanto... Um dia, vou contar-te o quanto te amava.

Nesse momento, um barulho captou a sua atenção, olhou para o lago e sorriu.

– É ele – disse ao bebé. – O homem de ontem.

Cristiano sulcou o lago a grande velocidade e Mariella questionou-se se não teria medo de nada. Se o fizesse, iria sentir-se aterrorizada.

Recordou como olhara para ela com aqueles olhos castanhos, com intensidade, e o coração acelerou.

Esperara voltar a vê-lo. Queria saber mais coisas dele. Que lhe falasse da vila e dos seus habitantes. Que lhe contasse a que se dedicava, onde vivia, o que o fazia rir. Haveria alguma mulher especial na vida dele? Achava que não, mas gostaria de ter a certeza.

Haveria lugar na sua vida para ela?

Que tolice, só ia estar ali uns dias.

Ao aproximar-se do pequeno cais que havia à frente da cabana, Cristiano abrandou a velocidade até parar. Depois, olhou para ela.

Mariella quase se riu, segurou Dante com força e aproximou-se dele.

– Olá! – cumprimentou. – Parece incrível. Andas sempre muito depressa?

– Não muito. Queres dar uma volta? – perguntou, sorrindo de uma forma atrevida e olhando para o bebé.

– Com o bebé não, muito obrigada. Nunca deixarei que ande numa dessas.

– Talvez quando for mais velho – comentou Cristiano.

– É muito perigoso. Não tens frio?

A brisa recordou a Mariella que era outono e não verão, mas Cristiano fê-la aquecer com o seu olhar misterioso. A atração que havia entre eles confundia-a. Nunca sentira algo parecido por um homem. Cristiano era diferente? Ou seria uma reação normal, depois de vários meses a lidar apenas com Dante?

– Tenho os pés congelados. Tenho de me ir embora. Hoje, vais à vila?

Mariella não decidira ir, até ele perguntar.

– Sim, daqui a pouco. Também vais? – perguntou, exibindo o melhor dos seus sorrisos. Estava a namoriscar com ele? Sim. E sentia-se lindamente.

– Ofereço-te um gelado – convidou Cristiano, olhando-a nos olhos.

Ela assentiu.

– Obrigada. Não caias pelo caminho.

– Nem pensar! – exclamou, antes de ligar a mota de água e voltar para o pequeno porto da vila.

Seguiu-o com o olhar, até deixar de o ver com nitidez.

– Bom, vamos voltar a vê-lo – disse a Dante, voltando para a cabana. Estava ansiosa.

Cristiano levou a mota de água para o atracadouro e desligou o motor. Voltara a deixar a roupa em cima da moto mas, desta vez, não a vestiu por cima da roupa molhada. Usou os balneários públicos para trocar de roupa. Recusava-se a refletir a respeito da razão por que parara, para a ver. Vira-a no pátio e não conseguira resistir.

Vestiu-se e guardou a roupa molhada na parte traseira da moto. Demoraria dois minutos a chegar à praça. Deteve-se a uma certa distância, desligou o motor, sentou-se na moto e observou Mariella, que estava a falar com o padre Andreas. Ele abanava a cabeça e sorria para o bebé que estava no carrinho.

Nesse instante, o sol escondeu-se. Cristiano recordou-se de ter tido um bebé ao colo, a chorar. O pesadelo do fumo, da escuridão e dos gritos invadiu-o. Por um instante, voltou a estar lá, nos túneis do metro, a lutar para respirar, para se manter de pé, para sobreviver com os dois meninos, que eram muito novos para morrer.

Sentiu o calor do fogo atrás das costas. Ouviu os gritos das outras pessoas que tentavam escapar ao incêndio, os gritos dos que estavam a morrer. Conseguia cheirar o fumo e o pó, como acontecera quando o capacete se partira.

Não conseguia respirar. Não conseguia ver. Onde era a saída? Onde estava o ar puro, o sol, a vida?

Ouviu um grito mais alto do que os outros. Sentiu uma dor no tornozelo e pestanejou. Baixou o olhar e viu uma bola. Dois meninos aproximaram-se a correr e as suas gargalhadas ecoavam na praça.

Olhou à sua volta. Mariella estava a empurrar o carrinho na direção dele. O sol brilhava e não havia nuvens. Era uma cena bucólica de paz, tranquilidade e vida.

Respirou fundo e desejou poder pensar apenas no presente. Pensara que tinha aqueles *flashbacks* sob controlo. Isso acontecia desde que...

– Olá! – cumprimentou ela, sorrindo.

Ninguém parecia ter percebido. Só ele. Acontecera muito depressa. Seria por causa de Mariella?

Não queria que ela soubesse. Passariam algum tempo juntos, desfrutariam da companhia um do outro, mas depois iria para casa, o lugar onde estava desde que saíra do hospital. Ninguém da família sabia que as suas feridas iam para além do tornozelo ferido.

– Estás bem? – perguntou Mariella.

– Claro – respondeu. – Conheces o padre Andreas?

– Acabei de o conhecer. Mostrei-lhe a fotografia da minha amiga, para o caso de a reconhecer. Mas nunca a viu.

Tirou-a do bolso e mostrou-lha. Ele pegou na fotografia. O sorriso daquela desconhecida fez com que sentisse um aperto no coração. Não parecia ter sequer a idade de Mariella. Sentiria a mesma dor que ele sentia, quando pensava no amigo Stephano? Teria tentado aproveitar melhor o tempo com ela, se soubesse o que o futuro lhe reservava?

Se soubesse que Stephano ia morrer na explosão, teria agido de outra maneira nos dias anteriores? Ou teria continuado a presumir que viveriam sempre?

Aprendera bem a lição. Ninguém podia prever o futuro. Teria de desfrutar da vida enquanto pudesse.

– Não a conheci – replicou, devolvendo a fotografia a Mariella. – Quando esteve aqui?

– Não sei. Há mais ou menos ano e meio. É a única coisa que sei. Pensei que talvez alguém a reconhecesse numa loja ou restaurante – e guardou a fotografia. – Por enquanto, não tive sorte.

– O que vais fazer, se o encontrares?

– Ainda não sei. O bebé devia estar com a família. Espero que o pai tenha uma grande família, que possa amar Dante. Talvez nunca o encontre, mas quero poder dizer ao menino, um dia, que pelo menos tentei.

– A tua família pode ser a dele.

Encolheu os ombros.

– Não tenho família. Ariana era o mais parecido que tinha com uma irmã. Os nossos pais tinham morrido e nenhuma de nós tinha mais parentes. Talvez seja uma loucura procurar o pai dele mas, se fosse eu, gostaria de saber quem era. E talvez seja mais fácil encontrá-lo agora, do que quando Dante tiver vinte e um anos.

Cristiano não sabia como reagiria, se descobrisse que tinha um filho com essa idade.

De certo modo, os acontecimentos recentes na sua família pareciam-se um pouco com a situação de Mariella. Ainda não conseguia acreditar que o pai tinha mais dois filhos, mais velhos do que ele, que tinham crescido muito longe deles.

Pensou que nunca iria abandonar um filho, se o tivesse. Como é que aquele pai pudera fazê-lo?

Desmontou a moto.

– Perguntaste a toda a gente?

– Neste momento, só ao padre e ao proprietário das cabanas.

– Anda, ofereço-te um gelado. E também poderás perguntar lá. Penso que será melhor perguntar em restaurantes e nas lojas, que é onde vão os turistas.

– Talvez. Mas é provável que só tenham vindo num fim de semana, em pleno verão – indicou, empurrando o carrinho.

Estava sol. O ar era fresco, mas agradável. E estava a passear ao lado de um homem bonito, atencioso. Não queria falar de Ariana. Queria saber mais de Cristiano.

A geladaria estava completamente vazia.

– Não é a melhor época do ano para comer um gelado. Queres outra coisa? – perguntou ele.

– Não. Pode ser um gelado. Poderei dar um pouco a Dante. Ainda não come a sério.

Pediram os gelados e voltaram para a praça, para se sentar ao sol.

– Já viveste aqui? As pessoas conhecem-te – comentou Mariella.

– Os meus avós eram daqui. Tinham uma casa perto do lago. Vivemos com eles quando éramos pequenos, porque o meu pai estava a trabalhar. No verão, íamos nadar no lago. Às vezes, acampávamos no bosque.

Observou como Mariella lambia o gelado e soube que a existência solitária que tivera nos últimos meses chegara ao fim. Há muito tempo que não se sentia normal. O que tinha aquela mulher, para mudar tudo isso? Consequia esquecer os seus pesadelos, quando estava com ela. Talvez devesse levá-la para casa até o feitiço se quebrar.

Mas tivera um *flashback* há instantes. Desviou o olhar. Não devia ir à vila. E se tivesse um enjoo? Teria de superar aquilo, antes de voltar a recuperar a sua vida.

– Parece que te divertiste muito aqui – comentou Mariella.

– Sim, foi uma época muito feliz. O meu avô viveu bastante e fazia parte deste lugar. Encheu a minha infância de muitos momentos divertidos, emocionantes.

Custava-lhe pensar no passado, quando ouvia a voz de Mariella, suave e musical.

– É daí que vem a temeridade? – brincou.

– Temeridade? – repetiu Cristiano, esquecendo-se por um momento de onde estavam e questionando-se sobre o que aconteceria se lhe desse um beijo.

Mariella tinha os olhos brilhantes e o nariz coberto de sardas. Beijos do sol. Desviou o olhar antes de fazer uma tolice, pois desejava cobri-la de beijos. Tinham acabado de se conhecer. Era muito cedo para pensar em beijos.

Contudo, à medida que os segundos iam passando, não pôde evitar pensar nisso. Desejou pegar-lhe na mão e sentir a sua suavidade. Sentar-se mais perto, para sentir o calor do corpo dela. Aproximar-se tanto, que só pudesse vê-lo a ele. Descobrir aquilo que tanto o fascinava nela.

– Percorres o lago como se quisesse voar. Parece-me ser uma temeridade – explicou Mariella, aproximando-se um pouco mais.

A atração seria recíproca? Cristiano respirou fundo, inalando o cheiro suave, a flores. Susteve a respiração por um instante, para o saborear. Depois, respirou fundo e abanou a cabeça.

– Eu não sou temerário. Terias de conhecer o meu irmão Valentino. Ele é o temerário da família.

Ela apontou para a moto, estacionada do outro lado da praça.

– É um meio de transporte perigoso.

– Não, se souberes o que fazes.

– Fala-me de como se vive aqui, sobretudo, no verão – pediu ela.

Cristiano não queria falar de si próprio, queria saber mais de Mariella. Mas começou a contar como tinham sido os seus verões a brincar à beira do lago, a subir as rochas da margem, a aprender a nadar. Depois, falou das noites que passara com Valentino, a passear pelo bosque, a sentirem-se corajosos e crescidos por enfrentarem a escuridão.

Ela riu-se ao ouvir as suas histórias e, de vez em quando, olhava para Dante. Quanto mais Cristiano falava, mais simples parecia o mundo. Gostou de a ouvir a rir. E quanto mais se ria, mais extravagantes eram as histórias.

– Agora, fala-me de como eram as tuas férias – pediu, ao fim de um momento.

Há muito tempo que tinham acabado de comer o gelado. O bebé adormecera e Mariella parecia contente por estar ali, sentada ao sol. Era como se tivesse trazido a luz do sol para a vida escura de Cristiano.

– Íamos sempre a lugares onde podíamos aprender história. O meu pai era contabilista, mas adorava história. Portanto, fomos a Pompeia, a Turim, a Florença e, como é óbvio, a Veneza – e sorriu, ao recordar.

Cristiano soube, pela expressão, como desfrutara daquelas férias.

– Ariana acompanhava-nos, quando éramos adolescentes. Em Veneza, namoriscávamos com os gondoleiros. Embora nos ignorassem – riu-se e, de repente, os olhos encheram-se de

lágrimas. – Devíamos de ter podido recordar todas essas loucuras, quando fôssemos velhas. É muito injusto que tenha morrido.

Cristiano desejou reconfortá-la, mas só o tempo poderia sarar aquela dor.

– Um amigo meu também faleceu, em maio. A vida é muito injusta. Sou solteiro e tenho poucas responsabilidades, mas ele tinha mulher e dois filhos. Porquê ele? Devia ter sido eu.

Olhou para ele, surpreendida.

– Nunca digas isso! A vida é um bem precioso. Temos de desfrutar de cada momento. Talvez ainda mais, porque agora também estamos a viver pelos nossos amigos.

As lembranças voltaram a atormentá-lo e sentiu que devia ir-se embora, antes de perder a compostura. Levantou-se.

– Tenho de ir.

Sentia muita dificuldade em respirar. Agarrou-se ao presente com desespero.

– Obrigada pelo gelado. E pela conversa – agradeceu ela.

Cristiano assentiu e dirigiu-se para a moto. Não queria continuar a brincar com fogo. Conhecia os seus limites e já os estabelecera. Era o momento de fugir.

Pôs a moto a trabalhar e olhou para Mariella, que o observava com a cabeça inclinada, como se se questionasse sobre o que acontecera.

– Amanhã, vem outra vez – pediu ele.

Ela sorriu e assentiu.

Observou Cristiano a ir-se embora. Nunca conhecera um homem tão surpreendente. Pensara que estavam a conversar muito bem, quando ele se levantara e se fora embora. Tentou recordar o que dissera, para que tivesse aquela reação. Tinham estado a falar das suas lembranças e lamentara o facto de não poder envelhecer ao lado de Ariana.

Era estranho que ambos tivessem perdido um amigo e, por um instante, isso reconfortou-a. Cristiano conseguia entender a tristeza que sentia com a morte da amiga.

Nessa noite, Mariella brincou com Dante até ele adormecer. Estava a gostar daquelas férias improvisadas. Continuava a

trabalhar para manter os clientes contentes, mas conseguia passar mais tempo com o menino.

Porém, não podia dar-se ao luxo de ficar muito tempo no lago Clarissa. Queria continuar à procura do pai de Dante antes de voltar para Roma, portanto, no dia seguinte, continuaria a perguntar. E, se não conseguisse resultados, iria para Monta Correnti.

Depois de trabalhar, pensou em procurar o nome de Cristiano na Internet e descobriu que era bombeiro e que estivera presente nos atentados do mês de maio, em Roma. E que era um herói. Salvava sete vidas, entre elas, um menino e um bebê, que tirara do túnel do metro. E ficara ferido.

Mariella leu todos os artigos sobre o atentado. Naquela época, estivera a acabar os exames finais, em Nova Iorque.

Já imaginara que Cristiano tinha um trabalho que exigia boa preparação física, porque era um homem forte, musculado, e estava em forma. E, quando estava perto dele sentia-se segura. Procurou uma fotografia dele na Internet, mas não encontrou.

Era tarde quando desligou o computador. Verificou se a porta e as janelas estavam bem fechadas e apercebeu-se de que estava frio dentro da cabana. Ligou o aquecimento e preparou-se para ir para a cama. Tapou Dante, que estava a dormir profundamente, e tremeu de frio. O outono chegara realmente. Pelo menos, o menino estaria quentinho durante a noite e ela também, assim que se deitasse.

Cristiano acordou de repente e ergueu-se na cama. Respirava com dificuldade, devido ao pesadelo. Respirou fundo e tentou tranquilizar-se. Estava escuro como no túnel, depois dos atentados. Lá, a única iluminação era a luz do seu capacete.

Afastou o lençol e levantou-se, aproximou-se da janela e abriu-a para entrar o ar fresco. Respirou fundo outra vez. Não havia fumo. Ninguém gritava, aterrorizado. Só havia campo e as árvores tapavam as estrelas. A lua ia baixa no horizonte e a sua luz dançava sobre a água do lago.

Agarrou-se ao parapeito da janela e lutou para esquecer o pesadelo. Tinha-o muitas vezes, desde aquele dia fatídico. Pouco a pouco, o eco dos gritos começou a dissipar-se. O horror desapareceu. Os sons suaves da noite voltaram a ser evidentes.

Um momento depois, foi vestir-se. Nessa noite, já não conseguiria dormir mais.

Bem agasalhado, foi buscar a moto. Um passeio pelas estradas da montanha limparia a sua mente. Sabia que estava a tentar fugir dos seus demónios, mas nada o faria esquecer aquele dia. Mesmo assim, não podia continuar em casa nem mais um minuto. Precisava de respirar ar fresco.

Estava a amanhecer quando voltou para a vila. Pensou que beber uma chávena de café quente lhe faria bem.

Estava na estrada que rodeava o lago quando sentiu o cheiro.

Fumo.

Sentiu um nó no estômago. Por um instante, achou que imaginara. Respirou fundo e, sim, estava no ar. Onde havia fumo, havia sempre fogo. Reduziu a velocidade e olhou à sua volta. Ninguém podia ter feito uma fogueira àquela hora, pois estava quase a amanhecer. O cheiro tornou-se mais forte. Era à esquerda, perto do lago.

Por um momento, não soube o que fazer. Parou a moto e apoiou um pé no chão. Todos os músculos estavam em tensão. Não conseguia mexer-se, estava paralisado. Onde estavam os bombeiros da vila? Porque não havia ninguém? O alarme tocara?

De repente, o instinto fez com que voltasse a mexer-se e pôs a moto a trabalhar.

Viu uma luz onde só devia haver escuridão. Pisou o acelerador e depressa chegou às cabanas dos Bertatali. A luz procedia da última, onde estavam alojados Mariella e o bebé!

Acelerou e buzinou. Num segundo, viu luzes na casa dos Bertatali, mas não parou e esperou que eles também vissem o fogo, e agissem. Parou perto da cabana, deixou cair a moto e correu para a porta. Pela janela da sala de estar viu que o interior estava em chamas. O telhado também estava a arder.

Correu para a parte de trás e tentou adivinhar qual era a janela do quarto. Bateu no vidro, mas não obteve resposta. Portanto, virou-se e procurou algo para o partir. Encontrou o ramo de uma árvore. Rezou para que o bebé não estivesse a dormir debaixo da janela e partiu o vidro.

O fumo saiu lá para fora. Através da porta, viu as chamas da sala.

– Mariella! – gritou, apoiando-se no parapeito e afastando os vidros partidos, sentindo que se cortava e tossindo com o fumo.

– Sim? – perguntou alguém, sonolento.

Cristiano entrou e apercebeu-se de que tinha de se apressar.

– Levanta-te! – gritou, fechando a porta do quarto, com esperança de que tivessem tempo para sair antes de as chamas avançarem.

Onde estava Dante? Procurou o bebé e ouviu chorar perto da parede. Pegou no bebé ao colo e voltou a procurar Mariella, que não respondia. Teria desmaiado com o fumo?

Encontrou-a na cama e pegou nela ao colo.

– A cabana está em chamas – avisou.

Ouviu sirenes. Finalmente. O medo paralisou-o. Ouviu uma explosão. O túnel estava a cair? Haveria mais bombas? Porque é que a sua máscara não funcionava? Tossiu e dirigiu-se para a abertura. Ouviu gritos de homens e mulheres. O bebé começou a chorar. Onde estava o menino? Onde estava Stephano? Quem poderia ter feito algo parecido? Quanto tempo tinha?

– Cristiano?

Ouviu a voz de Mariella, que tossia.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Não sei. Vai lá para fora.

Tinham chegado à janela, ajudou-a a sair e saltou o parapeito com Dante ao colo, sem hesitar. Ouviu-se um estrondo. Parte do telhado da parte da frente acabara de cair. Já na rua, Cristiano agarrou Mariella pelo braço e afastou-a dali, com o bebé a chorar no seu colo. O passado e o presente fundiram-se. Cristiano não parou de correr até reconhecer o lago. Mariella continuava ao seu lado e tossia.

Os voluntários da vila estavam a caminho. Ouviram-se as sirenes. Cristiano fez um esforço para manter a sua mente no presente e não reviver o terror do mês de maio.

Poucos segundos depois, o camião dos bombeiros parava à frente deles. Apoiado numa árvore, Cristiano observou as chamas. Nessa noite, o incêndio não acabara em tragédia.

– Todas as minhas coisas... – murmurou Mariella, olhando para a cabana. – O meu computador, a minha roupa, a roupa de Dante... Como pode ter acontecido algo parecido?

Tinha lágrimas nos olhos. Voltou a tossir.

Rodeou-a pelos ombros com um braço. O bebé chorava no seu colo.

– São apenas coisas – salientou. – O bebé e tu estão a salvo, é isso que importa.

Stephano e muitos outros não tinham tido tanta sorte.

Viu como o fogo devorava a cabana numa questão de segundos. Sentiu que Mariella tremia e tirou o casaco para lho pôr pelos ombros. Depois, deu-lhe o bebé. Estava descalça e devia estar gelada. Sem dizer uma palavra, Cristiano pegou em ambos ao colo e dirigiu-se para casa dos Bertatali. Doía-lhe o tornozelo esquerdo, mas aguentou.

A senhora Bertatali estava no alpendre, com os olhos cheios de lágrimas. Quando viu Cristiano com Mariella e o bebé, aproximou-se a correr.

– Graças a Deus que estão bem. Obrigada, Cristiano. Dá-me o bebé – pediu. – O que aconteceu?

– Não sei – respondeu ele. – Vi o fogo da estrada e vim ver.

– Eu estava a dormir – comentou Mariella. – Cristiano acordou-me. Como começou o incêndio? – perguntou, voltando a tossir com força.

– Tenta respirar devagar. Inalaste muito fumo.

– Não sei o que pode ter acontecido – replicou a senhora Bertatali. – Paolo foi ajudar os bombeiros. Eles vão dizer-nos o que aconteceu. Deixaste o forno aceso ou algo parecido?

– Não. Desliguei tudo depois do jantar – disse Mariella.

– Oh, os teus pobres pés! Tens cortes. Vou buscar toalhas para os limpar! – exclamou a senhora Bertatali, indo para casa com o bebé ao colo.

– Tive de partir a janela para entrar no quarto. A sala de estar já estava em chamas, quando cheguei – explicou Cristiano, enquanto deixava Mariella numa cadeira e se ajoelhava para lhe examinar os

pés. Só tinha um corte profundo, o resto eram arranhões. – Penso que vais precisar de levar pontos.

Logo depois, chegaram mais bombeiros e uma ambulância, para levar Mariella e o bebé para o hospital.

– Irei ver-vos – tranquilizou Cristiano.

Depois, voltou para avaliar o incêndio e viu que a situação já estava sob controlo. Estava a começar a acalmar-se. Conseguia ouvir Stephano a chamá-lo.

Foi buscar a moto e saiu dali, tentando fugir do passado.

Capítulo 3

Na ambulância, Dante continuou a chorar até Mariella pegar nele ao colo e o aninhar contra o peito.

– Oh, querido, quase morremos – murmurou, com lágrimas nos olhos.

Tossiu com força. Apesar da máscara de oxigénio que lhes tinham posto, sentia dificuldade em respirar. Era como se tivesse um grande peso sobre o peito.

– Estamos quase a chegar ao hospital. Vão limpar-te os olhos e deixar-te com oxigénio até amanhã – explicou o médico da ambulância, com amabilidade, oferecendo-lhe um lenço para limpar as lágrimas.

O bebé acalmou-se. Deu-lhe um beijo na face e desejou poder relaxar como ele, e esquecer tudo. Mesmo que fosse apenas durante umas horas.

No hospital, receberam os cuidados de várias enfermeiras. Uma delas pegou no bebé ao colo e prometeu a Mariella que cuidaria dele. Uma outra ajudou-a a sentar numa cadeira de rodas e levou-a para as urgências, onde lhe limparam os ferimentos dos pés e lhe deram alguns pontos no corte do pé esquerdo.

– Onde está o meu bebé? – perguntou Mariella.

– Na pediatria. Puseram-no a oxigénio. Já o examinaram e parece estar bem. Em breve, poderá voltar a vê-lo.

Mariella assentiu. Já sentia falta dele. Precisava de ver se estava bem, mas tinha de ter paciência. Pela primeira vez, tinha tempo para pensar. Cristiano salvara-os. Não sabia porque estava lá naquele momento, mas dava graças a Deus por isso. Era um herói. Se não fosse ele, Dante e ela teriam morrido.

Um momento depois, levaram-na para ir ver o menino. Quando finalmente o viu a dormir, permitiu que a conduzissem para o seu próprio quarto, onde insistiu em tomar um duche rápido, antes de se

deitar na cama, com o oxigénio, e tentar dormir. Contudo, não pôde deixar de se questionar sobre o que teria acontecido, se Cristiano não tivesse chegado. E como o fogo tinha começado. Demorou muito tempo a adormecer.

No dia seguinte, Mariella admirou, pela janela do hospital, a beleza de tudo aquilo que a rodeava. Os jardins davam para umas colinas e, mais à frente, estava o lago. A vila estava por detrás das colinas e não se via fumo no céu azul.

Todos continuavam com a sua rotina. Perdera a sua roupa e o seu computador. E a fotografia de Ariana. Dante só tinha o pijama que usara na noite anterior. O seu trabalho dependia dos clientes, portanto, teria de conseguir um computador o mais depressa possível. Em casa, tinha cópias de segurança dos arquivos, portanto, não teria de começar do zero. Mas aquilo ia tornar as coisas mais difíceis.

Estava mais calma, depois de ter dormido algumas horas. E precisava de ser forte para seguir em frente. Talvez devesse voltar para Roma, imediatamente, mas não sabia se teria outra oportunidade para procurar o pai de Dante.

Apesar do oxigénio, continuava a ter dificuldade em respirar. Contudo, deram-lhe alta e disseram que dentro de alguns dias teria de voltar, para fazer um exame.

Foi para o serviço de pediatria, coxeando um pouco, devido aos ferimentos do pé esquerdo. Abrandou o passo, ao ver Cristiano a observar os bebés.

– Cristiano?

Ele virou-se e sorriu, ao vê-la.

– Como estás?

Mariella tossiu, sorriu e aproximou-se mais dele.

– Muito melhor. Já me deixam ir para casa – olhou para a sala onde estavam os bebés. – Dante está aqui?

– Não, aqui só há recém-nascidos. Olha como são pequenos.

Mariella viu quatro bebés e sorriu.

– Dante também era assim quando nasceu. Agora, vê como está grande.

Ele virou-se e estudou-a com o olhar.

– Estás mesmo bem?

– Vou estar, em breve. Vamos buscar Dante.

Estava vestida com a roupa que a enfermeira do turno da noite lhe emprestara. Os pés não doíam muito, mas tinha de tirar aqueles chinelos. Começou a pensar em tudo o que tinha de fazer.

Ao chegar ao serviço de pediatria, a enfermeira anunciou que tinham dado alta a Dante.

Mariella aproximou-se do berço e o menino olhou para ela e levantou os braços, sorrindo. Pegou nele ao colo e abraçou-o. Quase chorou ao pensar que poderia tê-lo perdido. Era o seu filho. Amava-o. Era o seu único vínculo com a amiga Ariana.

Virou-se para Cristiano.

– Não sei como te vou agradecer, por nos teres salvado – disse, respirando fundo.

– Espero que recuperes depressa. Também fico feliz por ter estado lá.

– E por saberes o que fazer. Nem quero pensar no que poderia ter acontecido.

– Não penses nisso. Vamos sair daqui – incitou. – Não gosto de hospitais.

Lá fora, Cristiano conduziu-a para um desportivo preto, que estacionara ali perto.

– Tens um carrinho para Dante? – perguntou Mariella.

– O hospital emprestou-nos um. Teremos de o devolver quando tivermos outro. Agora, temos de ir comprar roupa para ti. Embora isso não queira dizer que não estás bonita com esse conjunto.

Ela riu-se e voltou a tossir.

– Obrigada. Não há nada como um elogio, para aumentar o ego de uma mulher.

Pôs Dante no carrinho. O menino parecia estar contente.

– Parece que está bem – comentou Mariella. – Nem sequer tem tosse.

Ao ter o menino bem sentado, virou-se para Cristiano.

– Tenho milhares de coisas para fazer. Tens a certeza de que queres acompanhar-me?

– Quem mais poderia fazê-lo?

Mordeu o lábio e assentiu. Só tinha amigos em Roma, portanto, estava disposta a aceitar a ajuda dele.

– Não tenho documentos, ficou tudo queimado. E o dinheiro. Suponho que devíamos ir ao banco, em primeiro lugar, para ver se me dão um pouco de dinheiro.

– Se não te derem, posso emprestar-te. Entra no carro, está frio.

Quinze minutos depois, Mariella estava a falar com o gerente de uma dependência bancária, a contar-lhe a sua situação. Dante estava no colo de Cristiano.

– Está tudo resolvido – disse o gerente, finalmente, desligando o telefone. – Vão dar-lhe dinheiro e um livro de cheques provisório. Enviaremos outro para sua casa.

– Muito obrigada – agradeceu Mariella.

Tinha conseguido resolver tudo, porque o gerente conhecia Cristiano e a família dele. E sentiu-se novamente agradecida.

Depois, foram comprar um carrinho novo para Dante.

– Compra também algumas peças de roupa. Eu fico com ele, enquanto as experimentas – sugeriu Cristiano.

– És um santo por fazeres tudo isto por mim – elogiou. – Não sei se conseguiria fazer tudo sozinha.

Cristiano estendeu a mão e afastou-lhe uma madeixa de cabelo do rosto. Mariella sentiu um calafrio, sorriu com timidez e desejou agarrar-lhe na mão para que lhe desse força. Mas não o fez.

– Tenho a certeza de que terias sobrevivido sem mim mas, estando aqui, porque haverias de fazer tudo sozinha?

Ela assentiu. Sabia que Cristiano estava a fazer um esforço por ela. A senhora Bertatali comentara que Cristiano não saíra do lago Clarissa desde a sua chegada. Mariella não sabia porque estava a abrir uma exceção com ela, mas estava agradecida.

– O próximo passo será comprar a comida do bebé. Quando tem fome, começa a chorar sem parar.

Mariella desfrutou das compras e das brincadeiras de Cristiano. Nunca poderia imaginar que estaria tão contente, depois da devastação do incêndio.

A única coisa má do dia era a sua tosse. Comprou roupa para alguns dias, sapatos, alguns cremes e maquilhagem.

Pensou que devia voltar para Roma, mas estava a desfrutar muito de estar com Cristiano e não queria ser prática naquele momento.

Cristiano esperou à frente do provador, até Mariella sair. Dante já comera, tinham-lhe mudado a fralda e estava a dormir no carrinho.

Olhou à sua volta e apercebeu-se de que era o único homem na loja, à exceção de um senhor idoso, que estava com a esposa. Nunca teria imaginado que estaria ali, a cuidar de um bebé no mês de outubro, mas não podia deixar Mariella e Dante sozinhos.

Ela saiu do provador com umas calças de ganga que lhe ficavam lindamente. A t-shirt cor-de-rosa, de manga comprida, realçava a cor da sua pele e fazia com que os olhos parecessem ser de um cinzento mais brilhante. Cristiano podia passar o dia inteiro a olhar para ela. Os olhos dela pareciam irradiar otimismo e oxalá pudesse contagiá-lo.

– Já tenho tudo aquilo de que preciso, só tenho de pagar – declarou, sorrindo.

– Espero por ti aqui – replicou.

Enquanto Mariella se afastava, pensou que gostava das sardas que tinha no nariz. Ela também gostava? Quanto mais olhava para ela, mais atraído se sentia por ela. Era bonita, sensual e maternal. Gostava de a ver com Dante. O bebé também parecia estar fascinado por ela.

– Deve ser uma coisa de homens – murmurou Cristiano.

– Já está tudo – anunciou Mariella, um pouco depois.

– Vamos comer. Deves ter fome, depois de tantas compras. Eu tenho.

– Fantástico! Onde vamos? Ah, suponho que fiz uma pergunta muito tola. Certamente, comes sempre no restaurante da tua família.

O comentário foi como uma bofetada para Cristiano. Há muito tempo que não ia ao Rosa.

– Pensei em comer perto daqui. O Rosa fica na outra ponta. Depois, temos de voltar para o lago Clarissa.

– Porquê? Não temos onde ficar.

– Podiam ficar comigo – convidou.

Um segundo depois de ter dito aquilo, estava a questionar-se se estava louco. Quisera estar sozinho devido aos *flashbacks*. Não queria que ninguém conhecesse o seu segredo.

– Obrigada, mas não podemos ficar contigo. Se os Bertatali tiverem outra cabana, talvez possamos ficar mais uns dias. Embora ache que devíamos voltar para Roma.

– Não te vás embora.

– Bom, talvez fique mais uns dias. Já não tenho a fotografia de Ariana e não tenho computador.

– Posso emprestar-te um.

Ela sorriu e Cristiano teve de fazer um grande esforço para não lhe dar um beijo ali, no meio da loja. Susteve a respiração e obrigou-se a desviar o olhar. Ficara completamente louco? Nunca desejara tanto beijar uma mulher.

– Então, ficarei mais uns dias.

Cristiano não podia pedir mais. Pelo menos, ainda.

Quando Cristiano entrou na vila, passando junto do lago, Mariella apercebeu-se de que começava a ficar nervosa. Quanto mais se aproximava das cabanas, mais medo sentia. E questionou-se se voltaria a dormir sem temer que deflagrasse um incêndio e todos os seus pertences ficassem queimados.

Ele parou o carro perto da residência dos Bertatali. À luz do dia, viam-se bem os escombros da cabana. Como começara o incêndio?

A *signora* Bertatali devia tê-los ouvido a chegar, porque abriu a porta e aproximou-se de Mariella.

– Ah, *signorina* Holmes. Voltou – replicou, abraçando-a, com o bebé e tudo. – Graças a Deus! E o bebé? Está bem?

Depois, cumprimentou Cristiano e insistiu para que entrassem.

– Sentimo-nos muito consternados com o incêndio. Quando penso naquilo que poderia ter acontecido, se não fosse a intervenção rápida de Cristiano... Vamos dar-lhe alojamento gratuito, fazemos questão. É inaceitável que tenha acontecido algo parecido. O chefe dos bombeiros pensa que foi o aquecimento. Estão a examinar tudo, antes de lhe atribuímos outra cabana. Quando penso naquilo que poderia ter acontecido...

– Estamos bem, *signora*.

Cristiano assentiu.

– O seguro vai cobrir tudo. Por favor, fique mais uns dias. Não queremos que se vá embora do lago Clarissa com essa lembrança. Permita que a compensemos. Garanto-lhe que a cabana onde se alojar será completamente segura. Por favor, fique.

Mariella olhou para Cristiano.

– Um dia ou dois – acedeu.

– Estou tão contente por o seu bebé e a menina estarem bem... Venha, vou preparar um chá. Por favor, venha para a cozinha e sente-se.

A *signora* Bertatali andava de um lado para o outro, sem parar de fazer perguntas.

– Como conseguiste ver o fogo, da casa do teu avô? – perguntou a Cristiano.

Ele explicou-lhe que passara por lá de moto e Mariella interrogou-se porque estaria a passear a essa hora. Embora, na verdade, não importasse. Graças a ele, estavam bem.

A *signora* Bertatali serviu o chá e sentou-se à mesa com eles. Dante começou a protestar e Mariella preparou-lhe um biberão.

– Eu pego nele – pediu Cristiano. – Bebe o chá.

E pegou no menino ao colo. Por um instante, recordou o menino que salvara há alguns meses e questionou-se como estaria. Teria de descobrir.

– Obrigada.

– E a tua família, Cristiano, vai sentir-se muito orgulhosa quando descobrir o que aconteceu ontem à noite. Depois dos atentados de Roma... Fico arrepiada quando penso nisso.

Ele não respondeu. Não importava se a família não descobrisse o que acontecera na noite anterior. Estava contente por ter sido capaz de agir como devia. Só temera pela vida de Mariella e do menino.

Depois de dar o biberão a Dante e de lhe mudar a fralda, a *signora* Bertatali levou-os para a cabana mesmo ao lado da casa. Cristiano descarregou o carro e levou as compras de Mariella lá para dentro.

Ela estava demasiado cansada para pensar, agradeceu-lhe e viu-o a ir-se embora. Depois, deixou-se cair na cama e tapou-se com

uma manta. Antes de ter tempo para pensar em todas as coisas que tinha de fazer, adormeceu.

Na manhã seguinte, Cristiano sentou-se no pátio empedrado, a ler o último manual que o seu superior lhe enviara. Ainda estava de baixa e tinha tempo de rever todos os documentos que lhe tinham enviado, para o manter a par de tudo.

Ouviu barulho e levantou o olhar. Ficou surpreendido, ao ver Mariella a avançar pelo caminho de cascalho. O sol fazia brilhar o cabelo. Usava calças escuras e uma camisola, embora estivesse calor para outubro. Não esperara vê-la ali. Como teria encontrado a casa?

– *Buongiorno* – cumprimentou ela.

– Olá – respondeu, levantando-se e deixando o manual virado para baixo, em cima da mesa pequena.

Não esperara que Mariella percorresse o caminho a pé, com o pé ferido. E onde estava o bebé?

– Venho agradecer-te por nos teres salvado – declarou.

– Já o fizeste ontem – recordou-lhe, observando como se aproximava.

– Eu sei. Mas queria voltar a ver-te – confessou ela, sorrindo com timidez.

Por um instante, Cristiano sentiu-se eufórico. Depois, o seu bom senso começou a funcionar. Fora ele que pedira para ficar no lago Clarissa e ela fizera-o. Nesse momento, devia estar a interrogar-se porquê.

Olhou à sua volta. Ao sol estava calor, mas o pátio estava à sombra e estava mais frio.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou a Mariella.

Desde que chegara, ninguém entrara naquela casa. Portanto, foi estranho convidá-la.

– Um copo de água. Está mais calor do que pensava e o caminho foi longo.

– Sobretudo, com um pé ferido.

Ela levantou um pouco a perna e virou o pé ferido.

– A verdade é que não me incomoda muito.

Ele olhou para o pé e foi deslizando o olhar até às sardas do nariz. Os olhos estavam mais cinzentos do que na noite anterior. O sol refletia-se no cabelo cor de mel, com algumas madeixas quase brancas. Cristiano desejou acariciá-lo, para ver se era tão suave como parecia. Passar os dedos pelas sardas que salpicavam o rosto. Beijá-la e sentir como aumentava o desejo de estar com uma mulher bonita. Demonstrar que continuava vivo, saudável e normal.

Resistiu à tentação. Atrevia-se a arriscar?

Todas as células do seu corpo desejavam tocar nela. Nunca era fácil evitar a tentação. Desfrutou daquela sensação, do desejo, da atração. Depois de passar vários meses sozinho, era como acordar, como se o seu corpo voltasse a estar vivo depois de uma longa doença. Que ironia, sentir-se atraído por uma mulher pela primeira vez, em muito tempo, e não se atrever a dar um passo em frente.

– A água está na cozinha – explicou.

Mariella inclinou a cabeça e sorriu.

– Costuma ser assim.

Conduziu-a através da sala de estar, às escuras, até chegarem à cozinha. Abriu o armário e ficou a olhar para ele. Não havia copos.

Ela seguiu-o, olhando à sua volta com curiosidade. Cristiano apercebeu-se de que havia pratos sujos no lava-loiça.

Ouviu uma gargalhada atrás dele e, ao virar-se, viu Mariella a tapar a boca. Ele franziu o sobrolho. Sabia perfeitamente em que estava a pensar.

– Vi casas de estudantes assim. Ou é uma coisa de homens? – perguntou, divertida.

– Dante iria compreender – troçou, vendo um copo na bancada. Lavou-o rapidamente, encheu-o de água e deu-lho.

A irmã tê-lo-ia matado, se visse a cozinha assim. O pai teria ficado sem fala. Luca sempre fora muito exigente na cozinha do Rosa.

Mariella aceitou o copo, esboçando um sorriso.

– Obrigada. Não pretendia ofender-te – murmurou. Bebeu a água de um só gole e pediu um pouco mais.

Cristiano voltou a encher o copo. Ela tossiu até ter lágrimas nos olhos e bebeu o segundo copo, mais devagar. Voltou a olhar à sua

volta e sorriu.

– Estou em recuperação – explicou, desejando deixar bem claro que não costumava viver assim.

– Lamento. Além disso, salvaste-me a vida. Nem consigo acreditar que a cabana tenha ardido com tanta rapidez.

– Tudo depende do combustível e das condições de segurança – explicou. – Como está o menino?

– Bem. Os Bertatali estão a tentar agradar-nos o máximo possível. Sabias que têm três filhos mais velhos? Adoram bebés e pediram-me para os deixar com Dante. E o marido ofereceu-se para me levar a pescar no rio.

– Costuma levar os turistas, no verão. Vai se tiveres a oportunidade. Vais gostar.

– Hum, talvez. Mas acho que está muito frio para ir de barco.

– Quando quiseres ir embora, levo-te a casa, para não esforçares o pé.

– Não quero incomodar, só vim para te agradecer. És um herói.

– Não, não sou – contradisse, pensando que, se soubesse a verdade... – Eu levo-te.

A moto estava nas traseiras da casa. Atrás dela, havia uma pequena construção que tinha a porta fechada.

Mariella seguiu-o.

– Poderia vir amanhã e limpar a tua cozinha. Como demonstração do meu agradecimento.

Cristiano abanou a cabeça.

– Não é necessário.

Pôs a moto a trabalhar e ajudou-a a sentar-se. Pediu que se agarrasse com força, sem pensar que o afetaria tanto que o abraçasse pela cintura. Mariella tinha o corpo colado às suas costas. Cristiano fechou os olhos e desfrutou da sensação. Desejou virar-se e dar-lhe um beijo.

– Durante quanto tempo é que a senhora Bertatali vai ficar com Dante? – perguntou.

– Não me deu um limite.

– Queres voltar para casa pelo caminho mais longo?

– Claro.

– Estás suficientemente agasalhada?

– Sim.

Cristiano acelerou, ao chegar à estrada. Foi na direção oposta ao lago, pela estrada que gostava de percorrer quando queria fugir dos seus fantasmas, que atravessava o bosque.

De vez em quando, viam o lago a brilhar ao longe, refletindo como um espelho o céu e o bosque.

Mariella adorou o passeio. Sentia-se livre e, depois do incidente do incêndio, estava mais atenta a tudo. Era como se visse as coisas sob uma luz diferente.

E tudo isso graças a Cristiano, que os salvara e que, no dia anterior, os acompanhara às compras.

Embora tivesse gostado ainda mais que lhe pedisse para ficar.

Cristiano reduziu a velocidade e saiu da estrada, ao chegar a uma clareira.

– Ena! – exclamou ela, ao ver a paisagem.

Ele parou. O silêncio era absoluto. Só se ouvia o sussurro da brisa por entre as árvores.

– É lindo – acrescentou Mariella, em voz baixa, para não estragar o momento.

– Podemos dar um passeio até ao lago, se quiseres – sugeriu Cristiano.

Ela desmontou a moto e esperou. Depois, dirigiram-se para a margem. Mariella sentou-se num ramo que estava ao sol e Cristiano sentou-se ao seu lado.

Durante alguns segundos, nenhum deles falou. Depois, ele comentou, em voz baixa:

– Venho aqui quando preciso de escapar de tudo.

– É um lugar especial – afirmou. – Oxalá também tivesse um. Às vezes, sinto-me superada, entre Dante e o trabalho. Gostaria de ter um lugar onde pudesse ir, simplesmente para me sentar.

Ele assentiu.

– Talvez seja isso. Aqui, posso ser eu próprio.

Olhou para ele, com a cabeça ligeiramente inclinada.

– Não podes ser tu próprio em todo o lado?

– As pessoas esperam sempre determinadas coisas – replicou.

– E nós tentamos estar à altura – concluiu, suspirando. – Deve ser por isso que sinto que sou tão inepta com Dante. Gostaria de ser como a minha mãe e não sou.

– Certamente, ela também não sabia tanto, quando tu tinhas seis meses.

Mariella pensou nisso. A mãe também teria aprendido com o tempo?

– Talvez tenhas razão, mas tenho a sensação de que sabia sempre o que dizer, como explicar as coisas.

– És uma boa mãe para Dante. Não duvides de ti.

De repente, Cristiano deu-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela.

– É lindo no inverno, quando parece que espalharam açúcar nas árvores. Agora, estão a mudar de cor. Mas, na primavera, voltarão a ficar verdes.

– Obrigada por me teres trazido aqui – agradeceu ela, que se sentia como se tivesse deixado para trás todas as suas preocupações.

Passearam devagar, até o sol começar a esconder-se por entre as árvores e a temperatura começar a baixar.

– Está na hora de irmos embora – anunciou Cristiano.

Mariella assentiu, embora não quisesse que a tarde acabasse. Nunca a esqueceria.

Cristiano levou-a para a vila, para comprar algumas coisas para Dante.

– Obrigada por me trazeres – agradeceu, desmontando a moto e dando-lhe um beijo na face. – Até logo.

Cristiano viu-a a afastar-se, viva e feliz. Não queria pensar naquilo que podia ter acontecido na noite anterior.

Contudo, sentia-se um impostor. Não era um herói. Nunca lhe contaria, nem a ela nem a ninguém, o medo que tinha ou os pesadelos que o assaltavam desde o mês de maio, dia e noite. Porque não conseguia tirar aquelas imagens da cabeça? Às vezes, passava vários dias sem os ter mas, de repente, voltavam a aparecer.

Contudo, na noite anterior, fora capaz de agir de uma maneira normal. Talvez estivesse a começar a superar.

Mariella entrou na loja e olhou para trás. Cristiano estava sentado na moto, a olhar para a porta. Estaria a vê-la? Tinha o coração acelerado. Era a primeira vez que andava de moto e não pensara que a sensação de se agarrar a ele seria tão íntima.

Interrogou-se se teria a oportunidade de voltar a fazê-lo, de ir àquele lugar tão especial. A vida parecia ser muito doce nesse dia.

Tinha muita curiosidade em saber mais sobre as feridas de que ele estivera a recuperar, embora lhe parecesse que estava forte e em forma.

Contudo, perdera todos os seus pertences e teria de voltar para Roma o mais depressa possível, para tentar retomar a sua vida.

Voltou para casa com dois sacos cheios de comida e um ramo de flores para a senhora Bertatali, para lhe agradecer por ter ficado com Dante durante toda a tarde. Não gostava que se sentissem tão culpados com o incêndio. Não fora culpa deles. Além disso, estava tudo solucionado, exceto a perda do seu computador.

Haveria algum lugar na vila onde pudesse usar um? Também podia aceitar a oferta de Cristiano e usar o dele. Seria mais simples.

Na manhã seguinte, depois de arrumar a cabana, dar banho e vestir o bebé, Mariella decidiu ir a casa de Cristiano.

Estava um dia parecido com o anterior, ensolarado e agradável. As folhas das árvores tinham começado a mudar de cor. Mariella inalou o ar fresco. Como seria viver ali durante todo o ano? Aquele lugar não se parecia em nada com Nova Iorque, que era onde passara os últimos quatro anos.

Também era diferente de Roma, mas era lá que tinha o seu lar.

Dobrou uma curva e viu a casa.

Cristiano não estava no pátio, nessa manhã. Mariella foi até à porta principal e bateu.

Ele abriu e mostrou-se surpreendido, ao vê-los. Mas a sua expressão suavizou-se, ao olhar para o bebé.

– O que estão a fazer aqui? – perguntou, sorrindo ao menino.

– Vim porque preciso de utilizar o teu computador, para me pôr em dia com os meus clientes.

– Entra.

Cristiano abriu a porta e ela empurrou o carrinho.

– Está muito escuro – comentou ela, quando chegaram à sala de estar. – Porque está tudo fechado?

Ele olhou à sua volta, como se acabasse de se aperceber de que todas as cortinas estavam corridas.

– Porque me apetecia estar assim.

– Que estranho!

– As cortinas ajudam a isolar as janelas.

– Não está assim tanto frio.

Olhou fixamente para ela durante alguns segundos e encolheu os ombros.

– Vou buscar o computador.

Cinco minutos depois, Mariella estava a ligar o computador, em cima da mesa da cozinha. Cristiano não tinha ligação rápida à Internet, mas ligou-o à linha telefónica. Depois de verificar se funcionava bem, deixou-a sozinha.

Mariella olhou à sua volta. Gostava daquela casa antiga, com encanto. Ao fundo, havia uma lareira enorme, feita de pedra. Conseguia imaginá-la acesa, no inverno. Era uma cozinha muito acolhedora. Na mesa de madeira, havia espaço para uma família de oito pessoas. O chão de pedra também era frio, mas com uns tapetes podia ser confortável, até mesmo nos meses de inverno.

Mas nunca passaria o inverno no lago Clarissa e, durante alguns segundos, sentiu-se dececionada por isso.

Capítulo 4

Dante estava nervoso. Mariella preparou um biberão e pegou nele ao colo. Não quis sentar-se numa das cadeiras de madeira da cozinha, portanto, entrou na sala de estar. Pensou que gostaria de a limpar ou, pelo menos, abrir as cortinas para desfrutar daquela vista fantástica.

Sentou-se numa cadeira de baloiço, deu o biberão a Dante e, talvez graças à escuridão, o menino adormeceu assim que acabou.

Ficou com ele ao colo, a saborear o momento. Voltou a interrogou-se se, quando fosse mais velho, seria parecido com a amiga Ariana ou com o pai. As lágrimas ameaçaram invadir-lhe os olhos, como acontecia sempre que pensava na amiga.

Cristiano entrou na sala.

– Hora do almoço? – perguntou, observando-os. Sentou-se na poltrona que estava ao lado da cadeira de baloiço.

– Hora do biberão, a meio da manhã – explicou. – Vou pô-lo no carrinho e poderemos ir embora quando acordar. Tenho de acabar umas coisas, de trabalhar. Obrigada por me emprestares o teu computador. Não te incomodaremos.

Levantou-se e deitou o menino no carrinho, com cuidado. Tapou-o com uma manta.

– Não me incomodam. Acaba de trabalhar e fica para almoçar.

Cristiano sabia que estava a agarrar-se desesperadamente a uma ilusão, mas não queria vê-la a ir-se embora. Queria falar com ela, vê-la a rir. Descobrir do que gostava ou não. E beijá-la.

Apercebeu-se dos seus pensamentos e desviou o olhar.

– Depois do incêndio, interroguei-me sobre o que aconteceria, se me acontecesse alguma coisa. Quem iria cuidar de Dante? – desabafou Mariella.

A mãe de Cristiano falecera quando ele era pequeno. Ainda se recordava do seu sorriso, do cheiro do seu perfume. O amor quase

tangível que lhe dera. Ninguém se habituava à perda de um pai. O pai sentira-se assim, como Mariella? Ter-se-ia preocupado com os filhos, se lhe acontecesse alguma coisa? No entanto, não era o mesmo. A irmã do pai vivia em Monta Correnti e, durante quase toda a sua infância, o avô vivera ali, com o resto da família. Sempre tivera alguém por perto mas, mesmo assim, nunca conseguira superar a morte da mãe.

– A minha mãe também faleceu – confessou, muito devagar.

– Mas o teu pai não?

– Não, o meu pai está bem.

Ou, pelo menos, supunha que sim. Caso contrário, alguém lhe teria contado. Embora não estivesse muito recetivo com a sua família, desde que estava no lago Clarissa.

Os *flashbacks* chegavam sem aviso, portanto, não podia estar com pessoas que o conheciam bem, pois perceberiam como se sentia. Tinha de vencer aquilo.

Mariella olhou para ele, como se esperasse que dissesse mais alguma coisa.

Olhou para ela também, enquanto se interrogava se estava finalmente a superar aquilo. Agira corretamente durante o incêndio e não voltara a ter pesadelos.

Respirou fundo, inalando o cheiro doce de Mariella. Não podia apaixonar-se por ela.

– És o filho mais velho?

– Sim. Depois nasceu Isabella, que é muito mandona. A minha mãe morreu quando éramos crianças e foi ela que assumiu todo o peso da casa, e tentou criar-nos.

Por um instante, recordou os dias felizes que passara naquela casa, a brincar no lago, com a sua família.

– E os teus irmãos ainda vivem aqui perto?

– Isabella continua a viver em Monta Correnti e Valentino também – revelou, sorrindo.

– Portanto, veem-se muitas vezes. Deve ser bonito. Eu sou filha única.

Cristiano não respondeu. Não via os irmãos desde que tinham ido visitá-lo ao hospital, depois dos atentados. Estivera internado

durante muito tempo e perdera o casamento do irmão, e o da prima Lizzie. Depois, quando lhe tinham dado alta, Isabella ligara-lhe muitas vezes, mas deixara que fosse para o atendedor de chamadas.

Nos últimos meses, tinham acontecido muitas coisas na sua família, incluindo a revelação do pai, que tinha dois filhos gémeos, mais velhos do que ele, de um casamento anterior. Ainda não sabia o que pensar. Ainda não conhecia os gémeos, que tinham sido criados nos Estados Unidos. Era estranho pensar que tinham o mesmo pai.

Naquele momento, as desculpas que arranjava não tinham levantado suspeitas, mas o tempo estava a acabar. Até quando poderia esconder o seu problema de família? Queria que a sua vida voltasse a ser como era

Quando era criança, adorava aquele lugar, portanto, decidira ir descansar ali. Mas esconder-se não mudara as coisas.

– Adoro esta divisão. Usam a lareira quando está frio? – perguntou Mariella, ao voltar para a cozinha.

– Sim, claro. É a principal fonte de calor – explicou.

Recordava-se de ter passado muitos dias chuvosos de outono à frente da lareira, a brincar com os irmãos. Há meses que não via o irmão e, de repente, apercebeu-se de que sentia falta dele.

Cristiano também ficou na cozinha. Ela sentou-se à frente do computador e verificou a sua caixa de e-mail. Ele aproximou-se do lava-loiça e olhou pela janela que estava por cima dele. A vista das traseiras da casa dava para as colinas, que ofereciam paz e serenidade. A cor das árvores pressagiava a chegada do inverno. Há cinco meses, estava a trabalhar em Roma, contente com a sua vida, com os seus amigos. Agora, quase se transformara num eremita, o seu melhor amigo morrera e o trabalho pendia por um fio.

Mas as colinas continuavam no mesmo sítio, ano após ano. Cristiano interrogou-se se conseguiria recuperar. Ou teria chegado o momento de pensar noutro modo de ganhar a vida?

– Já está – anunciou Mariella, poucos segundos depois.

Virou-se para olhar para ela.

– Quase não tinha mensagens. Enviei uma mensagem a dois clientes, a dizer que demoraria mais um ou dois dias a contactar com eles. Amanhã, vou tentar comprar um computador. Talvez em Monta Correnti.

– Pensei que estavas de férias.

– E estou, mas também estavas de baixa e entraste na cabana, ao ver o fogo. Não te esqueças disso. Tens uma impressora?

– Aqui, não. Porquê?

– Queria imprimir uma fotografia de Ariana. A que tinha ardeu no incêndio.

– Não tenho, mas há uma cafetaria em Monta Correnti, perto da praça, onde podes ligar-te à Internet e imprimir o que quiseres.

Ela desligou o computador e fechou-o.

– Então, vou lá. Obrigada por me deixares usar o teu computador – recostou-se na cadeira e olhou para ele. – Diz-me, como te tornaste bombeiro? Parece ser um dos trabalhos mais perigosos que existem.

– Gosto de poder mudar as coisas – afirmou.

Era uma resposta premeditada. Não queria pensar nos diferentes motivos que o tinham levado a escolher aquela profissão.

Ela sorriu. Os olhos brilhavam, tal como o cabelo.

Cristiano desejou, mais uma vez, tocar-lhe no cabelo e sentir o seu calor. Acontecia cada vez que a via, não conseguia evitar.

– O teu pai não queria que fizesses outra coisa? – arriscou Mariella.

– É provável, mas nunca disse nada. A minha irmã trabalha com ele no restaurante da família e o meu irmão Valentino vai menos vezes a casa do que eu.

– És irmão de Valentino Casali? O piloto? – perguntou, surpreendida.

Cristiano assentiu. Sabia que Valentino tinha fama de ser um homem temerário. Pela primeira vez, interrogou-se se a decisão de ambos, ao escolher o trabalho, teria ferido o pai. Luca estava muito orgulhoso do Rosa. Era um bom restaurante, mas Isabella fora a única que decidira seguir os seus passos.

- Casou recentemente, li a notícia em algum lado – comentou ela.
- Não pensei que fosse daqueles que casavam.

Cristiano encolheu os ombros.

- E, para ti, como são os que se casam?

– Pessoas fiéis.

- Valentino é muito leal. Sempre será fiel – afirmou Cristiano.

– Eu quero que o meu marido esteja mais em casa do que ele parece estar. E são e salvo.

– Talvez mude, agora que tem uma esposa. As pessoas mudam, não sei se sabes – e ela assentiu. – Que outros atributos procuras num marido?

Mariella franziu o sobrolho, ficando pensativa durante um instante.

– Que seja divertido, que seja alguém com quem possa falar e partilhar muitas coisas. Gostaria de ter um marido que quer as mesmas coisas que eu quero.

- Parece que pensaste muito no assunto – comentou ele.

– Aariana e eu falávamos muito sobre o homem dos nossos sonhos. O dela, segundo parece, não foi como sonhou.

– E tu?

– Ainda não o conheci. O que fazes aqui durante todo o dia? Não trabalhas. Não tens televisão, segundo parece.

– Faço coisas – declarou, pensando em contar-lhe o que fazia com madeira. Talvez lhe mostrasse, mais tarde. – E tu? Sempre quiseste ser assistente virtual?

Cristiano achava que era um trabalho estranho, para uma pessoa tão efervescente como ela. Imaginava-a a trabalhar no meio de uma equipa e não sozinha em casa.

– Quando estava na universidade, em Nova Iorque, planeava montar uma empresa de marketing, bem ao estilo americano. Mas os meus pais morreram e logo depois Aariana. As coisas mudaram muito e não podia dedicar-me à empresa e a Dante. Talvez o faça, um dia.

- Pareceu-me ouvir o bebé – disse Cristiano.

Mariella levantou-se com um salto e foi ver Dante. Dois minutos depois, voltava com o carrinho.

– Estava a dar pontapés e a balbuciar. Estou desejosa que comece a falar.

– Vou preparar a comida. Vais provar um dos melhores molhos do mundo.

– Preparaste-o?

– Não, a minha irmã manda-me comida. E eu congelo-a. Não demorarei a fazer o almoço.

– Enquanto isso, darei de comer a Dante.

– Outra vez?

– Come muito, é por isso que está a crescer tanto.

Cristiano tirou o molho do congelador e pô-lo numa panela. Depressa começou a ferver em lume brando, enquanto a massa cozia. Observou Mariella a dar a papa a Dante, enquanto ele cozinhava. Pela primeira vez, em meses, sentia-se otimista, como quando cozinhava para os amigos. Stephano adorava aquele molho, portanto, convidara-o a ele e à sua família muitas vezes, para jantar.

Dessa vez, a lembrança do amigo não lhe doeu tanto. Era uma lembrança agri-doce, de uma época que já não voltaria. Sentia falta de Stephano e era bem provável que sempre sentisse.

Mas a vida continuava. Stephano amava tanto a vida, que teria ido ao lago Clarissa para o fazer mudar de ideias, se soubesse que estava ali para se esconder.

Ainda que... Os *flashbacks* eram reais.

A gargalhada de Mariella afastou-o dos seus pensamentos e levantou o olhar. O bebé tinha algo na cara e estava a sujar tudo com as mãos.

– O que é isso?

– Papas de aveia, que o pediatra recomendou. Mas acho que não foi boa ideia.

– Eh, miúdo, queres provar o molho do meu papá?

– Nem sequer tem seis meses. É muito pequeno.

– Provar não lhe fará mal – declarou Cristiano, afundando o dedo mindinho no molho quente e aproximando-se do bebé.

Dante agarrou-lhe na mão e levou-a à boca. Mariella e Cristiano riram-se, ao ver como franzia o sobrolho.

– Talvez se habitue, com o tempo.

O bebé já comera, portanto, Mariella deixou-o no chão, em cima de uma manta, enquanto Cristiano servia o almoço.

– Ena, penso que valeu a pena esperar – comentou, depois de provar a massa. – O que a torna tão deliciosa?

– É um segredo de família – indicou.

– Ah, tenho a certeza de que o Rosa tem uma lista de espera todas as noites, ao jantar.

– Com a crise, as coisas estão difíceis. Mas penso que não está mal – replicou Cristiano.

Contudo, a irmã fizera um comentário que o fizera pensar o contrário. Teria de ver o que se estava a passar. Se havia algum problema, talvez pudesse ajudar. Tinha poupado algum dinheiro.

– As pessoas gastam menos dinheiro, mas uma boa comida vale sempre a pena.

– A minha irmã passou algum tempo a insistir em falar comigo a respeito da situação, mas é o trabalho dela, não o meu. Decida o que decidir, vou achar bem.

– Espero que decida continuar a fazer este molho maravilhoso. Vende-o em frascos? – Cristiano abanou a cabeça. – Penso que deveria fazê-lo. Talvez possa dar-lhe a ideia. Poderia vendê-lo na Internet. Tenho a certeza de que as pessoas pagariam muito bem por ele. É evidente que pode ser congelado. E, suponho que também poderia exportar...

– És sempre assim tão comercial? – ela assentiu, mas continuou pensativa. – Contaste-me que tinhas andado na universidade, em Nova Iorque. Como foi a experiência? Porquê lá?

– O meu pai era norte-americano, mas tinha passado anos a viver em Roma. Sempre pensou que um dia eu estudaria no seu país. Portanto, depois da sua morte, decidi ir-me embora, para não ter de lidar com as lembranças que tinha em Roma.

– Mas, agora, estás a viver em Roma, não é?

– Sou italiana, tal como Dante. Nada nos prende a Nova Iorque. Quando for mais velho, posso levá-lo lá e mostrar-lhe a cidade. É fantástica, mas não me sinto em casa.

Mariella levantou o olhar.

– Penso que é fantástico que cresça em Roma, mas também me questiono se não seria ainda melhor se crescesse numa vila, onde eu tivesse mais ajuda. Não é fácil ser mãe solteira e perdi o contacto com quase todos os meus amigos da escola.

«E perdeu a melhor amiga», recordou Cristiano.

– Eu estaria desejoso de ir viver para Roma. É uma cidade mais emocionante, há mais coisas para fazer.

– Sim, mas quando estás mal, voltas para casa. E em Roma não há esta vista. Podes sentar-te no pátio, ver o lago, as colinas. É fantástico.

– Mas há poucas oportunidades para os jovens.

– Isso depende daquilo que procuramos. Eu tenho trabalho e um filho. Não é como quando era sozinha e livre.

Mariella voltou a sorrir e Cristiano gostou que parecesse tão contente. Dava a sensação de não ter nenhuma preocupação, embora soubesse que não era assim. Qual era o segredo daquele otimismo?

Para começar, não sofrer de um transtorno de stress pós-traumático.

– Penso que, esta tarde, vou levar o menino para dar um passeio no lago. Queres acompanhar-nos?

– Não achas que está demasiado frio para ele? – perguntou Cristiano.

– Ao sol, estará bem. Tenho a certeza de que foste lá em todas as épocas do ano.

– O lago está bonito em qualquer altura do ano. Já há algum tempo que parti o tornozelo, mas ainda estou a recuperar. Quanto mais depressa o fizer, mais depressa poderei voltar a trabalhar. Queres passear na mota de água?

Ela riu-se e abanou a cabeça.

– Não, obrigada. Conformo-me em ficar sentada num banco.

Capítulo 5

Cristiano levou-os à vila de carro e deram um passeio com o bebé, perto do porto desportivo.

Levara uma manta, portanto, deitaram Dante e, quando se zangava, Mariella sentava-o. Já quase se mantinha sentado, sem ajuda. Esteve a roer as chaves de plástico e a atirá-las para longe. Mariella dava-lhas e ele voltava a atirá-las.

Era sempre assim.

Cristiano deitou-se junto deles, rindo-se com as graças do bebé. Mariella atirou-lhe as chaves.

– Tenta tu.

Dante virou-se para Cristiano e sorriu.

– Nunca percas as chaves – explicou. – Sobretudo, quando fores mais velho e forem as do carro.

A tranquilidade do ambiente era relaxante. Mariella respirou fundo e tossiu.

Dante voltou a atirar as chaves.

Cristiano apanhou-as e deu-lhas. O menino atirou-as e ele observou-o, sorrindo de orelha a orelha. Mariella sentiu um aperto no coração. Amava aquele bebé com toda a sua alma.

– É um sítio maravilhoso, embora não possamos tomar banho. Talvez voltemos aqui, quando Dante for mais velho, para continuar a busca do pai, se não o encontrarmos desta vez.

– Como é possível que não tenhas descoberto mais sobre ele?

– Ariana estava na última fase da gravidez e muito doente. Passávamos mais tempo a falar das nossas lembranças, a reviver os bons tempos. E ela mudava de assunto, sempre que eu fazia perguntas sobre o pai de Dante. Mas falava do que queria para o futuro do menino. Um futuro que nunca chegaria a ver.

– Talvez não quisesse que o filho conhecesse o pai.

– Talvez.

Mariella questionou-se se estaria a fazer mal, ao procurá-lo. Era evidente que não seria tão agradável como Cristiano. Não conseguia imaginar uma mulher que não quisesse que o filho o conhecesse.

– Está-se muito bem aqui – comentou, virando-se um pouco e brincando com o bebé, para disfarçar, enquanto estudava o perfil de Cristiano.

Aquele homem alegrava-lhe o coração. Parecia ter saído de um filme. O herói que resgatava a heroína do perigo e a beijava. E o coração derretia-se, quando o via a brincar com Dante.

Suspirou. Oxalá lhe prestasse a mesma atenção.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou, olhando para ela com uma sobrancelha arqueada.

– Não, só estava a pensar que se está bem aqui e como a outra noite foi horrível – e tremeu. – Podíamos ter morrido.

– Mas já passou.

Ela acariciou a cabeça de Dante, que estava muito contente, sentado na manta e a atirar as chaves de plástico. Mariella desejou poder contentar-se com tão pouco.

– Eu sei. Suponho que, como bombeiro, deves ter visto muitas mortes.

Cristiano franziu o sobrolho e sentou-se.

– É algo a que nunca nos habituamos – declarou.

– Imagino que não – concordou, pensando nas vidas que Cristiano teria salvado e nas que não teria conseguido salvar. Ser bombeiro era muito mais do que apagar incêndios. – Achas que serei capaz de o criar? – perguntou, um pouco depois.

– As pessoas podem fazer tudo o que quiserem. Nunca te esqueças disso. E acho que estás a fazer tudo bem.

– Conta-me mais coisas a respeito da tua infância.

– Aos fins de semana havia sempre muito trabalho no restaurante. O meu pai trabalhava arduamente e a minha mãe ao lado dele, até morrer. Apesar de os ver pouco, tivemos uma infância mágica. Em especial, enquanto o meu avô era vivo. Conhecia todas as árvores, o bosque, pescava no lago...

Mariella ficou em silêncio, pensando nas suas férias com os pais. Parecia algo muito longínquo no tempo. Interrogou-se se, voltando a alguns dos lugares que tinham visitado, poderia refrescar a sua memória. Ou se iria sentir-se ainda mais sozinha? Queria que Dante conhecesse Itália. Criariam novas lembranças.

– Amanhã, vou a Monta Correnti. No hospital, disseram-me que tínhamos de voltar lá. E preciso de imprimir a fotografia de Ariana. Talvez alguém a reconheça por lá.

– Estaciona perto da praça. Fica perto de tudo.

– Obrigada. Assim farei – declarou, desejando que Cristiano se oferecesse para os levar.

Depois de passar pelo hospital, na manhã seguinte, e de lhe dizerem que tanto o bebé como ela estavam bem, Mariella passeou pelo centro de Monta Correnti. A primeira coisa que fez foi ir à cafetaria, onde pôde imprimir uma fotografia de Ariana.

Depois, voltou a andar pela rua, para mostrar a fotografia nos lugares que lhe pareciam ser mais turísticos. Ninguém reconheceu a amiga.

Já passava da uma quando voltou à praça e olhou à sua volta. O restaurante Rosa chamou-lhe a atenção. Era o restaurante da família de Cristiano, onde faziam aquele molho delicioso. Aproximou-se e viu que tinha uma esplanada onde poderia sentar-se e almoçar, sem se arriscar a deixar que o bebé ficasse nervoso, ao estar num lugar com muita gente.

Sentou-se, pôs o menino numa cadeirinha e começou a ler o menu. Ia provar os *tortellini* com o molho famoso.

Quando serviram a comida, Mariella sorriu.

– Estou desejosa de provar. Comi este molho recentemente, em casa de Cristiano Casali. Conhece-o?

– Claro – afirmou o empregado. – É filho do dono, Luca. Mas há muito tempo que não vem cá. Direi à irmã que está aqui.

Mariella começou a comer. A massa e o molho estavam deliciosos. Saboreou cada garfada.

– *Signora?*

Uma mulher bonita, com um avental, aproximou-se dela um pouco depois.

– Sim?

– Sou Isabella, irmã de Cristiano. É amiga do meu irmão?

Mariella sorriu.

– Salvou-nos de um incêndio, no lago Clarissa. Considero-o um herói.

– Posso sentar-me? – perguntou Isabella.

– Sim, claro.

– Como está ele?

– Bem. Diz que está a recuperar de uns ferimentos – referiu, estranhando que a irmã de Cristiano lhe perguntasse como estava.

– Esteve nos atentados que houve em Roma, no mês de maio.

– Eu sei. Foi lá que se magoou.

– Sofreu uma queimadura e partiu o tornozelo, mas está a demorar muito a sarar. Ele consegue andar bem?

– Sim.

Isabella olhou fixamente para Mariella.

Ela sentiu-se incomodada, mas conseguiu sorrir.

– Tinha provado este molho em casa de Cristiano, portanto, ao ver o restaurante, decidi voltar a comê-lo. É delicioso.

– Obrigada. Diz que comeu em casa de Cristiano?

– Sim, na casa que há perto do lago – explicou Mariella.

– Sim... E trouxe-a aqui? – perguntou Isabella, olhando à sua volta.

– Não, vim sozinha.

Isabella olhou para Dante.

– Fico feliz por saber que está bem. E diz que Cristiano os salvou?

– Estávamos alojados numa das cabanas dos Bertatali, que ardeu durante a noite. Tanto o bebé como eu estávamos a dormir. Ambos estaríamos mortos, se Cristiano não tivesse passado por lá e não tivesse entrado para nos resgatar.

Isabella sorriu.

– O meu irmão é assim. Vai voltar hoje para o lago Clarissa?

– Sim, vou ficar mais alguns dias – declarou, procurando a fotografia de Ariana na mala. – Viu esta pessoa? – perguntou.

Isabella olhou para a fotografia.

– Não. É uma amiga?

Mariella assentiu. Não podia contar a história a toda a gente.

– Tenho uma coisa para Cristiano. Pode levar-lha? Neste momento, temos muito trabalho e não posso ir. Além disso, penso que também não se alegraria, se me visse.

– Porquê?

– Porque anda a evitar-me. Não atende o telefone e, das duas vezes que fui vê-lo, não estava em casa. Está a transformar-se num eremita.

Mariella riu-se.

– Não estou de acordo. Mas, às vezes, parece que está de mau humor.

– Cristiano? Isso não é normal nele. Costuma ser muito tranquilo.

– Os homens odeiam estar doentes. O meu pai ficava muito resmungão quando estava indisposto. A minha mãe dizia sempre que não me preocupasse pois, quando estivesse melhor, voltaria à normalidade. Talvez Cristiano se sinta frustrado, porque está a demorar a recuperar, e descarregue na família.

Isabella assentiu.

– Talvez. Mas penso que já foi demasiado longe. Vou buscar uma carta que tenho para Cristiano e o molho, para que lhe leve tudo. Alegro-me saber que, pelo menos, come aquilo que lhe mando.

– O molho congela-se facilmente. Pensei que poderia comercializá-lo na Internet. Adoraria poder comprá-lo sempre que quisesse.

– Somos apenas um restaurante local.

– Pense nisso. Eu poderia ajudar, se decidissem ampliar o negócio.

– Seria muito caro?

– A minha ajuda seria gratuita. Estarei eternamente agradecida a Cristiano.

Isabella assentiu.

– Vou conformar-me em pedir-lhe para levar a carta e o molho ao meu irmão. E diga-lhe que pedi para ele me ligar.

Antes de Mariella se ir embora, o empregado trouxe um saco com um frasco e um envelope. Ela guardou-os no carrinho, limpou as

mãos e a cara a Dante, sentou-o e pagou a conta. Uns minutos depois, voltavam a passear pela praça. Mariella reparou no restaurante que estava ao lado do Rosa, que parecia ser moderno e caro. Contento, depois de ter comido tão bem, decidiu continuar a conhecer a vila.

Questionou-se sobre o que gostava mais, ultimamente. Se do bulício da grande cidade ou da tranquilidade das vilas, na montanha. Interrogou-se se gostaria de criar Dante num lugar assim ou se seria melhor que crescesse numa cidade, com os museus, galerias de arte, a ópera...

Quando voltaram para o carro, Dante já adormecera. Mariella também estava desejosa de chegar a casa e fazer uma sesta. O médico dissera-lhe que estava bem, mas ainda tossia, de vez em quando.

Na manhã seguinte, Mariella pôs Dante no carrinho, tirou o molho que Isabella Casali lhe dera do frigorífico, e dirigiu-se para casa de Cristiano. Estava nervosa só de pensar que ia voltar a vê-lo.

Sem pensar, parou no mercado e comprou um ramo de crisântemos num amarelo intenso, que iriam alegrar a cozinha. Esperava que Cristiano apreciasse o detalhe. Queria alegrar-lhe o dia, tal como ele fazia com ela.

Quando chegou, viu-o sentado no terraço. E sorriu, ao vê-la. A sua expressão foi de surpresa, depois de alegria e, por fim, de cautela. Levantou-se e aproximou-se para a receber.

– *Buongiorno*. Trouxemos presentes – anunciou Mariella, ao chegar ao terraço.

– Não preciso de presentes – declarou.

– Bom, as flores são da parte de Dante, portanto, fala com ele. E este saco é da tua irmã Isabella. Espera que estejas bem e que lhe liguês.

– A minha irmã?

– Pensa que estás a transformar-te num eremita, mas eu disse para não se preocupar, porque te visitamos muitas vezes.

Olhou para ela, divertido. E isso animou-a. Deu-lhe as flores.

– Dante escolheu-as? – perguntou Cristiano.

– Bom, digamos que estendeu as mãos para este ramo, portanto, pensei que eram as que queria dar-te.

– Ou comer.

Ela riu-se.

Cristiano pensou que era linda quando se ria. Era como se o sol brilhasse dentro dela, iluminando-lhe o olhar. Desejou acariciar-lhe o cabelo, mas desviou o olhar antes de fazer uma tolice.

– A tua irmã mandou mais molho – acrescentou Mariella, dando-lhe o saco.

Cristiano aceitou-o. Tinha as duas mãos ocupadas.

– Vou abrir-te porta, para que possas pôr as flores em água e o molho no congelador, ou onde quiseres. É delicioso, sobretudo, acabado de fazer. Continuo a pensar que a tua família poderia vendê-lo por todo o país. Ah! Imprimi a fotografia de Arian, mas ninguém a reconheceu.

– Vejo que fizeste muitas coisas.

Cristiano seguiu-a até à cozinha, deixou o saco na bancada e procurou algo onde pôr as flores. Por fim, decidiu-se por um copo. Eram bonitas, mas não estava habituado a receber presentes de uma mulher. Portanto, não sabia como agir.

– A minha mãe gostava de flores – comentou ele.

– Quase todos nós gostamos. Alegam muito a vida. No Rosa, disse ao empregado que já tinha provado o molho e foi ele que chamou a tua irmã.

Por um momento, Cristiano desejou ter levado Mariella e Dante ao Rosa. Mas ainda não sabia se estava preparado para isso. Apercebeu-se de que tinha de ver o pai e a irmã. E descobrir como estavam as coisas no restaurante.

– E, o que te disse o médico?

– Que estamos saudáveis. Embora continue a tossir, de vez em quando, disseram que vai passar. Depois, decidimos passar o resto do dia a passear por Monta Correnti. Reconheci o restaurante assim que o vi. A comida é deliciosa. Ah! Também trouxe uma carta para ti.

Cristiano olhou para o saco e pegou no envelope. Era do Ministério da Administração Interna.

– São más notícias? – perguntou Mariella.

– Não sei.

No fundo, Cristiano sabia qual era o teor da carta, mas não queria aceitar.

– Então, abre-a.

A carta confirmava que iriam dar-lhe uma medalha, pela sua atuação no dia dos atentados. Amarrotou o papel e deixou-o na bancada.

– Más notícias? – tentou adivinhar Mariella.

Ele abanou a cabeça.

– É um erro, só isso.

Cristiano não queria a medalha. Porquê ele? Stephano morrera, tal como muitas outras pessoas. Porque queriam dar-lhe uma medalha? Sobretudo, tendo em conta que ainda sentia terror, quando tinha os *flashbacks*.

– Que tipo de erro?

– Não importa. Vais ficar?

– Sim, depois de semelhante convite, como poderia recusar? – replicou, sorrindo com malícia.

Cristiano desejou abraçá-la, beijá-la até esquecer tudo aquilo que o atormentava. Queria sentir aquele corpo esguio colado ao dele, queria perder-se nela e encontrar aquele otimismo que irradiava.

Desejava-a.

Mas fora para o lago Clarissa para estar sozinho, até já não ter pesadelos. Mariella fazia com que se sentisse normal, completo. E o bebé era adorável.

Começou a inquietar-se e Mariella tirou a camisola, e deixou-a na bancada. Ao fazê-lo, a carta caiu no chão. Baixou-se para a apanhar e, de repente, esbugalhou os olhos.

– Vão dar-te uma medalha! Que bom!

– Já te disse que é um erro. Não mereço uma medalha. Não sou nenhum herói!

Mariella não o ouvia, nem ajudou Dante. Estava a ler a carta.

– Salvaste sete pessoas.

– Houve outros que também salvaram vidas.

– Arriscaste-te, apesar dos teus ferimentos, para salvar as duas últimas pessoas – continuou, como se não o tivesse ouvido.

Cristiano não precisava que lho recordassem, pois via-o várias vezes nos seus *flashbacks*. Revivia a angústia, o horror do momento.

Mariella olhou para ele, com olhos brilhantes.

– Sabia que eras um herói. E não só por Dante e por mim. Deves estar muito orgulhoso.

– Não vou aceitar, seria uma farsa.

– Mas...

Tirou-lhe o papel da mão e atirou-o para o lixo.

Capítulo 6

Mariella surpreendeu-se muito com aquela reação, mas teve de cuidar de Dante, antes de ir atrás de Cristiano. Tirou o bebé do carrinho e tentou tranquilizá-lo. Preparou o biberão com uma mão, mas o menino continuou a protestar até começar a beber.

– Estão a nascer os dentes, querido? – perguntou, pois lera que isso acontecia por volta dos cinco ou seis meses de idade.

Dante estava mais tranquilo, a beber o biberão, e Mariella foi para a sala de estar. As cortinas estavam abertas e o sol entrava pelas janelas, dando-lhes as boas-vindas. Sentou-se numa poltrona, de onde se via melhor o lago, e continuou a segurar o biberão e o menino.

Aquele bombeiro era um homem muito enigmático. Era um herói, mas isso parecia zangá-lo. Não parecia estar satisfeito com aquilo que fizera.

Suspirou e tentou imaginá-lo quando era criança, a correr pela praça de Monta Correnti ou pelo restaurante do pai. Não conseguiu. Imaginava-o ali, no lago Clarissa, a brincar no bosque, a nadar no lago, no verão, ou a conduzir a mota de água. A cortar madeira para o inverno. A perseguir o irmão, que se parecia com ele.

Dante adormeceu. Levantou-se e dirigiu-se para a porta. Tal como imaginara, Cristiano estava sentado no pátio, a observar o lago.

– Podes ajudar-me? – pediu.

Ele virou-se.

– Podes recostar o carrinho? Assim, dormirá melhor e poderemos ir embora assim que estiver pronta.

Ele assentiu e levantou-se. Observou-o. Já não coxeava. Porque continuava de baixa? Porque se recusava a receber a medalha?

O carrinho estava na cozinha. Cristiano baixou o encosto e saiu para o pátio.

Mariella estava a embalar o bebé.

– Obrigada, está cada vez mais pesado.
– Tens jeito para ser mãe – elogiou. – Não acontece a todas as mulheres.

– Ainda é difícil – declarou, depois de deixar o menino no carrinho, olhando para ele com adoração.

Tinha uma madeixa de cabelo no rosto e Cristiano não pôde evitar estender a mão e afastá-la, enquanto olhava para ela nos olhos. Sentiu aquela pele quente. O sorriso também era caloroso e os lábios tentadores. Como num sonho, Cristiano inclinou-se e beijou-a. Tinha uns lábios quentes e doces. Desejou que aquele momento durasse para sempre.

Mas voltou à realidade, quando ela se afastou.

– Passei dias a querer fazer isto – confessou ele, acariciando-lhe o rosto.

– Pensei que só eu é que sentia... Refiro-me à atração.

– Não – assegurou, voltando a beijá-la e abraçando-a.

No entanto, Cristiano pensou que devia controlar-se. Recusava-se a apaixonar-se por Mariella. Não podia, porque ainda não sabia se ia poder voltar para o mundo normal.

Abraçando-a, tocando nela, beijando-a, poderia esquecer o horror daquele dia, a dor da perda do amigo e de outros colegas, mas não seria justo para ela.

Cristiano recuou devagar. Ambos tinham a respiração entrecortada. Por um instante, desejou que o bebé dormisse toda a tarde, para poder levá-la para o quarto e fazer amor com ela, até ambos estarem saciados.

– Ena... – sussurrou Mariella, lambendo os lábios com a ponta da língua.

– Igualmente – declarou, beijando-a nas faces, para ver durante quanto tempo conseguia resistir aos seus lábios.

O menino acordou e começou a chorar.

Mariella dirigiu-se para ele.

– Oh, querido, o que se passa? – perguntou, pegando nele ao colo. – Talvez não queira dormir no carrinho. Vou levá-lo para casa.

– Eu levo-os no meu carro.

– Não, obrigada. Está um dia bonito, vamos a pé.

Poucos minutos mais tarde, foram-se embora.

Cristiano ficou a olhar para eles, até desaparecerem ao longe. Era evidente que Mariella amava muito o menino. Sempre o amaria. Não tinha razões para se preocupar, pois seria uma boa mãe. E oxalá pudesse ver tudo isso.

Mariella caminhou pela beira da estrada sem ver a paisagem, atenta os carros, divertida com o beijo e preocupada com o menino, ao mesmo tempo. Estava a sorrir, com o coração ainda acelerado, a pensar em Cristiano. Tinha a sensação de que cada vez estavam mais próximos. E era evidente que também se sentia atraído por ela. Desejou que Dante não os tivesse interrompido.

– Embora não soubesses que estavas a interromper – disse ao menino, que estava acordado, nervoso, com a mão na boca.

Esperou que adormecesse quando o deitasse no berço. E desejou poder voltar a casa de Cristiano e passar a tarde com ele. Partilhar mais beijos apaixonados.

Cristiano entrou no pequeno barracão que havia atrás da casa. Cheirava a serradura e a cera. Pouco a pouco, foi relaxando. Sempre que entrava na oficina, sentia-se perto do avô. O pai da mãe fora marceneiro e ensinara-lhe o básico para seguir os seus passos.

Desde que ia para ali, começara a fazer pequenos móveis, que estavam alinhados contra a parede, já acabados, como se esperassem que alguém os levasse para casa. Pensou que o avô teria gostado de os ver.

Dirigiu-se para a madeira que estava empilhada no outro lado do barracão. Estudou cada peça e escolheu uma de cerejeira. Era pequena, mas seria o suficiente para fazer uma mesa e duas cadeirinhas para Dante. O menino ia demorar alguns anos a utilizá-las, mas Cristiano gostava que ficasse com algo do lago Clarissa. Quando crescesse, Mariella iria falar-lhe dos dias que tinham passado ali e do bombeiro que lhe fizera a mesa.

Colocou a peça de madeira na mesa de trabalho, imaginando o conjunto. Deveria ser pequeno mas resistente, para que durasse vários anos. Mariella podia casar em algum momento, pois todas as mulheres bonitas o faziam, e teria mais filhos. Hesitou um momento,

ao pensar nela com outro homem. Não gostou da ideia mas, a não ser que recuperasse, não poderia fazer nada.

Pegou num lápis e na fita métrica, e começou a marcar a madeira.

Meia hora mais tarde, quando o telefone tocou, Cristiano ficou a olhar para ele, interrogando-se se devia atender. O mais provável era que se tratasse da irmã ou do pai. Ou talvez fosse Mariella. Não lhe dera o número, mas os Bertatali tinham-no. O telefone continuou a tocar e decidiu atender.

– *Ciao?*

– Finalmente! Pensei que não ias atender – reclamou a irmã. – Como estás?

– Bem – respondeu, apoiando-se na parede.

– É tudo o que tens a dizer? Bem? Quando vens ver-nos?

– Porque teria de o fazer?

– Para nos veres. Para veres o papá. Já deves estar recuperado dos ferimentos.

– Sim – pelo menos, dos externos. – Mas estive ocupado.

– Vem jantar aqui, esta noite.

– Estou a dizer que estou ocupado. Não posso ir jantar.

– E noutro dia, esta semana?

– Talvez – concedeu, mesmo sabendo que não iria.

A irmã suspirou de uma forma exagerada.

– Fala-me da tua nova amiga, Mariella – pediu, de repente. – Gostei dela.

Ele recordou os beijos. Engoliu em seco e tentou falar num tom normal.

– Está a passar uns dias aqui, só isso.

– Onde a conheceste?

– Salvei-a de um incêndio. A ela e ao bebé.

– Disse que tinha provado o molho do Rosa, em tua casa. Mande-te outro frasco por ela.

– Eu sei, obrigado.

– Sinceramente, Cristiano. É preciso tirar-te tudo à força. Conta-me alguma coisa.

Ele riu-se e o carinho que sentia pela irmã reconfortou-o. Esquecera-se de que Isabella queria sempre saber tudo. A

curiosidade dela não tinha limites. Sentia falta dela.

– Veio agradecer-me e convidei-a para almoçar. Foi isso.

– Portanto, não vais voltar a vê-la.

– Claro que vou – declarou, sentindo pânico, ao pensar em não voltar a vê-la. Continuará a vê-la, até se ir embora para Roma.

– Estou a planear uma reunião de família para o fim do mês – revelou a irmã, depois de um silêncio. – Na verdade, é uma surpresa para o papá. Portanto, não lhe digas nada.

– Que tipo de surpresa? Não é o aniversário dele.

Cristiano alegrou-se por a festa não ser para ele.

– É apenas uma surpresa, mas não quero que suspeite de nada. Portanto, se já estás bem, podíamos dizer que a organizámos para celebrar a tua recuperação.

– Já estou bem há várias semanas.

– Ninguém sabia. Não te vemos desde que saíste do hospital. Se realmente já estás bem, vem ao restaurante. Vem jantar.

– Ligo-te depois.

– Reserva o último sábado do mês para a festa.

Cristiano desligou, pensando que a última coisa que queria naquele momento era uma festa. No entanto, sentia falta da família. Tinha sorte por ter irmãos e primos. E uma tia que não via muito. Teria de encontrar um espaço para eles.

Voltou ao trabalho, pensando no menino, tentando imaginá-lo quando crescesse. Pensou que talvez pudesse passar as férias no lago Clarissa.

Acabou de cortar a madeira ao fim da tarde e repetiu a si mesmo que o futuro de Dante e Mariella não tinha nada a ver com o seu. Arrumou tudo e entrou em casa. Os dias não demorariam a refrescar, portanto, decidiu que jantaria no pátio e desfrutaria do pôr do sol.

E tentaria não pensar em Mariella e no bebé.

Enquanto preparava o jantar, apercebeu-se de que há dias que não tinha pesadelos, nem *flashbacks*. A noite do incêndio fora a última vez. Talvez estivesse a melhorar, realmente, mas era muito cedo para ter a certeza.

Se continuasse assim, poderia ter uma existência normal.

Caso contrário, esperava-o uma vida muito solitária.

No dia seguinte, de manhã, consciente de que as férias estavam a passar muito depressa, Mariella pôs o menino no carrinho e saiu. O céu estava nublado e o vento soprava com mais força do que nos dias anteriores. Esperou que não começasse a chover antes de chegarem a casa de Cristiano, embora soubesse que, se chovesse, ele os levaria à vila, de carro.

Vestia umas calças de ganga e uma camisola mas, pelo caminho, sentiu falta de um casaco. Tinha roupa de inverno em Roma e não quisera gastar mais dinheiro. Teria de voltar para casa mais depressa, se o tempo piorasse muito.

Fez a curva e tremeu. Estava cada vez mais frio e as nuvens anunciavam uma tempestade. Talvez devesse ter ficado na cabana, mas tinha pouco tempo para estar com Cristiano.

Chegou a casa dele, mas ficou dececionada ao não o ver sentado no pátio, apesar de não estar um dia bom. Bateu à porta, olhou para Dante e ele sorriu. Ele estava quentinho.

Voltou a bater.

Não obteve resposta. Aproximou-se da janela e olhou lá para dentro. A sala de estar estava vazia e não havia nenhuma luz acesa.

Ouviu o barulho de uma serra elétrica. Empurrou a cadeirinha para as traseiras da casa e voltou a ouvir o ruído, procedente do barracão. Tinha de encontrar Cristiano, porque parecia que ia começar a chover a qualquer momento.

A porta estava aberta e Cristiano estava de costas para ela, a cortar uma peça de madeira. Entrou com o carrinho, para se resguardar do vento. Lá dentro, estava muito mais calor.

Viu os móveis alinhados junto da parede. Cristiano cortou outro pedaço de madeira e o menino gritou, ao ouvir o ruído.

Ele parou e virou-se.

– Não sabia que estavam aqui – comentou, com o sobrolho franzido, desligando a serra. – Vieste de carro?

– Não, vim a pé. E acho que vai começar a chover.

– Vai haver tempestade – informou, tirando os óculos protetores e sorrindo a Dante. – Eh, miúdo, estás quentinho?

– Sim, aconcheguei-o bem. Tenho de te pedir um favor.

– O que é?

– Na sexta-feira, é o aniversário de Ariana. E gostaria de ir ao cemitério, levar-lhe umas flores. Também poderia ir buscar alguma roupa de inverno, a minha casa. A *signora* Bertatali ofereceu-se para cuidar de Dante.

A ideia de ir com ela a Roma, quase lhe causou náuseas. Era muito cedo. Não estava preparado para isso. Recuou e olhou pela porta, viu as traseiras da casa e as árvores que havia por trás. Dali, não conseguia ver o lago. Esperou um momento. Não voltou a estar no túnel. Respirou fundo. Nada. Ouviu o bebé a brincar com as chaves de plástico e viu Mariella pelo canto do olho. Não houve *flashbacks*, nem sentiu medo.

Em algum momento, teria de voltar a Roma. O que podia ser melhor do que uma visita relâmpago? Talvez estivesse a preocupar-se sem razão. Talvez o pior já tivesse passado e pudesse seguir em frente.

Poderia ir visitar o túmulo de Stephano.

Não pudera ir ao funeral, porque estava no hospital. Também não fora a nenhuma das missas que tinham organizado pelas vítimas.

Imaginara o enterro do amigo milhares de vezes. O túmulo debaixo de terra. A mulher a chorar. Os pais atordoados com a perda do seu único filho. Respirou fundo e tentou captar o cheiro da serradura, para regressar ao presente.

Um ligeiro cheiro a flores chamou a sua atenção. Era o cheiro de Mariella. Fechou os olhos. A imagem do beijo assaltou-o.

Abriu os olhos, virou-se e olhou para ela, desejando ter outro beijo. Sentia-se sozinho. Não gostava de estar afastado dos amigos e da família. A única coisa que o mantivera isolado fora a vergonha de não ser capaz de controlar as coisas.

Até então.

Mariella estendeu a mão e tocou-lhe no braço, com cuidado.

– Vais levar-me? – perguntou.

Olhou para ela, fixamente. Estava a pensar em beijá-la, em abraçá-la com força, em perder-se na sua doçura. E ela estava concentrada na visita ao cemitério.

– Está bem, irei contigo. Por Dante. Assim, poderás dizer-lhe que não foste a única a chorar a perda da mãe.

Esperou não ter nenhum *flashback*, quando fossem ao cemitério.

Um trovão assustou-os e Dante começou a chorar. Mariella aproximou-se e tirou-o do carrinho.

– Calma, calma, pequenino. É só um barulho – tranquilizou, olhando para a porta.

Chovia torrencialmente e estava muito escuro.

Cristiano inalou o ar limpo e fresco. Mariella e o bebé não poderiam voltar para a vila com o tempo assim. De facto, iriam ficar encharcados se fossem até ao carro. Teriam de ficar ali até a intempérie acalmar.

Mariella aproximou-se, com o bebé na anca e a olhar para tudo. Dante sorriu e atirou-se para os seus braços. Cristiano pegou nele e Mariella soltou-o, sorriu e aproximou-se mais dele. Quem podia não amar um bebé assim?

– Chuva – disse Cristiano, apontando para a porta.

O bebé balbuciou e deu-lhe uma palmada no rosto. E ele sentiu um aperto no coração.

– Tem a vida toda pela frente. O que achas que fará quando crescer?

– O que quiser. Só desejo que seja feliz e saudável. E, quando for mais velho, posso falar-lhe da mãe – explicou Mariella, aproximando-se mais dele.

Cristiano rodeou-a pelos ombros e os três ficaram a observar a chuva durante alguns segundos.

– E do pai? O que lhe dirás? – perguntou Cristiano, um pouco depois.

– Ariana disse-me que tinha desaparecido da vida dela. E que a relação tinha sido um erro. Mas nunca direi isso a Dante. Direi apenas que se foi embora.

– Pensas que pode estar morto?

– Não sei. Tinha esperança de descobrir alguma coisa sobre ele durante esta viagem, mas é uma zona onde vêm muitos turistas e ninguém se lembra de Ariana.

– Pois...

– Espero que não chova, na sexta-feira. Os cemitérios já são bastante tristes e não precisamos que, para além disso, o céu também chore.

– Tens razão. No dia do funeral de Stephano choveu e eu pensei que o céu estava a chorar – comentou Cristiano, muito devagar. Nunca o vira daquela forma.

– Stephano era teu amigo?

– O meu melhor amigo.

– Lamento que tenha morrido.

– Faleceu nos atentados. Era a terceira vez que entrávamos no túnel, quando rebentou a segunda bomba. O teto do túnel ruiu, matando todos os que estavam lá dentro.

Cristiano desejou sair para a chuva, sentir o frio, ver o céu, saber que estava vivo. Mas tinha o bebé ao colo, portanto, ficou à porta. A confiança de Dante emocionou-o. O bebé sabia que os adultos que estavam ali iam tomar conta dele.

Mariella agarrou-o pela cintura, abraçando-o.

– Que horror!

– Foi um dia horrível.

– Mas salvaste sete vidas. Se não fosses tu, teriam morrido com a segunda bomba.

– Não foi o suficiente. Morreram muito mais pessoas.

– Como podes dizer isso? Como podes dizer que não foi o suficiente? É mais do que qualquer pessoa teria esperado.

– Devia ter-me certificado de que Stephano estava atrás de mim, de que não ficara para trás. Perdemos sete homens da brigada.

Sentiu-se angustiado. A sua obrigação era salvar vidas. Escolhera dedicar a sua vida a apagar fogos, a resgatar pessoas, mas não fora capaz de salvar o seu melhor amigo.

Mariella reconfortou-o do único modo possível, rodeando-o com o seu corpo quente. Desejou poder curar a sua tristeza. Ou que alguém pudesse fazê-lo.

Capítulo 7

Alheio a tudo, o bebé balbuciou, contente, e esticou a mão várias vezes para tocar na chuva. O ar era gelado, mas Cristiano não se mexeu. O menino estava bem agasalhado.

Fez-se silêncio, mas não era incómodo. Cristiano respirou fundo, tentando livrar-se da dor que o invadia.

– Desde quando eras amigo de Stephano? – murmurou Mariella.

Cristiano quase sorriu.

– Lembro-me do dia em que o conheci, no centro de treino. Vinha de Génova e adorava o mar. Eu vinha daqui, das montanhas e dos lagos. Era filho único, tinha uma mulher bonita e uns pais que o adoravam. Ambos adorávamos futebol. Puseram-nos juntos durante os treinos e o resto...

Não pensava naqueles dias desde a morte de Stephano. Nesse momento, ao falar disso com Mariella, deixou-se levar pelas lembranças. Para além de trabalharem juntos, também tinham partilhado grande parte do seu tempo livre.

– Estava sempre disposto a viver uma aventura – começou por dizer Cristiano, recordando as suas viagens ao mar e a esquiar.

– É provável que a mulher dele gostasse de ter notícias tuas – comentou Mariella. – Não voltaste a vê-la?

Abanou a cabeça.

– Como poderia fazê-lo, se estou vivo e Stephano não?

– Não o mataste. Foram os terroristas. Tal como ela, amava-lo, embora fosse um amor diferente. Isso une-vos. Aposto que ia gostar de te ver.

– Faria com que se recordasse de Stephano.

– Talvez queira que lho recordem. Talvez queira ter alguém que o conhecesse, com os seus defeitos e tudo o resto. Alguém que possa recordar-lhe os tempos felizes que viveu. Para celebrar a vida dele e não ignorá-la.

– Não entendes.

Mariella encolheu os ombros. O bebé estava cada vez mais inquieto.

– Deve ter fome. Eu pego nele – pediu.

Cristiano soltou o bebé, mas sentiu frio ao afastar-se dele.

– Em que estás a trabalhar? – perguntou Mariella, aproximando-se da mesa de trabalho.

Ele também se virou.

– Numa mesa e cadeiras, para Dante.

– A sério? E fizeste tudo aquilo? – voltou a perguntar, olhando para os móveis alinhados junto da parede.

– Foi um verão muito longo. Não me dediquei apenas a empilhar pratos na cozinha – troçou, tentando dar um tom menos grave à conversa.

– São lindos – elogiou ela, passando um dedo por uma mesa pequena, com pernas elegantes. A peça de cerejeira brilhava, apesar de haver pouca luz.

– Foi difícil fazer as pernas. Tive de estragar mais madeira do que queria.

– E esta é incrível. Fizeste-a para alguém? – era uma pequena consola, com linhas clássicas.

– Só a fiz para matar o tempo, enquanto recuperava.

– Gostaria de a comprar, se estiver à venda – disse Mariella, sem muita convicção.

– Leva-a, se quiseres. Não tens de pagar.

Cristiano pensou onde iria pô-la. Poderia ir a casa dela, um dia, e ver como a usava? A consola ia criar um vínculo entre eles.

Aproximou-se da mesa de trabalho.

– Continua a trabalhar, se quiseres. Acho que vai continuar a chover. Não te vamos incomodar – declarou Mariella, sorrindo. – Estou desejosa de ver o que estás a fazer para Dante. É um menino muito sortudo. Não é?

Cristiano abanou a cabeça. Maldito otimismo! Como é que Mariella podia pensar assim? O menino não tinha mãe, nem pai. Nenhum familiar conhecido. E representava um grande fardo para a

jovem que se transformara em sua mãe. Contudo, Mariella parecera sincera, ao fazer o comentário.

Cristiano começou a trabalhar a perna da cadeira. Ao princípio, sabia que Mariella estava a observá-lo, mas depressa se deixou levar pelo prazer de trabalhar a madeira.

Ela deu um biberão ao bebé e depois deixou-o na cadeirinha, para que adormecesse. E aproximou-se dele.

– A vida é curiosa, não é? – comentou.

– O que queres dizer com isso?

– Que lutas contra o fogo e a destruição, e crias coisas bonitas. Há um equilíbrio. É por isso que o fazes? Para equilibrar as coisas?

– Não. Faço-o porque gosto. O meu avô ensinou-me.

– E o teu pai ensinou-te a cozinhar?

– Um pouco. Gosto de comer bem.

– Eu sei cozer ovos – revelou, com atrevimento.

Cristiano riu-se. Não pôde evitar. Mariella fora estudar para os Estados Unidos, mas voltara. Era capaz de tomar conta de uma criança. E não sabia cozinhar?

– Portanto, Dante e tu serão felizes, e comerão ovos cozidos.

– Talvez tenha de aumentar o meu repertório – declarou, franzindo o nariz. – Talvez possas ensinar-me uns truques. Não me parece que seja um problema no futuro, pois não? Quer dizer, posso aprender. E, neste momento, Dante não come quase nada, portanto, não me preocupa.

– Certamente, vai crescer saudável, ainda que, para que desfrute da comida, tenhas de aprender a fazer mais alguma coisa.

Cristiano pensou que, na sua família, todos sabiam cozinhar. Bom, não sabia como era com os irmãos dos Estados Unidos mas, se vivessem sozinhos e tivessem tempo, deviam cozinhar.

– Diz-me o que estás a fazer agora – pediu ela, aproximando-se mais.

Mariella gostava do contacto físico. Cristiano não tocara em ninguém desde que saíra do hospital. Até esse momento. Sempre que ela se aproximava, tocava nele, quer fosse com as mãos ou com o corpo. E gostava desse contacto. Desejou tê-la nos seus braços.

Pigarreou e começou a explicar o que estava a fazer, com esperança de esquecer aquilo que o seu corpo pedia.

O pior da tempestade parecia ter passado. O bebé adormecera no carrinho. E Cristiano estava a mostrar o trabalho a Mariella. Talvez não tivesse recuperado a cem por cento, mas era capaz de criar coisas bonitas.

Olhou para o relógio, surpreendido por a manhã ter passado tão depressa.

– Posso levar-te a casa, se quiseres. Parece que o pior já passou.

– Está bem. Empurrar o carrinho cansa um pouco e está mais frio.

No carro, Cristiano olhou para ela.

– Já que vamos sair, porque não almoçamos juntos?

– Adoraria. Já tenho fome. Temos tempo para ir a Monta Correnti? Podíamos almoçar no restaurante da tua família.

Ele hesitou. Preferia ir ao Pietro. Não ia ao Rosa desde os atentados, até antes. Por um instante, sentiu pânico. E se tivesse um *flashback* no restaurante? E se o olhar se toldasse e acabasse por desmaiar em cima da mesa? A família ficaria horrorizada.

Mas sabia que teria de ir, em algum momento. Quanto mais adiasse, mais suspeita seria a sua ausência. A irmã e o pai já estavam a queixar-se de que nunca o viam.

No entanto, não estava preparado.

Estaria, um dia?

– Não faz mal. Esquece. Podemos ir ao Pietro, embora o molho não seja tão bom – decidiu Mariella, ao vê-lo a hesitar.

– Não, vamos ao Rosa.

Com um pouco de sorte, a irmã ia estar demasiado ocupada para falar com ele. Embora não costumasse haver tanta gente à hora de almoço, como durante os jantares e aos fins de semana. Portanto, tentaria agir como uma pessoa normal e depois voltaria para o seu refúgio.

Ao chegarem aos subúrbios de Monta Correnti, Mariella falou pela primeira vez, em todo o trajeto.

– É muito bonito, até com a chuva. Agora entendo porque Ariana me falou tão bem deste lugar. E penso que as lembranças eram felizes, apesar de estar magoada com o final da história.

Quanto mais perto estavam do restaurante, mais tenso ficava Cristiano. Passara meses sem ver Isabella. Só tinham falado esporadicamente, ao telefone. E, certamente, ia fazer centenas de perguntas. Tinha cometido um erro ao aceder a ir ali?

Estacionaram o carro e apressaram o passo, debaixo de chuva. Cristiano segurou o guarda-chuva grande que tinha no carro. Mariella levava o bebé e iam quase colados, para evitar molhar-se. Ainda podiam voltar para trás. Cristiano pensou que não poderia explicar a situação a Mariella, se tivesse um *flashback*.

Entraram no restaurante e Mariella respirou fundo.

– Se pudéssemos engarrafar este cheiro e espalhá-lo pelas ruas, todos viriam comer aqui – comentou. – Faz crescer água na boca.

Cristiano respirou fundo. Sentia-se em casa, como sempre. Embora continuasse tenso. E tinha medo.

Um dos empregados aproximou-se. Cumprimentaram-se.

– Há muito tempo que não vinha ver-nos – comentou o empregado.

– Sim. A minha irmã ou o meu pai estão por aqui?

– Não. Tiveram de ir a uma reunião.

– Bom, vamos sentar-nos na parte de trás, se houver lugar – declarou Cristiano, sentindo-se aliviado. Menos uma preocupação.

– Hoje, isto está tranquilo. Suponho que será por causa da chuva – comentou o empregado, acompanhando-os a uma das pequenas mesas que havia junto da parede, nas traseiras.

Depois, levou uma cadeirinha para o bebé. Mariella sentou-o e deu-lhe as chaves de plástico, para se entreter.

Abriu o menu e leu-o. Parecia ser tudo delicioso. Não era fácil escolher só uma coisa.

Depois de pedirem, olhou para Cristiano, fixamente.

– Conheces toda a gente?

– Penso que sim. O meu pai tem este restaurante há muito tempo, antes de eu nascer.

– Lamento que não esteja aqui.

– Melhor assim.

– Porquê?

– Por nada.

Mariella franziu o sobrolho, mas não insistiu.

Partiu um palito de pão ao meio e deu uma das partes a Dante. Mordiscou a sua metade e observou a decoração.

– Da outra vez que comemos aqui, sentámo-nos na esplanada. É muito agradável. Gostei muito. É uma pena que esteja a chover.

Ouviram alvoroço, junto da porta. Cristiano olhou para lá e franziu o sobrolho.

Mariella virou-se para ver o que era.

Uma mulher com cerca de sessenta anos estava a discutir com os empregados. Depois, virou-se com brutalidade e viu Cristiano.

– Ena, ena! – exclamou, levantando-se ao mesmo tempo que ela se aproximava.

– Cristiano – disse ela, beijando-o nas faces. – Pensei que estavas ferido, a recuperar – acrescentou, olhando para ele dos pés à cabeça. – Pareces estar bem. Sempre foste um rapaz bonito.

– Obrigado, tia Lisa. Estou bem.

– Vejo que sim. Onde está o teu pai? Que reunião é essa?

– Não sei. Também esperava encontrá-lo aqui.

E então, ela olhou para Mariella.

– Como está? Sou Lisa Firenzi, tia de Cristiano.

– Mariella Holmes.

– Holmes? És daqui?

Mariella abanou a cabeça.

– De Roma. Embora tenha vivido alguns anos em Nova Iorque.

– Ah, lá há bons restaurantes, que as pessoas sabem apreciar – olhou à sua volta e abanou a cabeça. – Quem quer um restaurante acolhedor? Diz ao teu pai que quero falar com ele. Ou com a tua irmã. Talvez seja mais fácil falar com Isabella.

Cristiano sorriu.

– Vou dizer-lhe.

Lisa despediu-se com a mão e foi-se embora.

– Um furacão – comentou Mariella.

– É a proprietária do restaurante do lado. Apesar de ser irmã do meu pai, passaram anos quase sem se falar. Questiono-me sobre o que quererá.

– Oxalá tivesse família em algum lado. Para além de Dante, claro.

– Dante tem muita sorte por te ter. Há muitas pessoas que não querem tomar conta de um filho. É uma grande responsabilidade.

– Não queres ter filhos? – perguntou ela. – Quer dizer, quando casares e tudo isso.

Cristiano não queria falar sobre isso. Parecia ser um homem normal, mas não era.

Por um instante, desejou estar a recuperar de verdade. Talvez pudesse voltar ao trabalho.

– Talvez, se casar – concedeu.

– Surpreende-me que não faças parte deste negócio. Podias tomar conta dele, quando o teu pai se reformar – comentou Mariella, um pouco depois, quando já tinham começado a comer.

– Isso é coisa da minha irmã. O meu irmão e eu estávamos desejosos de nos ir embora. A vida aqui sempre me pareceu ser muito ordenada.

– Foi por isso que escolheram o extremo oposto. Tu com o teu trabalho e ele com as suas corridas. Porque gostam de pôr a vossa vida em perigo? Pelo menos, as tuas ações têm um bom objetivo, mas dedicar-se a arriscar a vida num carro, parece ser algo um pouco temerário.

– Suponho que o meu irmão o faz pela sensação incrível de ganhar. Não tem preço.

– É assim que te sentes, quando apagas um incêndio?

– É sempre um desafio. Nunca há dois incêndios iguais.

– Que medo!

Cristiano encolheu os ombros. Não ia admitir, mas já tinha sentido medo, várias vezes.

– Já falámos o suficiente de mim e da minha família. Fala-me de Nova Iorque.

– É uma cidade cheia de vida. Estive a trabalhar em vários teatros, para poder ver as peças de graça. Passei muitas tardes de chuva ou neve a visitar museus. Na universidade, especializei-me em marketing. Não era a única estrangeira da minha turma, porque também havia estudantes da Grã-Bretanha e do Japão.

– Seria mais fácil conseguir um trabalho bem pago, se não tivesses um bebé.

– Toda a minha vida seria diferente, se não tivesse Dante. Queria montar uma empresa de marketing, com uma colega de Nova Iorque.

– Deve ter sido difícil deixar tudo para trás – observou Cristiano.

– A realidade é muito diferente dos meus sonhos. Adoro Dante. E cada vez me sinto mais segura de mim. Quando o menino começar a ir à escola, poderei tentar trabalhar noutra coisa. Há muitas mães solteiras e todas seguem em frente.

– Também há pais solteiros mas, mesmo assim, as coisas funcionam melhor se forem dois.

Mariella ficou em silêncio. Um momento depois, levantou o olhar.

– Tenho de falar com a senhora Bertali, para que fique com Dante quando formos a Roma.

la levá-la ao cemitério e, depois, iria falar com o seu superior. Daria uma volta pelo seu apartamento, que estivera vazio nesses últimos meses e, para acabar, visitaria a viúva de Stephano.

Também gostaria de ver onde Mariella e Dante viviam. Podia levá-la a casa, para que fosse buscar roupa. Poderiam jantar juntos, no caminho de regresso. Pela primeira vez, em muito tempo, sentiu-se contente.

– Sairemos cedo.

– Muito cedo?

– Às sete?

– Está bem. Vais ao ministério, para falar da tua medalha?

Cristiano esquecera aquilo. Abanou a cabeça.

– Não.

– Porquê?

– Porque morreram muitas pessoas nos atentados. Boas pessoas. Seres humanos que tentaram resgatar outros. Eu tive mais sorte do que a maioria, saí de lá vivo. Mas muitos outros não tiveram essa sorte.

– Salvaste sete pessoas. Incluindo duas crianças – insistiu, estendendo a mão para tocar nele. – Deve ter sido assustador. Perderam-se tantas vidas...

Incluindo a de Stephano. Cristiano começou a sentir a inquietação própria de um ataque de pânico. O olhar começava a toldar-se. O

coração acelerou.

Mariella agarrou-lhe na mão e olhou para ela nos olhos. Observou as sardas do nariz. Questionou-se como seria beijá-las, uma a uma. Parecia a felicidade personificada, apesar de ter passado por muitos buracos na sua vida. Por um momento, invejou-a. Teria dado tudo por poder voltar atrás. Para voltar a ser o homem que fora.

Passou aquele momento. Depois outro. Voltou a ver o restaurante, as pessoas a desfrutar da comida, as gargalhadas e as conversas. Respirou fundo.

– Queres sobremesa? – perguntou, afastando a mão.

Mariella era como um salva-vidas. Seria esse o truque? Não se fechar em copas e estar sempre com ela?

Teria dado quase tudo para poder fazê-lo.

Decidiram não comer sobremesa e voltaram para o carro, contentes por ter parado de chover, embora fosse apenas temporariamente. Continuava a haver nuvens escuras no céu.

Mariella ficou sentada no carro, quando Cristiano o parou à frente da casa dos Bertatali. Dante estava a dormir na cadeirinha.

– Foi um bom dia, apesar da chuva. Obrigada pelo almoço – agradeceu.

– Foi um prazer.

– O restaurante da tua família é muito agradável. Gosto muito. Tens sorte por fazer parte dele, mesmo que não trabalhes lá.

Talvez isso mudasse. Se não pudesse voltar a ser bombeiro, o que faria? Ia trabalhar com a irmã, no restaurante?

Ainda que, se não recuperasse, talvez não pudesse trabalhar com o público, porque poderia ter um *flashback* a qualquer momento. Agarrou o volante com força. Teria sido melhor morrer nos atentados, do que ficar assim.

Faria o possível para que ninguém percebesse o que se passava.

– Obrigada, mais uma vez – repetiu Mariella, abrindo a porta.

– Vou tirar o carrinho – ofereceu-se, saindo do carro e tirando o carrinho do porta-bagagem, enquanto ela tirava Dante e a cadeirinha do carro.

O pesadelo voltou a acordá-lo, sentindo-se aterrorizado. Cerrou os punhos e lutou contra aquelas lembranças que não queriam

deixá-lo em paz. Afastou a manta, levantou-se e foi até à janela. Abriu-a e respirou fundo. Pouco a pouco, acalmou-se. Há dias que não tinha um pesadelo. Pensara que, talvez... ia continuar a reviver os atentados, eternamente?

Vestiu-se e foi para a cozinha, para beber um café. Não ia conseguir dormir mais, depois daquilo. Olhou à sua volta enquanto esperava que a água fervesse. Sentia-se frustrado e zangado. Viu o computador portátil em cima da mesa e lembrou-se de Mariella, ali sentada. Consequia imaginar o cabelo loiro a cair para a frente. Os dedos no teclado. Acalmou-se só de pensar nela. Quase sorriu e desejou poder vê-la nesse momento.

Não podia começar uma relação com nenhuma mulher, porque a assustaria, se acordasse com um pesadelo. A água começou a ferver e preparou o café. Contudo, Mariella contribuía com prudência para a sua vida e fazia-o ter esperança no futuro. Gostava de estar com ela. Queria saber tudo sobre a vida dela, as suas esperanças, os seus sonhos, os seus planos com um filho para criar...

Queria tê-la na sua vida. Poderia arriscar-se e tentar?

Encheu a chávena de café e passeou pela casa. Considerou a hipótese de ir trabalhar para o barracão, mas estava muito nervoso. Bebeu o café, pegou nas chaves da moto e decidiu passar o resto da noite a passear.

Fez o percurso que fizera em tantas outras noites e reduziu a velocidade ao aproximar-se das cabanas dos Bertatali. Na última vez que olhara para lá, vira fogo. Nessa noite, não havia chamas, mas a cabana onde Mariella se alojava tinha as luzes acesas.

Dirigiu-se para lá e parou à frente da cabana. Questionou-se se devia desmontar a moto e bater à porta, para ver se estava tudo bem. Iria assustá-la? E se Mariella adormecera com as luzes acesas?

Olhou para este e viu que estava prestes a amanhecer.

Ouviu o menino a chorar.

Correu para a porta e bateu.

Mariella abriu-lhe a porta. Tinha os olhos cobertos de lágrimas e o menino ao colo.

– Cristiano, o que estás a fazer aqui?

– O que aconteceu? – perguntou, entrando.

– Passou quase toda a noite a chorar e consigo fazer com que se acalme. Tentei tudo, mas nem sequer quer o biberão. Não sei o que fazer – confessou, começando a chorar.

– Eu pego nele – pediu.

Mariella obedeceu e limpou as lágrimas.

– Volto já.

O bebé continuou a chorar e Cristiano lembrou-se de outro bebé. Embalou-o com cuidado.

– Eh, pequenino, não chores. Não deixaste a tua mamã dormir durante toda a noite – sussurrou.

O bebé fez beicinho, mas parecia que ia voltar a chorar.

– O que se passa?

Cristiano apoiou-o contra o peito, na posição vertical. Acariciou-lhe a cabeça com a cara.

Dante parou de chorar e chegou-se para trás, para olhar para ele. Tinha a cara húmida de tanto chorar e os olhos vermelhos, mas observou Cristiano como se estivesse a examinar algo maravilhoso.

– Assim, está melhor. Dá um descanso à tua mãe. Normalmente, as pessoas dormem durante toda a noite.

Mariella entrou na sala, depois de ter lavado a cara e ter vestido uma camisola por cima do pijama.

– O que estás a fazer aqui a esta hora? E como conseguiste fazer com que parasse de chorar? Não parou desde a meia-noite! – Mariella olhou para o bebé, que parecia que ia desatar a chorar a qualquer momento.

– Acordei cedo e saí para ir dar uma volta.

– Está muito frio lá fora.

Cristiano encolheu os ombros. Sentia muito frio, depois de um pesadelo.

– Em qualquer caso, fico feliz por te ver. Achas que vai dormir? – perguntou Mariella, esperançada, olhando para o bebé com preocupação.

– Não sei, mas parece que está mais tranquilo.

Ela assentiu e acariciou a cabeça de Dante.

– Estou tão cansada... Mas se ele não conseguir dormir, eu também não consigo. Penso que os dentes estão a nascer. Não quer comer, nem dormir. Não sei o que fazer.

– Dorme um pouco. Eu fico com ele.

– A sério?

Cristiano assentiu.

Mariella aproximou-se, pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo nos lábios.

– Obrigada. Estou tão cansada que quase não me aguento de pé. Avisa-me se precisares de alguma coisa.

E, dito aquilo, virou-se e entrou no quarto.

Cristiano viu-a a ir-se embora, sentindo o sabor dos seus lábios. Sem querer, sem saber, Mariella roubara-lhe o coração. Pensou que daria qualquer coisa para que o beijasse todos os dias. Para partilhar as tarefas relacionadas com o bebé, para a ver com sono, preparada para se deitar na cama. Abanou a cabeça, ao sentir como o desejo crescia. Tinha um bebé ao colo, ela estava cansada e ele estava a pensar em tê-la na cama. Só os dois, sozinhos. O cabelo loiro de Mariella espalhado na almofada, suave e sedoso. A pele quente e delicada...

Afastou-se da porta e dos seus pensamentos, e olhou para Dante.

– A tua mãe cativa os homens, tem cuidado – avisou.

O bebé olhou para ele, como se estivesse atordoado.

– Está bem, vamos pôr-nos à vontade.

Deitou Dante no sofá, para tirar o casaco, mas o menino começou a chorar outra vez.

– Eh, já chega! A tua mamã precisa de dormir – ralhou Cristiano, pegando nele ao colo e passeando pela sala de estar.

O bebé pesava pouco e transmitia-lhe o seu calor. Fê-lo sentir uma tranquilidade que não experimentava há muito tempo. Recordou o menino que salvara. Como estaria? Teria alguma lembrança daquele dia horrível? Esperou que Dante nunca tivesse de passar por algo parecido.

Poucos minutos depois, Dante apoiava a cabeça no seu ombro. Finalmente, adormecera.

Cristiano sentou-se no sofá, com cuidado, esfregando as costas do bebé e enchendo-se da paz que reinava na cabana. Desejou poder engarrafar aquela sensação e levá-la com ele, para a usar cada vez que um *flashback* o ameaçasse.

Pouco a pouco, foi amanhecendo. O bebé estava a dormir. Cristiano desfrutou da sensação de o ter ao colo, mas começou a pensar em Mariella. Sabia que estava a dormir, mas desejava que acordasse e fosse falar com ele. Poderiam pensar em algo, para que Dante não sentisse tantas dores de dentes. Desejou saber aquilo que o futuro lhes reservava.

Mas, sobretudo, desejava ter devolvido o beijo que lhe dera.

O sol já ia muito alto quando Mariella voltou a entrar na sala. Dormira várias horas. Deteve-se à porta e sorriu. Cristiano estava deitado no sofá, com Dante ao colo. Estavam a dormir profundamente.

Ficou a olhar para ele por um momento, desejando muitas coisas. Era um homem maravilhoso. Forte, sincero e capaz. Além de ser muito sensual. A barba que começava a nascer dava-lhe um ar desenvolvido. O peito musculado fazia com que o bebé parecesse mais pequeno, mas protegido e amado.

Foi para a cozinha e preparou café, sem fazer barulho. Depois, abriu o frigorífico, para ver o que havia para o pequeno-almoço. Já jantara com o seu salvador na noite anterior, não lhe queria ocupar o tempo todo. Já os ajudara muito.

Com um pouco de sorte, Dante passaria quase todo o dia a dormir e ela poderia deitar-se mais um pouco.

Ouviu o bebé antes de acabar de cozer os ovos para o pequeno-almoço. Sabia que não era boa cozinheira, mas poderiam comer ovos e torradas. E café. Sabia fazer café.

– Cheira muito bem – comentou Cristiano, entrando na cozinha com Dante ao colo.

– Café. E um ovo cozido para cada um.

Ele riu-se, aproximou-se e inclinou-se para lhe dar um beijo na boca. Mariella saboreou o contacto, que acabou demasiado depressa.

– Gosto de ovos cozidos – afirmou ele, ao fim de um instante.

– Também sei fazer torradas – declarou ela.

– Um banquete.

– Obrigada por me deixares dormir – agradeceu, afastando-se ao ver que começava a perder o controlo. Desejava deixar Dante no berço e agarrar Cristiano com as duas mãos, mas tinha responsabilidades.

– Dá-me o bebé, vou dar-lhe o biberão.

– Posso segurá-lo enquanto o preparas. Mas preciso de beber uma chávena de café.

– Combinado.

Deambularam pela cozinha, como se já o tivessem feito outras vezes. Um pouco depois, Dante estava a beber o biberão, embora continuasse nervoso. Mariella encorajou-o a comer, consciente de que tinha Cristiano muito perto. Desejou ter-se vestido melhor, ter-se maquilhado um pouco.

– Oxalá pudesse dizer se são os dentes que o incomodam. Começam a nascer por volta dos seis meses.

– Pergunta à senhora Bertatali o que fez com os três filhos – sugeriu Cristiano.

– Boa ideia!

Quando Dante adormeceu, Mariella sorriu e deu-lhe um beijo.

– Esperemos que, pelo menos, nos deixe tomar o pequeno-almoço – sussurrou. – Vou pô-lo no berço.

Cristiano começara a comer uma torrada, quando ela voltou. Mariella preparou a mesa.

– São os melhores ovos cozidos que já provei – elogiou Cristiano. Ela riu-se.

– Lamento, não sou boa cozinheira. Em Nova Iorque, comia quase sempre fora de casa. A minha mãe cozinhava, mas eu nunca quis aprender. Aposto que cozinhas muito bem.

– Isso é o que dizem as pessoas que não estão no negócio dos restaurantes – declarou, olhando para ela nos olhos e sorrindo.

Mariella sentiu um aperto no coração.

– Se quiseres, posso fazer o jantar, esta noite.

– Adoraria – afirmou, sem desviar o olhar daqueles olhos escuros.

Acabaram de tomar o pequeno-almoço e, quando Dante acordou, voltara a haver nuvens no céu. Havia probabilidades de chuva, mas para mais tarde. Mariella deu de comer ao bebé e depois deu-lhe banho, enquanto Cristiano os observava. Falaram de coisas sem importância, como dos restaurantes favoritos de Mariella em Nova Iorque, ou de quando ele fora esquiar aos Alpes suíços.

– Vem para minha casa – sugeriu ele, depois de vestirem o bebé.

– Para quê?

– Para me ajudares com a mesa e as cadeiras.

– Não sei fazer nada disso.

– Não é necessário saber. Vem comigo. Assim, sairás um pouco de casa. Mas não posso levar-vos na moto, terás de levar o carro.

– Ou ir a pé. Dante adora passear.

– Está bem, vemo-nos lá.

Ela sorriu e assentiu. Olhou pela janela.

– Não demoraremos mas, se começar a chover, teremos de entrar a correr em casa. Talvez possa voltar a usar o teu computador. Quero ver o que aconteceu com aquilo que pedi, se já o enviaram para Roma.

Cristiano esperou que Dante estivesse agasalhado e no carrinho. Pôs a moto a trabalhar, enquanto Mariella começava a andar com o menino. A temperatura baixara muito. No dia seguinte, iriam a Roma. Fariam o que tinham de fazer e depois Mariella voltaria para o lago, para acabar as suas férias. Parecia ter vontade de passar um dia sem o bebé. O que aconteceria, quando estivessem sozinhos?

Quando Mariella chegou a casa dele, Dante estava a dormir. Foi para o barracão, onde já se ouvia barulho.

Entrou, deixou o carrinho ao lado da porta e aproximou-se de Cristiano, que levantou o olhar.

Ela respirou fundo.

– Adoro este cheiro.

– Eu também. Está tudo organizado para amanhã?

– Falei com a senhora Bertatali. Disse que não se importa de ficar com Dante. Também confirmou que parece que os dentes estão a nascer. Disse-me para lhe dar algo frio para roer, como um pano

húmido ou um brinquedo de borracha que tenha estado no congelador.

Ele assentiu. Mariella aproximou-se mais e passou o dedo pela perna de uma cadeira.

– Parece veludo – murmurou.

Levantou o olhar e apercebeu-se de que estava muito perto de Cristiano. Conseguia cheirar o perfume dele, ver as rugas que tinha à volta dos olhos, sentir o calor que irradiava do seu corpo. Hipnotizada, olhou para ele nos olhos e o tempo pareceu parar.

Ele inclinou-se e beijou-a. Mariella fechou os olhos e desfrutou do calor daquela boca. Foi um beijo perfeito. Nenhum deles se afastou e o menino não os interrompeu. Eram apenas um homem e uma mulher, a partilhar um momento especial.

Cristiano foi o primeiro a recuar. Ficou a olhar para ela nos olhos, depois respirou fundo e olhou à sua volta, como se não se lembrasse de onde estava.

Ela sorriu e voltou a tocar na madeira, feliz. O dia parecia mais luminoso do que há instantes e as cores mais vibrantes. Cristiano parecia estar mais contente do que nunca. Adorava olhar para ele.

– Então, vamos cedo – decidiu ele, sorrindo, sem deixar de olhar para ela nos olhos.

Capítulo 8

Cristiano pegou numa lixa e deu-a a Mariella.

– Esfrega-a na perna da cadeira. Queremos que fique completamente suave. E que não haja lascas, que possam magoar o menino – explicou, tocando nos dedos dela ao dar-lhe a lixa.

Ela sorriu e assentiu. E sentiu o desejo que a perturbava, sempre que o tinha por perto.

Era a primeira vez que Mariella fazia algo parecido e foi muito relaxante. Estava desejosa de ver a mesa e as cadeiras acabadas. Olhou à sua volta. Sempre recordaria os momentos passados naquele barracão.

Cristiano estava concentrado no pedaço de madeira em que estava a trabalhar. A única coisa que se ouvia era o ruído da lixa e o vento que soprava lá fora. Mariella olhou lá para fora. Estava cada vez mais nublado. Levantou-se e aproximou-se do bebé, que continuava a dormir. Tocou nele e verificou que tinha uma boa temperatura. Olhou à sua volta. A beleza do outono era evidente, olhasse para onde olhasse.

Questionou-se se poderia ser feliz num lugar tão tranquilo.

– O que fazes durante todo o dia? – perguntou a Cristiano, voltando para a mesa de trabalho.

– O que queres dizer?

– Não há muitas lojas, nem vida noturna. Ouves música ou vês televisão?

Ele encolheu os ombros.

– A televisão não dá, aqui em cima. Por vezes, ouço rádio. Mas gosto do silêncio.

– A tua família vive perto daqui. Vais vê-los muitas vezes?

– Não muito. Eles têm a sua vida e eu a minha...

– Se eu tivesse uma família, com um restaurante, comeria lá pelo menos uma vez por semana. A massa é deliciosa e aquele molho é

incrível. Talvez te tenhas cansado da comida, depois de toda uma vida.

– Nunca me canso de comer lá, mas é complicado.

– Quando vais voltar a trabalhar?

– Em breve.

Dante acordou e Mariella foi tirá-lo do carrinho. O menino esfregou a cara e começou a chorar. Ela embalou-o e passeou-o.

– Quer um biberão? – perguntou Cristiano, aproximando-se.

– Não sei. Devia dormir mais. Mas, se lhe preparares um biberão, tentarei dar-lho. Talvez tenha fome.

Cristiano levou o carrinho vazio para a cozinha. Poucos segundos mais tarde, seguindo as instruções de Mariella, preparou o biberão.

Dante não o quis. Afastou-o e começou a chorar.

– Calma, querido – murmurou Mariella, apoiando-o no ombro e andando pela cozinha. – Achas que se passa mais alguma coisa, para além dos dentes?

– Penso que são os dentes, mas pergunta à senhora Bertatali, se quiseres. Se não, podemos levá-lo ao médico.

Ligaram à senhora Bertatali. Quando desligou o telefone, Mariella olhou para Cristiano.

– Ela acha que são os dentes. Disse para lhe darmos alguma coisa que possa morder, sem se magoar. Diz que pode estar assim durante semanas ou até meses.

– Ena, fantástico! Tens algum brinquedo de borracha que possamos pôr no congelador?

Abanou a cabeça, enquanto Dante esfregava a cara e chorava.

– E um pano frio? – perguntou.

– Sim, tenho – disse Cristiano. – Volto já.

Cinco minutos depois, voltava com um pano molhado e frio. Quando o deu a Dante, ele parou de chorar e atirou-se para os braços dele.

– Fantástico! – exclamou, surpreendido, pegando no bebé e voltando a dar-lhe o pano.

Dante aceitou-o e sorriu.

– Morde e solta-o várias vezes – comentou com Mariella.

– Pelo menos, parou de chorar. Pobrezinho – murmurou ela. – Se continuar assim durante vários meses, nunca conseguirei dormir.

– Talvez se acalme com isto.

Mas, à medida que a tarde foi avançando, ambos se aperceberam de que o menino continuava nervoso. Mordia o pano e chorava. Deram-lhe outro e ficou tranquilo por um momento. Cristiano insistiu para que passeassem com ele ao colo, por turnos.

Ao fim da tarde, bebeu um biberão e adormeceu, finalmente.

Mariella abraçou-o.

– Acho que devíamos ir para casa – sussurrou.

– Não me parece que acorde com as nossas vozes. Está muito cansado – comentou Cristiano. Ouviu um ruído e olhou para a janela. – E está a chover outra vez. Está a chover torrencialmente. Fica.

– Não te livras de nós.

Acariciou-lhe o rosto.

– Está tudo bem. Podemos começar a preparar o jantar, jantamos cedo e, quando parar de chover, posso levar-te à cabana.

Mariella assentiu.

– Se o menino continuar assim, não poderei ir a Roma amanhã. Não posso deixá-lo aqui, se não estiver bem. Queria visitar o túmulo de Ariana no dia do seu aniversário, mas ela ia entender. Não posso deixar o filho dela aqui, sozinho.

– Roma continuará lá, quando formos. Para dizer a verdade, não sei se estou preparado para ir.

– Preparado para quê? Para conduzir até Roma? Dói-te o tornozelo?

– Não, não é isso. Não sei se consigo enfrentar a mulher de Stephano. Tinha tantas coisas por que viver... Porque é que ele morreu e não eu?

– Não sabemos porque acontecem essas coisas. Tenho a certeza de que todas as famílias que perderam alguém nos atentados se interrogam porque aconteceu.

– Stephano salvou várias pessoas antes de morrer, na segunda explosão.

– Portanto, também é um herói.

– Isso é de pouca ajuda para a família.

– Mas reconforta, Cristiano – insistiu, tocando-lhe no braço. – A mulher deve ter ficado devastada, mas tanto ela como os filhos podem estar orgulhosos daquilo que estava a fazer quando morreu. E, certamente, vai adorar ver-te. Eu adorei ver os amigos de Arian, que estiveram com ela durante os últimos meses. Falar dela, recordá-la... Magoa, mas também ajuda. Arian não teve uma vida maravilhosa, mas adorava viver. E foi otimista quase até ao fim.

– Pelo menos, tiveste tempo para te preparar.

– Nunca estamos preparados. Vai visitar a mulher do teu amigo, fala-lhe de Stephano.

Cristiano desviou o olhar, olhou para o teto e questionou-se como ia enfrentar o medo.

– Não é assim tão fácil.

– Ninguém disse que era, mas é importante.

– Era um bom amigo.

– Arian também. Não é fácil ter um amigo especial. Interrogo-me se chegarei a ter outro de quem me sinta tão perto.

Ele também pensou nisso por um momento.

– É provável que não. Talvez um bom amigo, mas não mais do que isso. Stephano e eu éramos muito unidos. Passávamos férias juntos. Tanto AnnaMaria como ele sempre me incluíam em todas as atividades de família.

– Certamente, está magoada por não teres entrado em contacto com ela.

– Pensei que não queria que lhe recordasse...

– Precisa de ti para partilhar as tuas lembranças. Podes falar com os filhos de Stephano sobre o pai. Será algo especial para eles.

Cristiano não considerara essa hipótese. Sentia falta do amigo, mas a melhor maneira de honrar a sua memória era fazer com que nunca fosse esquecido. Não ajudara a mulher do amigo, como merecia. Era mais difícil perder um marido do que perder um amigo.

– Cristiano?

Olhou para ela.

– O que foi?

– Parecia que estavas em transe.

– Só estava a pensar na família de Stephano. Tenho de ir vê-los.

– Sim. E também a tua.

– Porque dizes isso?

– Porque tens muita sorte por ter uma família grande, alguém em quem te apoiares quando as coisas correm mal. Estão sempre presentes para ti. Penso que os atentados devem ter sido difíceis para eles. Precisas da tua família. Precisas de estar perto das pessoas que te conhecem, que te amam. Sempre te apoiarão.

– Sabes que só há alguns meses é que descobri que o meu pai teve outra esposa e dois filhos, antes de conhecer a minha mãe? Nunca nos contou, portanto, talvez a minha família não seja tão unida como eu pensava.

Olhou para ele, surpreendida.

– É uma brincadeira? O que aconteceu?

– Não conheço os detalhes. Descobrimos tudo quando o meu pai e a minha tia estavam a discutir. Isabella disse-me que os gémeos vivem nos Estados Unidos, mas que vieram a Itália para conhecer a família. Ainda não os vi.

– Que estranho. E como te sentes? Não me imagino a descobrir que tenho irmãos, com esta idade. É por isso que quase nunca vais ver a tua família?

Ele hesitou. Tinha vontade de contar tudo, mas não queria dececioná-la.

– É complicado – replicou.

– Porquê?

– Por um lado, porque não consigo acreditar que o meu pai não nos tenha contado que tínhamos dois irmãos mais velhos. Estranhos que têm o nosso sangue. Segundo parece, perdeu o contacto com eles. Isabella não me deu todos os detalhes.

– Portanto, ainda tens mais família do que pensavas. Que sorte!

– Tens o terrível costume de ver tudo cor-de-rosa. E a falta de confiança do meu pai na família? Ignorou-os durante anos!

– Talvez devesse perguntar-lhe o motivo – sugeriu Mariella. – Eu daria qualquer coisa para pertencer a uma família tão numerosa, para ter pessoas que me amassem, que me ajudassem quando

precisasse. Para partilhar bons momentos. Qual é o problema de ser feliz? És sempre assim, pessimista?

– Não. Sou realista. Acontecem coisas más às pessoas. Coisas que não podemos mudar. A vida não é cor-de-rosa.

– É verdade, mas é quase sempre uma aventura emocionante. Há momentos difíceis, mas há outros felizes.

– És feliz? Perdeste a tua amiga, os teus pais, tens de tomar conta de um menino, tens um trabalho que não é o que querias. E nenhum prognóstico de mudança num futuro próximo, suponho.

Ela assentiu e sorriu.

– Hoje, estou feliz. O bebé está a dormir, estás a fazer o jantar e tenho saúde. O facto de não ter o emprego que desejava, não quer dizer que nunca venha a tê-lo. Nos últimos dias, percebi que nunca poderia afastar-me de Dante. Continuarei à procura do pai, para que saiba algo dele, mas não sei se me aproximarei. Tenho de ter a certeza de que Dante continuará comigo. É o que mais quero.

– Não queres casar e ter a tua própria família?

– Dante é a minha família. Sim, gostaria de casar, um dia. Mas, se não acontecer, não vou passar os dias a chorar desconsoladamente. Queres casar?

Cristiano encolheu os ombros.

– Deixarei que os meus irmãos se ocupem das futuras gerações da família.

Mariella riu-se.

– Casar é muito mais do que ter filhos. É partilhar a vida com outra pessoa. Os meus pais tiveram um casamento fantástico. De certo modo, apesar de desejar que as coisas tivessem sido diferentes, fico feliz por terem morrido juntos. Penso que um se teria sentido perdido sem o outro. Esse é o tipo de casamento que quero, se um dia encontrar o homem certo.

– Questiono-me se foi isso que o meu pai pensou, quando casou... Das duas vezes. A primeira mulher deixou-o. E a minha mãe morreu jovem. Foi pai solteiro durante quase toda a vida.

– Com cinco filhos, não é? Não deve ter sido fácil.

Dante voltou a agitar-se e Mariella aproximou-se para o acalmar, antes que acordasse. Cristiano continuou a fazer o jantar e, lá fora,

continuava a chover. Interrogou-se se o pai se teria arrependido do passado. E desejou estar mais unido aos irmãos americanos. Nunca duvidara do amor do pai, mas parecia que todo o seu mundo ficara virado do avesso. E não gostava.

– Este lugar é muito agradável – comentou Mariella, depois de deixar o menino e o carrinho na sala de estar. – Fala-me mais da tua infância.

Passaram o resto da tarde a partilhar lembranças de tempos mais felizes.

O jantar estava delicioso.

– Se decidires abandonar os bombeiros, podias trabalhar como cozinheiro em qualquer lugar – disse Mariella.

– Porque haveria de deixar de ser bombeiro? – questionou ele.

– Não sei. Não é precisamente um trabalho para octogenários, pois não? – argumentou, lambendo-se.

– Não, não é um trabalho para pessoas idosas, mas ainda falta muito para chegar aos oitenta.

Ela assentiu e riu-se.

– É verdade.

Como se tivesse adivinhado que tinham acabado de jantar, Dante começou a chorar, novamente. Tentaram acalmá-lo com um pano húmido, massajaram-lhe as gengivas com o dedo, mas nada parecia resultar.

Mariella deu-lhe outro biberão, mas o bebé mordeu mais a tetina do que bebeu o leite.

– Devia ir-me embora – indicou.

– Fica mais um pouco. Não tens de enfrentar isto sozinha. Posso ajudar-te.

– Se passar a mesma noite que ontem, não dormimos.

– Podemos revezar-nos. Não preciso de dormir muito.

– Obrigada, mas o problema é meu.

– É o teu filho, sim. Mas deixa-me ajudar, Mariella.

Ela embalou o bebé, para tentar tranquilizá-lo.

– Não sabes o que estás a dizer.

– Claro que sei. Vi como estava, ontem à noite. E hoje. Vai correr tudo bem. Vamos dar-lhe outro pano molhado.

Revezaram-se para ter o menino ao colo e passear com ele. As horas foram passando, lentamente. Um pouco depois da meia-noite, Mariella acedeu a deitar-se num dos quartos, para dormir um pouco.

– E tu?

– Eu fico bem. Acordo-te quando precisar de dormir. A não ser que o menino durma também.

Ela assentiu e fechou os olhos por um instante.

– Estou morta – declarou. – Obrigada, Cristiano. Em que quarto me deito?

– A única cama que está feita é a minha, mas há lençóis e mantas limpas no armário do corredor.

– Está bem.

Eram quase três da manhã quando Dante adormeceu, finalmente, ainda com o rosto sulcado pelas lágrimas. Cristiano continuou a abraçá-lo, sentado na mesma poltrona onde tinham passado as últimas duas horas. Dante estava tão incomodado, que nada parecia funcionar. Contudo, adormecera. Cristiano invejou-o. Também gostaria de dormir, escapar a tudo, mas nunca sabia se teria um pesadelo ou se passaria a noite em branco.

Continuava a chover. O som da chuva no telhado recordou-lhe os dias em que ele, o irmão e a irmã tinham de ficar em casa.

Sentia falta deles. Sentia falta de fazer parte da vida deles. Valentino casara-se! Ainda não se habituara à ideia. Mariella tinha razão, tinha uma família em que se apoiar.

Também pensava muito nos dois irmãos que viviam nos Estados Unidos.

Tinha Dante apoiado no peito. Pegou numa manta para o tapar. Ficaria um pouco mais assim, com ele. O pai também teria estado assim com os irmãos gémeos. Teria planeado um futuro para eles? Devia ter-se sentido devastado, quando os meninos tinham tido de se ir embora para os Estados Unidos.

A mãe deles tinha uma família para a ajudar? Ou teria sido mãe solteira, como Mariella? Gostaria de ver o filho a crescer, ver como aprendia a andar, ouvi-lo a dizer as primeiras palavras, ver como se surpreendia ao descobrir coisas novas. Isso, se casasse, se tivesse um filho.

– E tu, pequenino? O que vais fazer? O que quiseses. Vais ser médico? Ou talvez artista.

Doeu-lhe pensar que não voltaria a ver o menino, quando Mariella se fosse embora.

Conhecia-a há muito pouco tempo, mas o que sentia por ela não tinha nada a ver com o tempo que passara. Se as coisas fossem diferentes, poderia certificar-se de que não se ia embora para Roma. Poderia cortejá-la à moda antiga. Com flores, danças e longos passeios, durante os quais pudessem falar dos seus sonhos e apaixonar-se.

Infelizmente, o seu futuro pendia por um fio. Talvez até não o tivesse.

Estendeu a mão e regulou a intensidade da luz para o mínimo. Tentaria dormir um pouco, enquanto Dante estava tranquilo.

Já era dia quando Mariella acordou. Por um instante, não soube onde estava. Mas depois lembrou-se. Afastou o edredão com que se tapara na noite anterior e correu para a sala. A casa estava em silêncio. Onde estavam Cristiano e Dante?

Deteve-se à porta da sala. Havia um candeeiro aceso, com a luz muito ténue. Cristiano estava deitado numa poltrona confortável, com as pernas esticadas e a cabeça recostada. Deitado contra o seu peito estava o bebé, a dormir profundamente, tapado com uma das mantas. Tal como acontecera no dia anterior. Mariella pensou que poderia habituar-se àquilo.

Ficou a olhar para eles, gravando a imagem na sua mente. Por um instante, sonhou que aquilo se repetiria muitas vezes. Que, quando acordasse, encontraria Cristiano e o bebé. Acordaria e passariam os dias juntos. E as noites. Dante nem sempre estaria assim. Normalmente, dormia bem durante a noite.

Foi para a cozinha, para arrumar as coisas do jantar e preparar o pequeno-almoço, embora fosse apenas café.

Depois, teria de pensar em voltar para casa, voltar à sua vida normal. Estava a começar a apaixonar-se pelo bombeiro, mas achava que ele não. Conteve as lágrimas, pois sentia-se dececionada. Desejou que também se apaixonasse por ela, mas era

evidente que pusera uma couraça no seu coração. Cada vez que pensava que estavam mais perto, ele afastava-se.

Nunca sentira algo igual por um homem. Em duas ocasiões, pensara que estava apaixonada. Primeiro por um rapaz da escola e depois por um jovem, em Nova Iorque. Mas os sentimentos depressa tinham desaparecido. Ao conhecer Cristiano, apercebera-se de que aqueles sentimentos do passado não tinham comparação com os que tinha por ele. Era um homem forte, generoso, servicial. Salvava vidas. Era um herói. E fazia-a sentir muito especial.

O que lhe recordou a medalha que lhe tinham dado. Cristiano devia ir à cerimónia e aceitá-la. Se não o fizesse por ele, teria de o fazer por outros heróis que não podiam estar lá. Queria que todos soubessem que era um herói a sério.

Pensou como poderia convencê-lo a ir. A família podia ajudá-la? Talvez não estivesse ao corrente. E contar-lhes seria trair a confiança que Cristiano tinha nela, apesar de lhe não ter pedido para não contar a ninguém.

Ainda tinha a carta. E, segundo lera, iam entregar-lha, mesmo que Cristiano não a aceitasse.

A casa estava em silêncio. O computador de Cristiano estava em cima da mesa da cozinha. Mariella ligou-o, rodeada do calor da cozinha e do cheiro a café. Leu as mensagens e escreveu aos seus clientes, para que soubessem que estava a tomar conta de tudo. Depois, viu quando era a cerimónia de entrega das medalhas. Encontrou vários artigos na imprensa.

Teria lugar no Parlamento e o Primeiro-ministro estaria presente. A cerimónia teria por objetivo honrar todos aqueles que tinham trabalhado no dia dos atentados, arriscando a vida.

Finalmente, parou de chover. Mariella desligou o computador e levantou-se, para ir até à porta. Abriu-a e inalou o ar fresco, molhado. Animou-se. Fora uma loucura ir à procura do pai de Dante, um homem que nunca quisera saber que tinha um filho. Se deixara Ariana, fora por algum motivo. Apesar de desejar ter uma família, não podia ir contra os desejos da amiga, por muito que também quisesse que Dante a tivesse.

Contudo, não se arrependia de ter ido para ali. Se não, nunca teria conhecido Cristiano.

– Sê feliz, meu amor, independentemente daquilo que o futuro te proporcionar – sussurrou para o vento, desejando poder sussurrar-lho ao ouvido.

Chegara o momento de voltar para casa.

Capítulo 9

O telefone tocou.

– Atende, por favor – pediu Cristiano, na sala de estar.

Mariella aproximou-se da bancada e atendeu.

A mulher do outro lado da linha surpreendeu-se, ao ouvir a sua voz.

– Quem és tu?

– Mariella Holmes – esclareceu, pois reconheceu a voz da irmã de Cristiano.

– Onde está Cristiano? – perguntou Isabella.

Mariella explicou-lhe que estava com o bebé.

– Espera um momento. Vou chamá-lo – acrescentou.

– Um momento, por favor, Mariella. Sabes da cerimónia de entrega das medalhas, para aqueles que resgataram pessoas no dia dos atentados? – perguntou Isabella.

– Sim, a verdade é que acabei de ler um artigo a respeito disso, na Internet.

– Sabes que vão dar uma medalha a Cristiano, não é? Ainda se recusa a ir?

– Penso que sim – respondeu Mariella. – Tens de falar com ele.

Foi à sala e deu o telefone a Cristiano.

– É a tua irmã – indicou, pegando no bebé ao colo e saindo da divisão.

Porém, ouviu Cristiano a discutir com a irmã.

Ele pensava que não fizera nada de extraordinário, apenas o seu trabalho. Achava que devia ter feito mais. Só pensava nas pessoas que não conseguira salvar. Tinham de encontrar um modo de o fazer ver que fizera mais do que a maioria e que, o facto de estar vivo, não queria dizer que não tivesse dado tudo.

Ouviu que praguejava e depois fez-se silêncio. Ficou junto da porta das traseiras da casa, com o bebé ao colo. Cristiano tinha-se

zangado com a irmã? Ou estaria apenas zangado, com o destino, com a forma como as coisas tinham corrido?

Ficou ali durante algum tempo, não soube quanto. Mas, quando ouviu que chegava um carro, pelo caminho, soube que se tratava de Isabella, que viera de Monta Correnti. Viu-a a sair do carro e a aproximar-se da casa com passo rápido.

– Olá – cumprimentou, ao entrar.

– Cristiano está na sala – informou Mariella, questionando-se se devia ficar ou ir-se embora. – Queres um café?

– Sim, por favor – aceitou a irmã de Cristiano, tirando o casaco e deixando-o nas costas de uma cadeira.

Mariella deixou o bebé no carrinho e começou a preparar o café, enquanto ouvia como os dois irmãos discutiam. Cristiano não queria aceitar a medalha. Achava que não fizera nada de especial. Continuava a pensar nos que tinham morrido.

Finalmente, fez-se silêncio. Mariella aproximou-se da porta. Os irmãos estavam a fulminar-se com o olhar.

– Cristiano – começou por dizer ela, – acho que é algo que deves fazer.

Ele começou a protestar, mas Mariella levantou a mão.

– Ainda não acabei de falar. Estive a pensar e li vários artigos. É a maneira que o nosso país tem de honrar aqueles que ajudaram. Que outra coisa se pode fazer? Nós não estivemos lá, contigo. Não morremos como os teus amigos e colegas. Não vimos o horror. A única coisa que vimos foi a valentia daqueles que entraram naquele inferno, sem saber o que iam encontrar ou se saíam dele. Tu fizeste-o. Salvaste sete vidas.

– Stephano... – murmurou ele. Mariella voltou a levantar a mão.

– Ouve! Tens de aceitar a medalha, por Stephano. Porque ele não está aqui para a receber. Vai e representa-o. Representa todos os homens e mulheres que morreram. Permite que o teu país te premeie pela valentia, pela entrega que demonstraste, ao arriscar a tua vida para salvar pessoas que não conhecias. O nosso país precisa disso, Cristiano. Independentemente daquilo que pensas, nós sabemos que és um herói e queremos expressar a nossa gratidão, para que todos entendam isso.

Havia uma angústia enorme no olhar de Cristiano, mas Mariella não se intimidou. Tinha de o fazer, por aqueles que tinham morrido. A tensão aumentou. Finalmente, Cristiano assentiu e dirigiu-se para a porta da rua.

– Vou pensar nisso – foi a única coisa que disse.

– Ena! – exclamou Isabella, ao vê-lo a ir-se embora. – Obrigada, Mariella. Foste muito eloquente.

– Só disse a verdade. Pensa que fracassou porque os amigos morreram, mas não é verdade. Tenho a certeza de que as sete pessoas que salvou lhe agradecerão durante toda a vida.

Voltaram para a cozinha e sentaram-se para beber um café.

– Se aceitar a medalha, teremos uma desculpa ainda melhor para organizar a festa. O meu pai nunca suspeitará de nada.

– Desculpa? – perguntou Mariella, confusa.

– O que vou contar-te é segredo – avisou Isabella, baixando o tom de voz.

– Está bem.

– O meu pai e a minha tia têm um restaurante em Monta Correnti. Há muitos anos, antes de eu nascer, geriam o Sorella, juntos. Depois, discutiram. O meu pai deixou o restaurante à tia Lisa e montou o Rosa.

Mariella assentiu, ainda sem compreender.

– Ultimamente, os restaurantes tiveram problemas económicos, sobretudo o Rosa. Durante um tempo, pensámos que íamos ter de fechar. Mas pensámos que a solução poderia ser fundir os dois restaurantes e fazer com que funcionassem como um só. Continuariam a ter menus diferentes, mas iriam complementar-se e ajudar-se um ao outro.

– A tua tia e o teu pai ainda estão zangados?

– Na verdade, o meu pai deixou o restaurante nas mãos da minha prima Scarlett e nas minhas. Já falei com a minha tia e decidimos que a fusão é o melhor. Quero apresentá-lo como um facto consumado ao meu pai. Ele adora o restaurante. Espero que aceite qualquer coisa para o manter aberto, até mesmo unir forças com a irmã. Além disso, há outro problema.

– Qual?

– Cristiano falou-te dos nossos irmãos americanos?

Mariella assentiu.

– Quero unir a família. Fazer uma reunião. Portanto, a desculpa da medalha é perfeita. Todos adoram Cristiano. Estivemos preocupados com ele. Se dissermos que vamos celebrar a sua medalha, ninguém suspeitará. Direi a Alex e a Angelo que venham dos Estados Unidos e irei certificar-me de que a tia Lisa e a família também estão presentes. E então, poderemos misturar-nos, celebrar e anunciar os planos de fusão. É perfeito!

– O que é perfeito? – perguntou Cristiano, que estava à porta.

– A desculpa da festa de que te falei. Diremos que vamos celebrar a tua medalha.

Cristiano franziu o sobrolho, mas Isabella não fez caso.

– O papá ficará muito orgulhoso de ti. Vamos celebrar no restaurante, como é óbvio. E todos poderão ir – continuou Isabella. Olhou para o relógio. – Tenho de me ir embora. Ligo-te depois, para te falar dos detalhes – olhou para Mariella e piscou-lhe o olho. – Leva Mariella.

Quando Isabella se foi embora, Cristiano sentou-se à mesa. Parecia cansado.

– Estás bem? – perguntou Mariella. – Queres um café? Acabei de o fazer.

Ele assentiu. Pegou na chávena e disse:

– Há outros motivos que não conheces, razões por que não quero aceitar a medalha.

Deu-lhe a mão. Ele ficou a olhar para as suas mãos unidas durante alguns segundos e depois olhou para ela nos olhos.

– Vais comigo? – perguntou.

– Não posso – respondeu, surpreendida. – Devia ser alguém mais próximo de ti, como o teu pai ou a tua irmã.

– Se não fores, não irei.

– Porquê eu?

– Porque te uniste a Isabella para me convencer e quero que vás. Caso contrário, não irei.

– Está bem. Nesse caso, acompanho-te.

Mariella pensou que adoraria fazer parte do público, quando Cristiano aceitasse a medalha.

Dante acordou e começou a protestar. Mariella preparou um biberão e tentou fazer com que o bebesse, mas continuava nervoso.

– Posso ajudar? – perguntou Cristiano.

– Agora, é a minha vez. Já o fizeste.

– Não há limite de tempo. Gosto deste menino – afirmou.

Mariella sorriu ao bebé e deu-lhe um beijo na testa.

– Está a começar a conquistar-te, não é? Vai para o barracão. Iremos também, quando acabar o biberão.

– O que te faz pensar que tenho vontade de trabalhar?

– Relaxa-te, tu próprio dizes isso. Além disso, nota-se.

Cristiano foi para o barracão e acendeu todas as luzes. Estava confuso. A ideia de aceitar a medalha não lhe parecia bem. E a preocupação de ter outro *flashback*, a meio do evento, fazia com que desejasse fugir.

Fora sincero, ao dizer a Mariella que queria que o acompanhasse. Olharia para ela nos olhos e não veria o horror e a devastação daquele dia. Iria concentrar-se naqueles olhos prateados, no sorriso otimista e sabia que se arriscaria a meter-se centenas de vezes no inferno, para a ver sorrir.

– É uma desculpa, já sabes – declarou Mariella, um pouco depois, da porta.

– O quê? – perguntou, levantando o olhar, sentindo-se melhor ao vê-la.

– A celebração da tua medalha. Isabella quer preparar uma festa, para anunciar a fusão do Rosa e do Sorella.

– O quê? – perguntou, surpreendido. Aquilo era a última coisa que teria imaginado.

Mariella contou-lhe aquilo que a irmã lhe dissera.

– E o meu pai acha bem?

– Segundo parece, vai ser uma surpresa para ele. Mas Isabella diz que ele deixou a gestão do restaurante nas mãos dela e nas de Scarlett, portanto, tomaram uma decisão.

– Vai ficar muito surpreendido.

– Ou orgulhar-se da filha. Ainda gostaria de falar com ela sobre a possibilidade de vender o molho pela Internet. De facto, o restaurante precisa de uma página de Internet, para se promover. Talvez possa ajudar.

– Quem vai à festa?

– A família, Dante e eu. A não ser que não queiras.

– Se eu for, tu também vais – declarou, abraçando-a pela cintura. Inclinou-se e deu-lhe um beijo.

Mariella pensou que os seus desejos se tornavam realidade e saboreou o beijo. Talvez começasse a desejar a lua, a partir de então. Cristiano podia apaixonar-se por ela. Sentiu que lhe percorria o nariz com beijos.

– Desejei beijar estas sardas desde que te vi pela primeira vez – murmurou, beijando-a também na face, no queixo e no pescoço.

Mariella sentiu-se como se estivesse a flutuar e suspirou, satisfeita, quando voltou a beijá-la na boca.

Poucos minutos depois, ambos respiravam com dificuldade. Cristiano afastou-se um pouco.

– O bebé está bem?

– Não sei, vou ver.

Cristiano não a soltou.

– Tenta ouvir daqui.

Voltou a beijá-la docemente.

– Se passar bem o dia hoje, poderemos ir a Roma, amanhã – sugeriu a Mariella. – Perdemos o aniversário da tua amiga, mas não faz mal.

Ela assentiu e desejou ficar ali, nos braços dele, para sempre.

– Vais receber a medalha? – perguntou, em voz baixa.

– Veremos.

– O que queres dizer com isso? Às vezes, és um pouco enigmático.

– Veremos – repetiu.

Cristiano não queria falar. Queria abraçá-la, beijá-la e fazer amor com ela. Mas não poderia ir mais longe, até ter passado por aquilo como um homem.

Não podia prendê-la, se não fosse capaz de funcionar de maneira normal.

A ideia magoou-o. Desejava-a. Desejava ter aquilo que os outros tinham. Uma companheira de viagem, que o acompanhasse ao longo dos anos. Que partilhasse com ele os bons e os maus momentos. Queria voltar a rir com os amigos. Ter filhos. Desfrutar do dia a dia e não se preocupar com o futuro.

Respirou fundo. Cheirava a limpo, a madeira e a cera. O sol começava a brilhar por entre as nuvens. O ar era frio, depois da chuva. Estava um dia perfeito. E ia passá-lo com Mariella, e com o menino. O tempo passava com rapidez, por isso, tinha de desfrutar de cada momento.

Levaram Dante para dar um passeio, depois de comer. Continuava inquieto, mas menos. Cristiano nunca se imaginara a passear ao lado de uma mulher e de um menino, por uma estrada tranquila da montanha. Onde tinham ficado as aventuras de Roma, a vida emocionante que quisera ter? Stephano contara-lhe que a sua vida era muito mais rica junto de AnnaMaria. Sentira-se feliz com o nascimento do filho e da filha.

– Estás muito calado – comentou Mariella.

– Estou a pensar no filho de Stephano. Tem três anos. E a menina quase dois.

– Vai vê-los.

– Quando te levar a Roma.

Seria perfeito, mas só poderia ficar um momento. Poderia fazê-lo. Pelo menos, esperava que sim. Voltaria a angustiar-se, ao ver AnnaMaria? Queria vê-lo, como Mariella lhe dissera? Ou preferiria que não aparecesse por lá? Tinham passado seis meses, talvez estivesse a seguir em frente com a sua vida e não quisesse que lhe recordassem o passado.

– Estava a pensar em voltar para casa. Não só por um dia – confessou ela.

Aquilo surpreendeu-o.

– Pensei que tinhas mais dias de férias.

– Sim. Ou, pelo menos, tenho pouco trabalho. Mas vou deixar de procurar o pai de Dante. Quanto mais penso naquilo que me

disseste, mais me questiono se realmente quero encontrá-lo. E se tentar tirar-me Dante? Não suportaria. Antes, pensava que não me importaria, que o pai lhe falaria de Ariana. Mas não estiveram juntos durante muito tempo. E se foi capaz de se ir embora, não gosto dele como pai. Dante estará melhor comigo. Penso que tinha medo de ser a única responsável pelo menino, mas vai ter de ser assim. E acho que sou capaz. De todos os modos, é assim. Verdade?

– É provável que um dia te cases. E então, Dante terá um pai. Escolhe um bom.

Evitou os olhos dele. Teria posto o dedo na ferida?

– Aconteceu alguma coisa?

– Não.

Ele esperou. Mariella costumava falar mais. Tinha de se passar alguma coisa.

– O que foi?

– Nada. É que... Não me parece que haja muitos homens que queiram uma mulher com um filho.

– Hum, interrogo-me se foi isso que fez com que o meu pai guardasse segredo durante todos estes anos.

– O que queres dizer?

– O que farias, se descobrisses que o teu pai tinha sido casado, antes de se casar com a tua mãe, que toda a tua vida, até aos trinta anos, até agora, tinhas pensado que eras o filho mais velho e, de repente, descobrias que tinhas mais dois irmãos?

– Imagino que me alegraria mas, segundo parece, temos uma visão diferente do que é a família.

– Não é tão fantástico como o pintam.

– Porquê?

– A minha avó cometeu um erro, há muito tempo, que teve o meu pai como resultado. Os meios-irmãos nunca lhe perdoaram, nem a ele. Não foi culpa dele ter nascido, mas isso dividiu a família. O que me lembro da minha tia e do meu pai são as brigas que sempre tiveram. E sei que quando o meu pai passou por um momento difícil, pediu ajuda à minha tia e ela se recusou a ajudar. Por isso, não sei se devo alegrar-me por ter mais família.

– Se a tua irmã te pedisse ajuda, irias recusar-te?

– Claro que não. Faria qualquer coisa por Isabella.

– E pelo teu irmão?

– Também.

– E pela tua tia?

– Nunca.

Ela riu-se.

– Tem cuidado. Se fundirem os restaurantes, o vínculo entre vocês será ainda maior.

– Isso é outra coisa... O que pensa Isabella?

– Acha que talvez assim a família volte a unir-se. Quem sabe, talvez venhas a gostar de ter dois irmãos mais velhos.

– Gémeos.

Ela voltou a rir.

– Oh, Cristiano, oxalá tivesses descoberto isso quando eras mais jovem. Pensa em tudo o que poderiam ter feito juntos. O teu pai teria sido muito feliz.

– Tens o maldito costume de ter sempre razão.

Deteve-se a meio da estrada e beijou-a.

– Está bem, vou aceitar a maldita medalha e depois vou à festa de Isabella, e farei o possível para ser agradável. Mas se os gémeos tentarem manipular-me...

Abraçou-o.

– Então, responderás como merecem. E eu apostarei sempre em ti.

Na manhã seguinte, quando Mariella entrou na sala, depois de muito poucas horas de sono, Cristiano estava a embalar o bebé, que parecia feliz.

– Vem cá – chamou-a.

Segurou-lhe na mão, fê-la esticar o dedo indicador e esfregou-o na gengiva inferior de Dante.

– Um dente! – exclamou ela. – Oh, querido, nasceu o teu primeiro dente!

– Não deixes que te morda, magoa – avisou Cristiano, sorrindo para o bebé.

Abriu-lhe a boca.

– Quase nem se vê.

– Nasceu esta noite, suponho. De todos os modos, até nascer o seguinte, penso que vai estar muito mais tranquilo.

– Espero conseguir dormir uma noite seguida.

– Eu também.

Ambos sorriram.

– Vou para Roma, amanhã – declarou Mariella. – Nunca poderei agradecer-te tudo o que fizeste por nós. Salvaste-me a vida...

– Já chega. Não estás em dívida comigo.

– Eu sei. Mas, mesmo assim. E, nestes dias, ajudaste-me muito com o menino.

– Isto parece ser uma despedida.

– E é, de certa forma. Tenho de voltar para casa.

– Ainda não. Ainda tens dias de férias. Fica, Mariella, por favor.

Ela hesitou.

– Bom, um pouco mais.

Também não se queria ir embora. Não queria despedir-se de Cristiano, mas ele nunca falava em voltar à sua vida, em Roma. Quanto mais tempo demoraria a recuperar? E depois? Se ficasse, iria apaixonar-se ainda mais por ele? Ficaria com o coração partido?

– Hoje, acabo a mesa. Amanhã, iremos a Roma e levo-te a tua casa.

– Não há pressa, ainda não vai poder utilizá-la – salientou ela.

– As cadeiras demoram um pouco mais. Gosto de saber que terás algo feito por mim, em tua casa. Assim, talvez penses em mim, de vez em quando.

Mariella ficou sem fala. Se ele soubesse! Amava-o. Ia custar-lhe muito voltar para casa.

– Vou fazer café – declarou. – E ovos cozidos.

– Eu vou encarregar-me do pequeno-almoço – decidiu.

Mariella riu-se e pestanejou para não derramar nenhuma lágrima.

Enquanto dava o biberão ao bebé e tomava o pequeno-almoço, Mariella sentiu vontade de chorar. Não havia nada que a retivesse no lago Clarissa. Tinha de voltar à sua vida, mas não queria fazê-lo. Queria ficar com Cristiano. Era bom sinal que lhe tivesse pedido para ficar mais uns dias? Poderiam ter um futuro, juntos? Estaria a pensar em algo parecido?

Contudo, queria desfrutar de cada momento, gravar cada segundo na sua mente, para o caso de não voltarem a ver-se. Respirou fundo e inalou o cheiro dele. O coração acelerou e teve de voltar a respirar para não chorar. Desejou poder pedir-lhe que a abraçasse, que a beijasse. Que fizesse amor com ela. Que tomassem o pequeno-almoço juntos todas as manhãs, que dormisse com ela todas as noites.

Depois do pequeno-almoço, insistiu em voltar para a sua cabana. Precisava de um pouco de espaço, de falar seriamente consigo própria, para ter a certeza de que não delatava os seus sentimentos. Tiraria mais uns dias de férias e voltaria a Roma para sempre, sem revelar a Cristiano como o amava.

Na manhã seguinte, Mariella despediu-se do bebé com um beijo e deu as últimas instruções à senhora Bertatali.

– Vai e tem um bom dia. Sei cuidar dos *bambini* – tranquilizou a mulher, quase a expulsá-la de casa.

Cristiano estava à espera lá fora, ao lado do carro. Assim que Mariella se sentou, sentiu-se livre e aventureira. Adorava Dante, mas também adorava não ter nenhuma responsabilidade durante algumas horas.

Era um carro incrível, mais para um casal do que para uma família. E o condutor manejava-o como se estivesse num Grande Prémio ou algo parecido. Fazia as curvas com precaução e acelerava nas retas.

– A esta velocidade, vamos chegar em dez minutos – comentou ela.

– Vou demasiado depressa?

– Não, se controlares o carro – indicou Mariella.

Pela primeira vez, em meses, estava sozinha, não tinha de estar atenta ao bebé. Sentia falta dele, mas sabia que voltaria a estar com ele dentro de poucas horas. Precisava de descanso.

E com quem podia desfrutar mais, do que com o homem dos seus sonhos? O carro era como ele. Rápido, mas seguro. Arriscava a vida, apagava incêndios, mas tentava sempre ajudar os outros. Era um homem atento e havia poucos como ele.

– Vais ver a esposa de Stephano? – perguntou.

– Irei vê-la assim que te deixar em casa, depois de irmos ao cemitério.

Ela olhou para trás, para a pequena mesa de madeira de Dante, e estendeu a mão para tocar nela.

– É incrível. Estou desejosa de a ter em casa. Quem mais vais ver? – acrescentou. – Vais passar pelo ministério?

– Não. Liguei ontem e deram-me toda a informação relacionada com a cerimónia – respondeu ele. – Temos de estar lá às sete. Embora a cerimónia comece às oito – estendeu a mão e segurou na dela. – Usa um vestido bonito.

– E a festa da tua família é na noite seguinte. Conta-me mais coisas deles. Se vou conhecê-los, preciso de saber quem é quem, a relação que tens com eles e se gostas deles ou não.

– O que importa isso?

– Não vou perder tempo com pessoas de que não gostas. Eu também não gostarei.

Ele riu-se e apertou-lhe a mão, antes de a afastar.

– Não conheço os meus irmãos mais velhos, mas penso que vou gostar deles.

– Isso não é justo. Primeiro, tens de os conhecer. Quem mais?

Durante o resto do caminho, Cristiano falou-lhe da tia, dos primos, do irmão e da irmã, e daquilo que sabia sobre os meios-irmãos dos Estados Unidos.

Ao chegarem aos subúrbios de Roma, Mariella indicou como chegar ao antigo cemitério. A visita foi breve. Cristiano manteve-se afastado, enquanto ela se aproximava do túmulo onde descansava a amiga mais querida.

Stephano fora enterrado noutra parte do cemitério. Teria de ir vê-lo também, mas ainda não estava pronto.

– Obrigada. Era importante para mim – disse Mariella, ao aproximar-se dele.

Cristiano assentiu, desejando poder fazer mais alguma coisa para aliviar a sua dor. Desejando ser capaz de fazer desaparecer essa dor.

Depois, indicou-lhe como se chegava ao bloco de apartamentos onde vivia. Era num bairro velho e a fachada de pedra parecia estar

desgastada pelo tempo.

Ele tirou a mesa de madeira do carro. Ao entrar no apartamento, olhou à sua volta.

– Que agradável!

Os móveis eram simples, mas pareciam ser confortáveis. Havia coisas de bebé, mas não estava desarrumado.

– Aqui, suponho – indicou Mariella, apontando para um espaço debaixo da janela. – Quando for mais velho, poderá brincar na mesa com os blocos ou pintar. Estou desejosa de o ver.

Cristiano desejou poder estar lá também e ver como Dante brincava.

– Estarei pronta a partir das três – acrescentou.

– Venho buscar-te a essa hora – confirmou, dando-lhe um beijo nos lábios.

Era o momento de ir ver o seu chefe e AnnaMaria.

Um pouco antes das três, parou à frente do edifício onde Mariella vivia. A visita ao chefe correra bem. Assim que o médico lhe desse a alta, poderia voltar ao trabalho.

AnnaMaria recebera-o de braços abertos. E, ao fim de um momento, ele também se sentira em casa. A única diferença era que esperara que Stephano aparecesse a qualquer momento. AnnaMaria dissera-lhe o mesmo e que, às vezes, ajudava pensar que ele estava em viagem.

O filho crescera e não parava de falar. Cristiano não pudera evitar pensar em como Dante seria, dentro de alguns anos. Mais ou menos como o filho de Stephano. Os rapazes iam gostar um do outro? Noutras circunstâncias, talvez pudessem vir a ser amigos, como Stephano e ele. A menina estava a dormir, mas fora vê-la e apercebera-se de que se parecia muito com o pai, mas na versão feminina.

Antes de se ir embora, prometera a AnnaMaria que continuariam em contacto e pedira que lhe ligasse, se precisasse de alguma coisa. Tinham falado do futuro, a curto e longo prazo, e da notícia de que Stephano ia receber uma medalha póstuma, e que seria ela a ir buscá-la.

Como chegara a casa de Mariella um pouco antes do previsto, pensou em ficar à espera, para não parecer ansioso.

– Esquece – murmurou, saindo do carro.

Não havia problema se chegasse cedo. Se não estivesse pronta, esperaria. Pelo menos assim, estaria com ela. Depois, voltariam para o lago Clarissa e talvez pudessem jantar no Rosa, para que a irmã ficasse mais tranquila, ao vê-lo. Poderiam falar sobre esse dia e fazer mais planos para a noite da cerimónia.

Mariella recebeu-o com um sorriso.

– Entra. Queres beber alguma coisa, antes de irmos?

– Não. Não tenho pressa.

– Como correram as coisas com AnnaMaria?

Contou-lhe um pouco da sua tarde.

– Foi estranho, sem Stephano ali. Sempre que penso nela, imagino-me com ele.

– Deve ser muito difícil para ela.

Cristiano assentiu.

– Estou quase pronta. Já tenho o computador novo.

Enquanto lhe contava como fora a sua tarde, Cristiano sentou-se no sofá, desfrutando da normalidade do momento e questionando-se se poderia arriscar, e voltar para o trabalho.

Se se atrevera a dar mais um passo na sua relação com Mariella.

– Poderíamos parar para jantar, a caminho de casa – sugeriu.

– Fantástico! Em Monta Correnti?

Ele assentiu.

– No Rosa?

– Preferias ir ao Sorella? Conhecer a concorrência com que a minha irmã quer fundir-se?

– É assim tão bom?

– O molho, não. Mas a minha tia não faz nada a medias. Tens de ir buscar Dante a alguma hora?

– Falei com a senhora Bertatali há meia hora. Dante está muito bem.

Acabou de configurar o computador, fechou-o e guardou-o no saco.

– Tenho de o levar. E também levo uma mala com roupa. Estou cansada de usar as quatro coisas que comprei depois do incêndio. E levo roupa para Dante. Penso que a roupa que lhe comprei na semana passada está a ficar apertada.

– Então, está tudo preparado.

Foram para o carro. Cristiano deixou a mala no porta-bagagem e ia guardar o computador de Mariella quando ouviu o barulho de sirenes a aproximar-se cada vez mais. Ouviram várias sirenes no cruzamento, com a passagem de dois carros dos bombeiros.

De repente, o bairro desapareceu. Ele baixou-se, ao sentir que os escombros caíam. O ar estava carregado de fumo, tão denso que quase não conseguia ver. O bebé estava a chorar no seu colo e o menino também choramingava, e agarrava-se a ele.

– Stephano! – gritou, sem deixar de avançar.

Onde estavam as escadas? Doía-lhe muito a perna, o tornozelo. Não conseguia respirar e não conseguia ver. Tinha a viseira do capacete partida e o fumo e o pó rodeavam-no, cegavam-no.

Só ouvia as sirenes e o fumo impedia-o de ver. Sentia o calor do fogo atrás dele. Chovia cimento e reinava o caos, a confusão.

– Stephano? – voltou a gritar. Mas não ouviu mais nada senão o barulho do túnel a cair à sua volta.

Não conseguia mexer-se. Não podia avançar, nem recuar. Tinha de salvar duas crianças. Onde estavam os colegas? Estava sozinho num mundo que enlouquecera?

– Cristiano!

Ouviu que o chamavam, mas a voz era longínqua, abafada pelas sirenes dos carros.

– Cristiano! O que se passa?

Reconheceu a voz. O que é que Mariella estava a fazer no metro?

– Cristiano, estás a assustar-me – pediu, sacudindo-o e batendo-lhe no rosto.

Ele fechou os olhos e tudo ficou negro.

Capítulo 10

– Cristiano! – gritou Mariella, agarrando-o pelo braço, voltando a sacudi-lo.

Viu-o a cair contra o carro e olhou à sua volta. Sentiu pânico. O que se passava?

– Precisa de ajuda? – perguntou um homem que passava por ali, aproximando-se.

– Sim. Teve um ataque. Não consigo levantá-lo e gostaria de o levar para minha casa. Lá, chamarei uma ambulância.

– Não, uma ambulância, não. Preciso de me sentar um pouco – balbuciou Cristiano, abanando a cabeça.

O homem ajudou-o a endireitar-se.

– Tem a certeza? A ambulância não demoraria nada a chegar.

Cristiano assentiu e pôs o braço à volta dos ombros de Mariella.

– Não é a primeira vez que isto me acontece. Sei o que fazer. Só preciso de me sentar.

– *Grazie* – agradeceu Mariella, levando Cristiano para casa.

Poucos minutos depois, voltavam a estar em casa.

– Estou bem – tranquilizou, sem a soltar.

– Vamos sentar-nos no sofá. Vou preparar um chá. Queres ir ao médico? Pregaste-me um susto de morte.

– Não preciso de ir ao médico – afirmou, deixando-se cair no sofá, apoiando os cotovelos nos joelhos e baixando a cabeça.

– Assustaste-me. Tens a certeza que vais ficar bem?

– Tenho a certeza – insistiu.

Mariella ficou uns segundos a observá-lo. Depois, dirigiu-se para a cozinha.

– Espera aqui, vou buscar o chá.

Estava a começar a acalmar-se, mas não entendia o que acontecera a Cristiano.

Preparou o chá e voltou a correr para a sala. Ele continuava ali. Não se mexera.

Mariella pousou as chávenas na mesinha do café e tocou-lhe no ombro.

Cristiano encolheu-se, levantou-se e aproximou-se da janela. Ainda parecia estar atordoado.

– Lamento – murmurou, fazendo um esforço.

– Transtorno de stress pós-traumático – concluiu, pegando na chávena para beber um gole.

– Como sabes? – perguntou, virando-se para olhar para ela.

– Esqueces que passei os quatro últimos anos em Nova Iorque? Os Estados Unidos são o berço desse transtorno. Por causa dos atentados, dos furacões, dos incêndios florestais, dos terremotos... Tenho uma amiga cujo irmão esteve no Iraque e sofre ataques todos os dias. É isso que se passa?

Cristiano assentiu.

– Agora, já sabes porque não sou um herói – declarou, voltando a olhar para a janela.

– O que tem isso a ver? És um herói. Sobretudo, por teres salvado Dante, depois daquilo que viveste em maio.

Mariella levantou-se e aproximou-se dele. Tocou-lhe. Não ia a lado nenhum.

– Cristiano, és um herói!

Ele bateu na testa com a palma da mão.

– Mas não estou bem da cabeça.

Sacudiu-o com suavidade.

– A minha amiga diz que o irmão está louco, mas adora-o. Acontece-lhe o mesmo. De repente, perde-se num horror que nenhum de nós conhece.

– Não consigo tirar aquelas imagens da minha cabeça. Acordo durante a noite. Às vezes, também acontece durante o dia. De repente, volto àquele inferno. Que tipo de homem sou eu?

– Humano.

Olhou para ela, mas virou-se novamente para a janela.

– Sinceramente, não acho que estejamos prontos para ser testemunhas dos horrores da vida moderna. A mente humana não

consegue absorver tanto. É por isso que tem os seus mecanismos de defesa – explicou Mariella.

– E quais são os meus? Reviver aquele dia para sempre? Não consigo sair do círculo. O fumo, o fogo, o cimento, os gritos das vítimas...

Abraçou-o e apoiou o corpo no dele, até Cristiano levantar um braço e o pôr à volta dos seus ombros.

– Não sei muito sobre o assunto. Ouve dizer que melhora com terapia. Às vezes, outras não. Há sobreviventes do Vietname que continuam a sofrer desse transtorno, ao fim de quarenta anos. É uma recompensa muito ingrata, por ter sido um herói. Não sei como conseguirás superar. Talvez nunca o faças, mas isso não tira valor a quem és, nem ao que fizeste.

– Se não for capaz de funcionar no mundo, podem prender-me e deitar a chave fora – sugeriu ele, demonstrando a sua frustração.

– Espera um momento. Era por isso que te fechavas em casa, no lago Clarissa? A tua família sabe?

Virou-se e agarrou-a pelos ombros.

– Não lhes contes, ouviste?

– Porquê? Não deves envergonhar-te. Não é algo que possas controlar ou curar. Nem sequer é algo que tenhas provocado.

– Pensam que sou uma pessoa intrépida e temerária, que gosta do perigo. Não quero que saibam que me transformei num ser penoso.

– Não és nada penoso. És forte, muito corajoso, um homem digno de confiança – afirmou ela, agarrando-o pelos pulsos e sacudindo-o.

– Ouve, Cristiano, isto não é culpa tua. És um bom homem.

– Claro, como há poucos minutos. Ouço sirenes e desmaio na rua.

– Ouviste-as e fizeram-te regressar àquele dia. Li na Internet que foi horrível. Viste coisas que nunca esquecerás, coisas terríveis. Pessoas a morrer, que não conseguiste salvar. Os teus próprios amigos a morrer. Até tu estiveste em risco de morrer. Serias uma pessoa muito fria, se isso não te tivesse afetado.

– Não consigo superar. Passaram meses. Preciso de voltar ao trabalho, mas receio que nunca chegue esse dia. Conduzo os carros

com as sirenes. O que acontecerá, se tiver um *flashback* e puser os outros em perigo, porque não consigo controlar-me?

Mariella não soube o que dizer. Abraçou-o pela cintura. Ele ficou rígido por uns segundos e abraçou-a também, agarrando-se a ela.

– Partiste o tornozelo quando rebentou a segunda bomba, não foi? – perguntou, esperando não se enganar.

– Sim.

– E sarou, embora tenha demorado um tempo. Pensa que magoaste a cabeça, da mesma maneira. Também demorará algum tempo, mas vai sarar.

Desejou ter razão. Sabia que havia homens que não chegavam a superar. Esperava que Cristiano não fosse um deles. Mas precisava que ele soubesse que tudo era possível.

– Fizeste terapia? – perguntou.

Ele abanou a cabeça.

– O médico do hospital recomendou-me um terapeuta, mas fui para o lago Clarissa assim que me deram alta. E não há lá nenhum.

– E em Monta Correnti?

Cristiano encolheu os ombros.

– Não tens de te envergonhar por estares ferido – insistiu, num tom carinhoso.

– Envergonho-me por não querer arriscar a passar pelo que aconteceu hoje, à frente de outras pessoas. E se estivesse a conduzir? Não posso arriscar a vida dos outros. Não devia ter saído do lago Clarissa. Não devia ter desejado ter uma vida normal, como os outros. Não vou tê-la.

– Não sabes.

– Sei que quero ter o que tinha antes. Uma vida sem preocupações. Stephano e a família dele. A minha própria família. A esperança de me apaixonar, de casar. O que aconteceu a tudo isso?

– Ainda podes apaixonar-te e casar – indicou. – Ainda tens a tua família, assim como a esposa e os filhos de Stephano.

– Que mulher quererá alguém como eu? – perguntou.

Olhou para ele, fixamente.

– Eu – confessou.

– Agora, falas como se estivesses tão louca quanto eu – queixou-se, abraçando-a com mais força e apoiando a cabeça na dela.

– Nenhum de nós está louco – afirmou Mariella.

– Se não estivesse, tentaria conquistar-te como um louco – assegurou ele.

O coração dela acelerou.

– Não brinques comigo!

Cristiano riu-se.

– Não posso oferecer-te nada. Sempre recordarei os dias que passámos juntos, no lago, mas precisas de alguém completo e livre de *flashbacks* que possam magoar-te, ou ao teu filho. Oxalá as coisas fossem de outra maneira, mas não são.

– E já está? Vais afastar-te do mundo inteiro, porque nem tudo é perfeito no teu mundo? – perguntou, olhando para ele.

– Tem de ser assim.

– Não é verdade – replicou, escapando dele. – Não és daqueles que se rendem assim tão facilmente. Amas-me, Cristiano?

– Não tenho esse direito.

– Não foi isso que perguntei – respondeu, fulminando-o com o olhar.

Respirou fundo e olhou para ela, fixamente, como se estivesse a memorizar as suas feições.

– Amo-te, Mariella Holmes. O teu otimismo alegra a minha vida. A tua gargalhada faz cantar o meu coração. Adoro ver como te entregas ao filho da tua amiga. Desejo-te e desejaria passar as noites a amar-te, e os dias a fazer-te feliz. Mas não tenho nada para te oferecer. Neste momento, não tenho trabalho. E tenho um transtorno de stress pós-traumático. Sou um desastre.

Sorriu e voltou a aproximar-se dele.

– Eu também te amo, Cristiano. Pensei que me afastavas porque não me amavas, mas amas. Juntos, enfrentaremos qualquer coisa!

– Não me ouviste? Não temos futuro!

– Prefiro ignorar o que não quero ouvir. Podemos enfrentar isto. Sei que podemos. Amo-te como és. Não te conheci antes, portanto, gosto de ti assim.

– E se voltar a ter outro ataque?

– Tomaremos conta disso. Talvez possas começar a fazer uma terapia e ver se isso te ajuda. Não és o único homem que passa por isto. Com quem falaste sobre o assunto? A quem contaste?

– A ninguém.

Abanou a cabeça com exasperação.

– Pensei que eras um lutador.

– E sou. Quando é algo contra o qual posso lutar. Para isto... Não tenho recursos.

– Tenta encontrá-los. Liga ao teu superior e conta-lhe. Pergunta-lhe se mais alguém está a ter esse problema e o que está a fazer para superar. Por favor, não desperdices o que podemos ter juntos, por pensares que estás sozinho. A tua família vai apoiar-te. Os teus amigos também. Todos. E, sobretudo, eu.

– Não posso lutar contra isso.

– Podes, sim. Podemos.

Fez-se um longo silêncio. Depois, Cristiano suspirou, abraçou-a e deu-lhe um beijo.

– O que fiz para merecer isto? – sussurrou.

Um momento depois, apoiou a cabeça na dela e disse:

– Não sou o que quero para ti, Mariella. Devias estar com um homem saudável, perfeito. Eu sou material defeituoso. Mas amo-te e gostaria que, um dia, quando soubermos mais a respeito do que se passa comigo e do prognóstico, aceites casar comigo.

– Sim! E não preciso de esperar. Amo-te, Cristiano. Quero estar sempre contigo. Aconteça o que acontecer. Enfrentaremos tudo juntos. Além disso, também tenho bagagem. Dante vai precisar de um pai.

– Também amo muito o bebé. Quero vê-lo a crescer, ver o tipo de homem em que se transforma. E fazer parte disso, fazendo-o distinguir o que está bem do que está mal, ver como descobre o mundo.

– Que melhor pai para ele, do que um herói? Lembra-te de que lhe salvaste a vida, que te pertence.

– O pai biológico deve ser tolo. Sentir-me-ei muito honrado por ser o pai de Dante. Vais casar comigo? Assim que soubermos...

Sossegou-o, pondo-lhe os dedos nos lábios.

– Assim que quisermos. Não temos de esperar que as estrelas se alinhem, nem nada parecido. Quero estar contigo agora, começar as nossas lembranças e costumes. E ajudar-te, até resolveres isto.

– Não tenho trabalho.

– Mas eu tenho. Se pudéssemos viver em tua casa durante algum tempo, sobreviveríamos. Não me digas que não queres estar comigo, se não for perfeito. O amor não é assim. Há coisas boas e más, altos e baixos. Agora, que sei que me amas, não quero que nos separemos. Só tenho Dante no mundo. Contigo, sinto-me completa, parte de uma família.

– E se eu não melhorar?

– Cristiano, o que farias se eu ficasse doente?

– Cuidaria de ti.

– E não podes dar-me a mesma oportunidade? Quero amar-te, estar contigo. Cristiano, pediste-me para casar contigo e a resposta é sim. Não um dia, mas já.

Levantou-a, fazendo-a rodopiar.

– Amo-te! – gritou.

– Eu também te amo! – exclamou Mariella, rindo-se.

Passaram o resto da tarde a beijar-se, a fazer planos, a beijar-se mais, a ligar ao chefe de Cristiano e, finalmente, foram para o lago Clarissa.

– Estou desejosa de contar a Dante – disse ela, enquanto conduzia pelas ruas de Roma.

Cristiano insistira que fosse ela a conduzir, para o caso de voltar a ouvir sirenes.

– Tem seis meses. Achas que vai entender?

– Vais ser o papá dele. É uma notícia muito especial.

– Acho ainda mais especial que vás ser minha esposa.

– A tua família vai achar bem? Quando vais contar-lhes?

– Sabes que todos os meus primos e irmãos se casaram nos últimos seis meses? Deve haver alguma coisa na água.

– Que tolice!

– Todos temos mais ou menos a mesma idade, é natural, suponho. Embora tenha pensado que, depois daquilo que aconteceu em maio, nunca encontraria alguém especial.

- Então, podemos contar-lhes durante a festa.
 - Depois daquilo que aconteceu hoje, não sei se deveria ir. E se...?
 - Entenderão, se acontecer alguma coisa. Não podes isolar-te do mundo. Ficarão muito orgulhosos por receberes a medalha.
 - Meu Deus! – gemeu ele. – Não posso aceitá-la.
 - Claro que podes. Desde que não se ouçam sirenes, estarás bem, não é?
 - A única coisa que sei neste momento é que poderia passar o tempo a olhar para ti, sem fazer nada – declarou, segurando-lhe na mão e dando-lhe um beijo.
 - Achas que a tua família vai gostar de mim?
 - Sim. És adorável.
- Ela riu-se.
- Recorda-te sempre disso.
 - Sempre te amarei. Sempre.

Capítulo 11

Mariella escolhera um vestido comprido de veludo bordô, muito adequado para a ocasião. Fora ao cabeleireiro e pintara as unhas a condizer com o vestido. Sentia um formigueiro no estômago e sabia que Cristiano devia estar ainda mais tenso do que ela.

Iria buscá-la dentro de dez minutos. Passara a semana a rezar, para que nenhuma sirene lhes estragasse a noite.

Cristiano bateu à porta, à hora prevista. A vizinha de baixo ia ficar com Dante, nessa noite. Nada iria interferir na cerimónia que Cristiano tanto merecia.

Mariella abriu a porta e ficou surpreendida, ao ver como ficava bonito com o uniforme.

– Terás de impedir que me aproxime dos edifícios em chamas – declarou, aproximando-se para lhe dar um beijo.

Só tinham estado separados um dia, mas parecera uma semana ou mais.

– Nem sequer sei se poderei voltar a trabalhar – murmurou, chegando-se para trás para a observar. – Estás linda.

– Estou pronta – afirmou, pegando no casaco.

– Pelo menos, tu estás – replicou Cristiano.

– Vai correr tudo bem.

– Se acabar no chão, vou culpar-te.

Apertou-lhe o braço, carinhosamente.

À porta, esperava-os a limusina que Cristiano alugara para a ocasião. Alguns minutos mais tarde, chegavam à porta do Parlamento.

– AnnaMaria também vem? – perguntou Mariella, antes de sair do veículo.

– Sim. E também os pais dela e os de Stephano.

Eram muitos os fotógrafos que estavam à espera à porta e os jornalistas que perguntavam aos convidados como se sentiam.

– Suponho que não devo confessar que tenho vontade de vomitar, pois não? – murmurou Cristiano.

Ela riu-se e sorriu para as câmaras.

– Estou muito orgulhosa de estar aqui contigo.

– Então, sigamos em frente e recordemos os que caíram – declarou, oferecendo-lhe o braço.

Mariella sentou-se na segunda fila e ele ficou junto dos seus companheiros. Foi uma cerimónia muito pomposa, em que o Primeiro-ministro discursou e onde disseram o nome de todas as pessoas que tinham falecido nos atentados.

Depois, foram nomeando as pessoas que tinham trabalhado naquele dia, para salvar vidas. Mariella aplaudiu, ao ouvir o nome de Cristiano, ao vê-lo a avançar, orgulhoso, para receber a medalha.

Assim que a cerimónia acabou, Cristiano foi procurar Mariella.

– Vamos sair daqui – pediu.

– Não, temos de ir à receção. Estarão lá as pessoas que salvaste. Tens de as ver. Para que te agradeçam e percebas o que fizeste naquele dia.

– Está bem – acedeu, suspirando. – Mas não ficaremos muito tempo.

Na receção, Mariella conheceu AnnaMaria e transmitiu-lhe a sua tristeza pela morte do marido. Várias pessoas se aproximaram para felicitar Cristiano, entre elas, um homem com um bebé ao colo.

– Obrigado por me dar o meu filho – agradeceu. – A minha esposa faleceu, mas ainda o tenho, que é o melhor dela. Obrigado.

Também se aproximou um rapazinho tímido. Ia acompanhado pelos avós.

– Este é Emelio, a última pessoa que salvou, com o bebé. É o nosso orgulho, a nossa alegria, obrigado – agradeceram. – A nossa filha e o marido faleceram, mas ainda o temos.

– Obrigado por me salvar – agradeceu o menino, sorrindo a Cristiano.

Também se aproximou a jovem que salvara primeiro, que apresentou o marido e a filha. Todos lhe agradeceram.

E assim decorreu a noite, até todos terem agradecido ao homem que lhes salvara a vida.

– Agora, diz-me que não achas que és um herói – desafiou Mariella.

– Só estava a fazer o meu trabalho. Oxalá tivesse conseguido salvar mais pessoas.

Depois, despediram-se de AnnaMaria e do resto da família de Stephano, e voltaram para a limusina. Mariella apertou-lhe a mão.

– Consequiste, não tiveste ataques!

– Não teria conseguido fazê-lo sem ti. Sabes isso.

– Formamos uma boa equipa. Amo-te – murmurou ela.

– Não tanto como eu a ti – afirmou, inclinando-se para lhe dar um beijo.

Na noite seguinte, Cristiano estacionou o carro perto da *piazza* de Monta Correnti.

– Estou nervosa – confessou Mariella.

– Não temos de ir. Podemos voltar para casa. Dante, tu e eu. Podíamos acender a lareira, sentar-nos, conversar até adormecer e fazer planos.

Era tentador, mas Mariella sabia que tinha de conhecer o resto da família dele e seria melhor fazê-lo de uma vez.

– Lembra-te de que, na verdade, a celebração é para o teu pai. A tua medalha é uma desculpa.

– Eu sei. Mas, mesmo assim, vou chamar mais a atenção do que gostaria. E espero que sejam tão atentos como pensas.

– Serão. Amam-te.

Mariella maravilhava-se por aquele homem tão dinâmico a amar. Tinham planeado casar antes do Natal e continuar como estavam até então. Mais tarde, tinham esperança de que ele pudesse voltar a trabalhar como bombeiro. Se não, iria dedicar-se a trabalhar a madeira, algo que adorava fazer.

– Então, vamos – decidiu.

Saíram do carro, tiraram o carrinho e o bebé, e foram para o restaurante. Assim que entraram, o irmão Valentino viu-os.

– O herói do momento! – exclamou, levantando um copo em sua honra.

Cristiano olhou à sua volta.

– Não conheço metade das pessoas. Pensei que só ia ver a família – murmurou ele.

– Já estava na hora! – exclamou Isabella, aproximando-se e dando-lhe um abraço. – Pensei que não vinhas.

Também abraçou Mariella e Dante.

– Sejam bem-vindos – acrescentou. – Vimos a entrega das medalhas, na televisão. Passei quase o tempo todo a chorar. Estou muito orgulhosa de ti, Cristiano.

– Não sei se te lembras de Clara – interveio Valentino, apresentando a mulher que estava ao seu lado.

– Lembro-me dela – confirmou Cristiano. – Parabéns pelo casamento. Espero que ele te trate bem. Se não for assim, diz-me.

– Ah, trata-me muito bem – afirmou ela, esfregando a barriga e sorrindo. – Logo veremos como o faz, quando chegar o bebé.

– Parabéns, não sabia! – exclamou Cristiano, dando a mão ao irmão e umas palmadinhas nas costas. – Mas penso que, no assunto da família, estou a ganhar – acrescentou, olhando para Dante.

– *Ciao*, Cristiano – cumprimentou outra pessoa.

– Scarlett, há muito tempo que não te via – replicou. – Quero que todos conheçam Mariella Holmes. A minha noiva – apresentou, com orgulho.

Todos os felicitaram.

– Nós também temos notícias – anunciou a prima Lizzie. – Quero que conheças os meus gémeos.

Depois de ter visto os filhos da prima, Cristiano olhou para o outro lado do salão e viu os meios-irmãos pela primeira vez. Estavam juntos, bem acompanhados, e eram parecidos com o pai, mas com cabelo e olhos mais claros. Começaram a dirigir-se para eles, quase ao mesmo tempo que Cristiano e Mariella.

– Sou Cristiano – apresentou-se.

– Angelo – apresentou-se o de olhos azuis, estendendo-lhe a mão.

– Alex – acrescentou o mais musculado.

– Está aqui a tia Lisa – indicou a irmã Isabella, puxando-lhe a manga. – E o papá não tardará a chegar. Esperemos que aceite a

fusão.

Luca entrou pela porta e foi cumprimentando todos os convidados.

– Filho – murmurou, ao chegar a Cristiano, dando-lhe um abraço forte. – Estamos muito orgulhosos de ti. Alegra-me que tenhas voltado para casa e espero que venhas ver-nos com frequência, quando voltares para Roma.

– Tenho de te contar uma coisa, papá. Mas este não é o lugar, nem o momento. Por enquanto, não vou voltar.

– Bom, em qualquer caso, espero ver-te mais vezes, a partir de agora.

– Luca – chamou a irmã Lisa, aproximando-se. – A mamã ficaria contente, se nos visse juntos.

Ele assentiu e olhou à sua volta.

– Certamente, sim. Todos os netos estão aqui. É um dia feliz. Sobretudo, para mim, que há muitos anos que não via os meus filhos gémeos.

– Atenção! – exclamou Isabella, conseguindo fazer com que todos parassem de falar e olhassem para ela. – Para começar, fico feliz por todos terem vindo. Estamos aqui reunidos para celebrar a medalha que o meu irmão recebeu, por salvar sete pessoas nos atentados do mês de maio. E também resgatou Mariella e Dante de um incêndio, no lago Clarissa. Coisa que, como todos podemos ver, teve um final feliz.

Todos se riram.

– Mas há outro motivo para estamos aqui, esta noite – continuou Isabella. – Há muitos anos, a minha tia Lisa e o meu pai ficaram com o restaurante da mãe, a nossa avó Rosa. Hoje, queremos voltar a uni-los. Cada restaurante será diferente, mas os dois funcionarão como um só. Papá, fazemos isto por ti. Para te agradecer por seres tão bom pai, apesar das muitas dificuldades que tiveste de enfrentar.

Luca olhou para ela, surpreendido.

– Não sei o que dizer. Era isso que a mamã queria. Depois de tantos anos...

Lisa assentiu.

– A culpa é minha, mas brindemos a um futuro, juntos.

Todos levantaram o copo e beberam. Depois, voltaram as gargalhadas e as conversas.

Isabella apresentou o irmão ao marido, Max, que ainda não conhecia.

E Valentino felicitou Cristiano pelo seu casamento.

– Obrigado. E vais ser pai, Val. Custa-me acreditar – admitiu.

– Nunca pensei que isso aconteceria – admitiu Valentino. – Quase perdi Clara, antes de a ter. A vida é efémera. Lembra-te da nossa mãe, que morreu tão jovem.

– Esta noite, ficaria feliz, se nos visse – comentou Cristiano.

Sabia que o irmão Valentino sempre se sentira culpado por não ter conseguido salvá-la, mas era apenas um menino.

– Mariella e eu vamos adotar Dante.

– Não é filho dela?

Cristiano explicou tudo rapidamente e acrescentou:

– Quero ter a certeza de que o meu filho saberá sempre que é meu, independentemente de quem doou o esperma. Tu sempre foste filho do papá. E meu irmão.

Valentino assentiu e procurou Clara com o olhar.

– Mudei. Agora, o que mais me importa é o amor e a família.

– Embora tenhamos irmãos que não conhecemos? – perguntou Cristiano.

– É uma história muito triste. O papá fez o que pôde, mas não podia sustentá-los.

– É difícil habituar-me à ideia.

– Como ia pensar que a tia Lisa quer que os dois restaurantes se unam, ou que Lizzie casou com um australiano e tem gémeos – comentou Valentino.

– Ou que Isabella se casou.

– Com um príncipe, nem mais nem menos.

– O quê? Não me contou isso.

– O príncipe Maximilliano Di Rossi – revelou Valentino.

– E tenciona deixar o restaurante?

– Não me parece. Quem mais poderia geri-lo?

– E o tipo que está com Jackie, não é o homem com quem esteve há muitos anos?

– Sim, à segunda foi de vez. É agradável. Mas custa-me comunicar com o australiano. Penso que só sabe dizer «amo-te, meu amor». E só o diz a Lizzie.

Cristiano riu-se, feliz por voltar a estar com a sua família. Ainda podia ter um ataque, a qualquer momento, mas Mariella tinha razão. Se acontecesse, a família iria apoiá-lo.

Viu-a a aproximar-se, sorrindo. Nunca se cansaria de olhar para ela, nem de estar com ela.

– Já conheci os teus irmãos gémeos e os teus sobrinhos gémeos. Achas que corremos o perigo de ter gémeos?

– Venha o que vier, podemos enfrentá-lo, juntos.

– Boa resposta! Amo-te, Cristiano.

– E eu a ti, querida. Que ricas boas-vindas à família, eh?

– Bom, conheci uma atriz, um jogador de basebol, dois rancheiros, uma estilista... Uma família muito eclética.

– E não te esqueças do príncipe.

– O quê? – perguntou, olhando à sua volta.

– Escondi-me do mundo por uns meses e tudo muda.

– Para melhor. Há uns meses, eu não tinha nada. Agora, tenho-te a ti, o bebé e esta família.

– E eles também te terão a ti, que és uma mulher incrível. Nunca serei capaz de te dizer como te amo, nem o que o teu amor significa para mim. Devolveste-me a vida.

– Promete que seremos felizes, sempre – pediu ela.

– Sempre.

Cristiano levou-a para um canto, para lhe dar um beijo. Atrás da coluna, a tia estava a falar com um homem que não conhecia.

– Continuo a ser solteira – estava a dizer a tia. – Mas talvez esteja a pensar em casar.

– Sempre quiseste ser livre – indicou o homem.

– Sempre quis estar contigo – replicou ela. – Casarias comigo?

Cristiano olhou para trás da coluna. Tanto a tia como o homem olharam para ele.

– Nem penses em dizer nada – avisou ela. – Rafe, vais responder?

– Sim. Mas quando estivermos a sós – salientou.

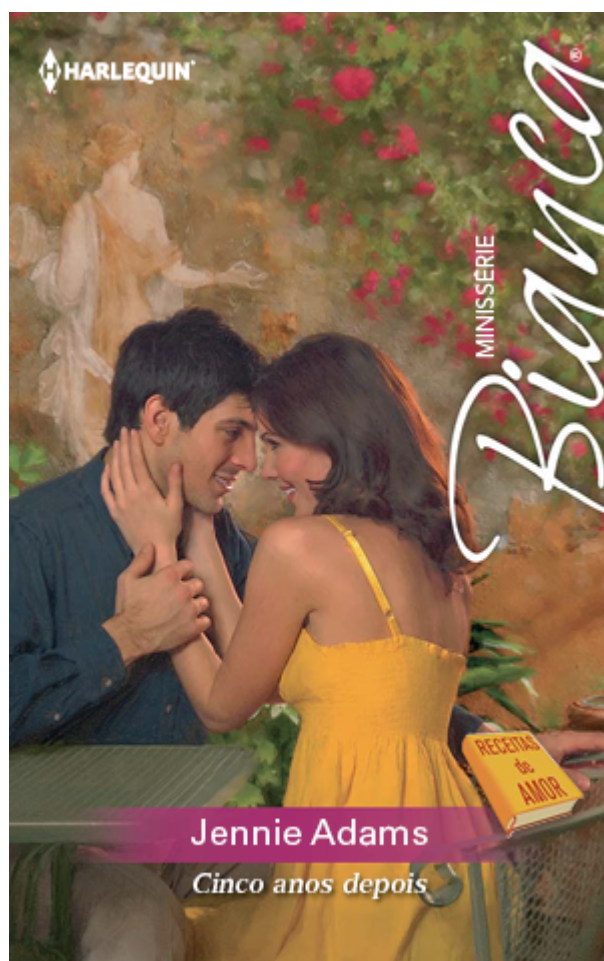
– Está na hora do jantar – anunciou Isabella.

– Ah! Primeiro, outro brinde – declarou Luca, aproximando-se da filha. – À herança da nossa mãe Rosa.

– À herança da mamã – repetiu Lisa.

– Ao Rosa! – exclamaram todos, em unísono.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harlequinportugal.com